

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO MÉDIO
VOLUME 3

Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Língua Portuguesa : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2015.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 3)

Conteúdo: v. 3. 3ª série do Ensino Médio.

ISBN: 978-85-8312-153-4 (Impresso)

978-85-8312-133-6 (Digital)

1. Língua Portuguesa – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Médio.
3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Márcio Luiz França Gomes

Secretário

Cláudio Valverde

Secretário-Adjunto

Maurício Juvenal

Chefe de Gabinete

Marco Antonio da Silva

*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald

Secretário

Cleide Bauab Eid Bochixio

Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes

Chefe de Gabinete

Ghisleine Trigo Silveira

Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes

Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira, Adriana dos Santos
Cunha, Durcilene Maria de Araujo Rodrigues,
Gisele Fernandes Silveira Farisco, Luiz Carlos Tozetto,
Raul Ravanelli Neto, Sabrina Moreira Rocha,
Virginia Nunes de Oliveira Mendes
Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto
Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa
Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha
Diretora Técnica de Formação Profissional

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica
Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica
Ana Paula Alves de Lavos, Carlos Ricardo Bifi, Elen Cristina
S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fabiana
de Cássia Rodrigues, Fernando Manzieri Heder, Herbert

Rodrigues, Jonathan Nascimento, Laís Schalch, Liliane
Bordignon de Souza, Maria Helena de Castro Lima, Paula
Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Borghi
Venco e Walkiria Rigolon

Autores
Arte: Roseli Ventrella e Terezinha Guerra; *Biologia*: José Manoel
Martins, Marcos Egelstein, Maria Graciete Carramate Lopes
e Vinicius Signorelli; *Filosofia*: Juliana Litvin de Almeida e
Tiago Abreu Nogueira; *Física*: Gustavo Isaac Killner; *Geografia*:
Roberto Giansanti e Silas Martins Junqueira; *História*: Denise
Mendes e Márcia Juliana Santos; *Inglês*: Eduardo Portela;
Língua Portuguesa: Kátia Lomba Brakling; *Matemática*: Antonio
José Lopes; *Química*: Olímpio Salgado; *Sociologia*: Dilma Fabri
Marão Pichoneri e Selma Borghi Venco

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola
Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira
Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e
Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

Equipe de Produção
Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes
Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas
de Araújo, Alícia Toffani, Amarilis L. Maciel, Ana Paula S.
Bezerra, Andressa Serena de Oliveira, Bárbara Odria Vieira,
Carolina H. Mestriner, Caroline Domingos de Souza, Cíntia

Leitão, Cláudia Letícia Vendrame Santos, David dos Santos
Silva, Eloiza Mendes Lopes, Érika Domingues do Nascimento,
Fernanda Brito Bincoletto, Flávia Beraldo Ferrare, Jean Kleber
Silva, Leonardo Gonçalves, Lorena Vita Ferreira, Lucas Puntel
Carrasco, Luiza Thebas, Mainã Greeb Vicente, Marcus Ecclissi,
Maria Inez de Souza, Mariana Padoan, Natália Kessuani Bego
Maurício, Olivia Frade Zambone, Paula Felix Palma, Pedro
Carvalho, Polyanna Costa, Priscila Risso, Raquel Benchimol
Rosenthal, Tatiana F. Souza, Tatiana Pavanelli Valsi, Thaís Nori
Cornetta, Thamires Carolline Balog de Mattos e Vanessa Bianco
Felix de Oliveira

Direitos autorais e iconografia: Ana Beatriz Freire, Aparecido
Francisco, Fernanda Catalão, José Carlos Augusto, Larissa Polix
Barbosa, Maria Magalhães de Alencastro, Mayara Ribeiro de
Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Roberto Polacov, Sandro
Carrasco e Stella Mesquita

Apoio à produção: Aparecida Ferraz da Silva, Fernanda Queiroz,
Luiz Roberto Vital Pinto, Maria Regina Xavier de Brito, Natália
S. Moreira e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo
Russo e Casa de Ideias

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Médio e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Já na aba **Conteúdo EJA**, poderá acessar os Cadernos e vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.

TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI **Unidade 1 – O diálogo sem fim existente entre os textos.....9**Tema 1 – A inevitável conversa entre os textos.....9 Tema 2 – Discussão em foco: intertextualidade e interdiscursividade.....17 **Unidade 2 – Recursos utilizados na organização interna do texto..... 30**Tema 1 – A organização dos trechos do texto: frase e período30 Tema 2 – Uma estratégia para surpreender o leitor.....42 **Unidade 3 – Opinião? No jornal também tem! 52**Tema 1 – No jornal, onde está a opinião?52 Tema 2 – O artigo de opinião e seu tecido interno.....69 Tema 3 – O processo de argumentação no artigo de opinião.....81 **Unidade 4 – Argumentar por escrito: a elaboração de um artigo de opinião.....98**Tema 1 – O planejamento do artigo de opinião.....98 Tema 2 – A revisão do artigo concluído.....126 **Unidade 5 – Dois estudos: contos fantásticos e recursos de organização interna dos textos..... 130**Tema 1 – Conto fantástico: um tipo muito especial de literatura.....130 Tema 2 – Paralelismo: um recurso linguístico para sequenciar as ideias no texto.....150

Caro(a) estudante,

Você está começando agora o terceiro e último Volume do Ensino Médio do Programa EJA – Mundo do Trabalho. Falta pouco para a conclusão de seus estudos, o que, sem dúvida, é muito importante para você. Nesta reta final, os conteúdos do Caderno de Língua Portuguesa visam aperfeiçoar seus conhecimentos sobre a língua, ajudando-o a ler, escrever, interpretar e produzir textos. Para orientar sua aprendizagem, este Caderno organiza-se em cinco Unidades.

A Unidade 1 tratará dos diversos tipos de articulação que podem ser estabelecidos entre diferentes textos. Serão estudadas as maneiras como essas articulações acontecem e quais são as consequências desse fenômeno para os sentidos dos textos. Para tanto, três ideias fundamentais serão discutidas: dialogicidade, intertextualidade e interdiscursividade.

A Unidade 2 abordará a organização interna dos textos, focalizando os diversos recursos linguísticos que podem ser utilizados para articular suas diferentes partes, de modo a apresentar novas informações, conectar ideias que se complementam ou se relacionam e, principalmente, analisar os efeitos de sentido que provocam no leitor.

A Unidade 3 apresentará o estudo de artigos de opinião que circulam na mídia impressa e eletrônica, discutindo função, finalidade e organização interna desse tipo de texto. Tudo isso por meio da leitura de vários artigos a respeito de questões polêmicas de relevância no momento atual.

Na Unidade 4, você será orientado a produzir um artigo de opinião. Para tanto, será retomada a discussão realizada na Unidade 3, com orientação do seu trabalho de planejamento, textualização (ou seja, de escrita, propriamente, de redação) e revisão.

Na Unidade 5, você lerá – e estudará – um conto fantástico com o objetivo de compará-lo com outros tipos de conto, analisar suas características e estudar suas peculiaridades. Por fim, fará exercícios para retomar conteúdos das Unidades anteriores, especialmente o recurso do paralelismo (sintático e semântico).

Como você pode ver, há muito trabalho pela frente. Então, mãos à obra!

TEMAS

1. A inevitável conversa entre os textos
2. Discussão em foco: intertextualidade e interdiscursividade

Introdução

Nesta Unidade, serão estudadas as diferentes maneiras de um texto relacionar-se com outro. Por exemplo: a inclusão de trecho de um texto dentro de outro texto; a referência, no interior de um texto, a outro texto, citando o título ou autor; a organização estrutural de um texto de maneira idêntica ou similar à de outro texto. Além disso, serão analisadas as implicações dessas articulações entre os textos aos sentidos do texto que recebeu outro em seu interior. Compreender essas articulações auxilia o leitor em uma atribuição mais ampla de sentido aos textos, em uma compreensão mais aprofundada deles. Por outro lado, ao analisar tais recursos, é criado um espaço para que você os utilize nos seus próprios textos com maior habilidade.

Três ideias serão fundamentais neste estudo: **dialogicidade**, **intertextualidade** e **interdiscursividade**. Todas serão esclarecidas nesta Unidade por meio de exercícios e reflexão.

A inevitável conversa entre os textos TEMA 1

Neste tema, o objetivo é compreender as razões pelas quais os textos conversam entre si, de que modo isso pode acontecer e que consequências isso traz para os sentidos deles.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Diga-me com quem andas e te prometo que não digo a mais ninguém.

Os últimos serão os atrasados.

Quem espera nunca alcança.

- Textos como esses costumam circular muito na internet. Você já se deparou com algum parecido? Dê um exemplo.
-
-

- Provavelmente, você conhece os seguintes ditados:

Diga-me com quem andas e te direi quem és.

Os últimos serão os primeiros.

Quem espera sempre alcança.

Que semelhanças e que diferenças existem entre os ditados desse boxe e os textos do boxe anterior? Explique.

- Você acha que as semelhanças e as diferenças que apontou na questão anterior são um mero acaso ou foram produzidas de propósito? Por quê?
-
-



A dialogicidade da linguagem verbal

É comum, quando se está lendo um texto, de repente parecer que foi encontrado outro texto dentro do primeiro. Algumas vezes identificam-se trechos inteiros de textos que são conhecidos, outras vezes os trechos não estão lá claramente, com todas as letras, mas são reconhecidos os seus sentidos, identificadas suas referências. Isso se deve a uma característica fundamental da linguagem verbal e dos textos, que é a **dialogicidade**. Ela nada mais é que a constante e permanente relação que os textos estabelecem entre si. Essa relação pode acontecer:

- por causa do **assunto** de que os textos tratam – que pode ser o mesmo;
- por causa do **modo como dizem** o que têm a dizer – que pode ser semelhante;
- porque **concordam** com o que já disse um texto anterior, por isso o trazem para dentro do que se escreve, reproduzindo trechos ou imitando seu formato e sua estrutura, por exemplo;
- porque **discordam** do que outro texto escrito antes dele disse.

De qualquer modo, os textos se relacionam, e isso pode se tornar mais ou menos perceptível para um leitor, dependendo da estratégia utilizada pelo autor ao escrever. Quando essa relação acontece apenas com o conteúdo, pode ficar mais difícil para o leitor perceber, pois ele precisa conhecer o texto anterior, ter familiaridade com ele para reconhecê-lo. Mas, quando essa relação ocorre no nível do texto, quer dizer, quando o anterior é trazido para dentro do texto que está sendo lido, a situação é diferente, pois fica mais fácil de o texto anterior ser identificado. Por outro lado, também é preciso que o leitor conheça esse texto anterior ou não será possível reconhecê-lo.

Quando se fala em **conteúdo** de um texto, a referência é o assunto de que trata, as ideias que contém e que são nele apresentadas. Quando se fala no **modo de dizer o conteúdo**, atenta-se para a **forma** que um texto assume, que compreende a sua organização interna, sua estrutura. Por exemplo, a **forma** de um poema é a sua organização por meio de versos e estrofes. Um conto, por outro lado, organiza-se em texto corrido, como se costuma dizer, sem divisões em versos e estrofes.

No entanto, ambos os textos – o poema e o conto – podem tratar do mesmo tema, do mesmo **conteúdo**, como uma desilusão amorosa ou um encontro de amor.



Preparando-se para a atividade

Você fará, agora, um estudo que exigirá a leitura do poema *No meio do caminho*, do autor brasileiro de renome Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Carlos Drummond de Andrade: um grande escritor brasileiro

Drummond é um dos maiores poetas do **modernismo brasileiro**. Mineiro de Itabira, publicou seus primeiros artigos no *Diário de Minas*, em 1921, e teve como uma de suas primeiras investidas na literatura a publicação do conto *Joaquim do telhado*, com o qual venceu o Concurso da Novela Mineira em 1922. Logo depois, em 1925, fundou *A revista*, que acolhia os escritores modernistas e divulgava o movimento.



Modernismo brasileiro

Movimento que nasceu do desejo de artistas de concretizarem uma arte que fosse genuinamente brasileira, que valorizasse as características nacionais, respeitando-as e abandonando as influências europeias. Havia a vontade de mostrar na arte – fosse na literatura, na pintura, na escultura, na música – o Brasil real, sem romantizá-lo, retratando o povo como ele era, morador das favelas, sofredor, marginalizado. A **Semana de Arte Moderna**, que aconteceu em 1922, foi o momento culminante do modernismo brasileiro. No entanto, muitas obras produzidas antes dela foram criando o contexto para que o movimento acontecesse. A obra *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, que retrata a Guerra de Canudos, por exemplo, foi uma delas, com uma temática nacionalista.

Chegou a ser professor em Itabira, mas sua vida estava mesmo reservada para a poesia. Em 1928, publicou *No meio do caminho*, na *Revista de Antropofagia* de São Paulo (SP), causando um grande impacto na crítica pela repetição presente no poema e pelo emprego de *tinha* em vez de *havia*.

FICA A DICA!

Conheça a história do poeta contada por ele mesmo acessando a página: <<http://www.carlosdrummond.com.br>> (acesso em: 11 set. 2014). Nela está disponibilizado o vídeo *O fazendeiro do ar*, de 1972, um documentário de Fernando Sabino e David Neves.

Desde essa data, não parou mais de escrever, aventurando-se também pela prosa. Tornou-se um poeta bastante popular, pois sua poesia era facilmente compreendida pelo público. Sua observação do cotidiano permitia que retratasse as pessoas com sensibilidade, ironia e humor, além de certa dose de pessimismo diante da vida.

Drummond faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1987, exatamente doze dias depois da morte de sua filha, a também escritora Maria Julieta Drummond de Andrade.

Uma curiosidade muito importante para esse estudo

Na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, está exposta uma estátua do poeta Carlos Drummond desde 30 de outubro de 2002. Foi uma homenagem que a cidade resolveu prestar a ele – que lá viveu boa parte de sua vida – pelo centenário do seu nascimento.

Criada pelo artista plástico Léo Santana, a escultura reproduz uma fotografia feita por Rogério Reis em 1983, publicada na revista *Veja*, que mostra o poeta sentado num banco da praia de Copacabana. É, hoje, um dos monumentos mais visitados da cidade. Infelizmente, no entanto, a estátua sofre constantes depredações.



© João Luiz Buíção/Tyba



© Rogério Reis/Editora Abril

A escultura (de Léo Santana) e a fotografia que a inspirou (de Rogério Reis). No banco, está gravado o seguinte verso do poema *Mas viveremos*, de Drummond: "No mar estava escrita uma cidade"*.

* ANDRADE, Carlos Drummond de. *Mas viveremos*. In: _____. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 132-133. Carlos Drummond de Andrade © Grafiã Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>.

ATIVIDADE 1 Literatura disfarçada de notícia

Leia os dois textos apresentados a seguir. O texto 1 é o poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade. O texto 2 é uma notícia publicada na revista *Istoé*.

Texto 1

No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.

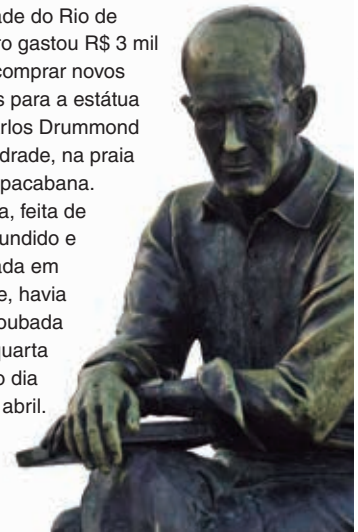
Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *No meio do caminho*. In: _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 16. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>.

Texto 2

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM LADRÃO

A cidade do Rio de Janeiro gastou R\$ 3 mil para comprar novos óculos para a estátua de Carlos Drummond de Andrade, na praia de Copacabana. A peça, feita de ferro fundido e banhada em bronze, havia sido roubada pela quarta vez no dia 23 de abril.



© Fábio Motta/Agência Estado/AE

Revista Istoé, nº 2014, 11 jun. 2008.

1 Ao ler o poema *No meio do caminho*, o trecho “no meio do caminho tinha uma pedra” é encontrado repetidas vezes. No cotidiano, é comum que essa expressão seja utilizada quando se encontra um problema. Da mesma forma, costuma-se dizer “aquilo era uma pedra no meu sapato” quando algo incomoda em determinada situação. No poema, o eu lírico repete muitas vezes que “tinha uma pedra no meio do caminho”. Como você interpretaria essa repetição tão insistente? Explique.

2 Observe o título da notícia do texto 2. Que relação é possível estabelecer entre ele e o texto 1? Explique.

3 Que diferença faria para a notícia se o título fosse *Óculos do poeta roubados pela quarta vez*? Explique.

4 Como é possível interpretar o título *No meio do caminho tinha um ladrão* ao ler a notícia e estabelecer relação entre ela e o poema? Explique sua resposta.

5 Que sentidos esse título introduz na notícia? Explique.



Um poema infiltrado na notícia

Você deve ter notado que o poema de Drummond *No meio do caminho* foi escrito antes da notícia da revista *Istoé*. Por isso, foi possível incorporá-lo no título da notícia. No entanto, essa incorporação não foi uma simples cópia: o verso do poema foi modificado com a substituição da palavra “pedra” por “ladrão”. Que sentidos esse recurso terá produzido na notícia?

Para responder a essa pergunta, primeiro é preciso analisar qual o sentido da palavra “pedra” no poema. Várias são as possibilidades de interpretação: pode ser vista como alguma dificuldade da vida que passou a preocupar o eu lírico; pode ser um problema que surgiu quando ele não esperava ou quando estava muito cansado e, por isso, ele tinha dificuldade para identificar; é também possível compreender que se tratava apenas de uma pedra no caminho mesmo, na qual o eu lírico talvez até tenha tropeçado, e por isso não esquecia o ocorrido.

Qualquer que seja a ideia, uma coisa é certa: a “pedra” parece ser encarada com naturalidade, dentro da normalidade da vida, pois ele usa uma expressão muito comum para referir-se ao que parecia preocupá-lo.

A repetição insistente da ideia de “pedra no meio do caminho” marca tanto o não esquecimento da questão pelo eu lírico quanto a sua preocupação.

Assim, quando o verso do poema é modificado com a substituição de “pedra” por “ladrão”, alguns efeitos de sentido são produzidos. É possível dizer que a “pedra” deixa de ser um problema indefinido, natural da vida cotidiana, e passa a ser identificada especificamente com o roubo. Pelo fato de esse roubo acontecer reiteradamente (já era a quarta vez), acaba assumindo a mesma peculiaridade da pedra do poema: a recorrência. Ou seja, o roubo acaba assumindo o sentido que tem a pedra no poema de Drummond: o de uma dificuldade que sempre aparece no caminho, tantas vezes repetida nos versos do poema.

De qualquer maneira, na notícia, o lirismo contido no verso do poema é rompido com a imposição da dura realidade.

HORA DA CHECAGEM

Confira agora suas respostas aos exercícios propostos. Leia os comentários a seguir e reflita sobre elas: se aproximaram-se deles ou não; em que se aproximaram e em que se distanciaram; o que os comentários acrescentaram; quais aspectos você apontou que eles não contemplaram. A partir disso, selecione aspectos sobre os quais você considera necessário conversar com o professor.

Atividade 1 - Literatura disfarçada de notícia

- 1** A repetição insistente do verso “no meio do caminho tinha uma pedra” pode querer dizer que o eu lírico estava muito preocupado com algum problema. Ou pode representar o impacto que causou nele o aparecimento desse problema, tanto que até afirma que nunca se esquecerá do fato.
- 2** O título da notícia é a reprodução do verso do poema, mas com a troca da palavra “pedra” por “ladrão”.
- 3** Se o título da notícia fosse *Óculos do poeta roubados pela quarta vez*, a referência ao poema não seria feita e se trataria de um título comum de notícia. Quando se coloca uma referência explícita ao poema, ainda mais a um tão conhecido, o poeta e sua obra são trazidos para dentro do texto, aproximando-se deste e do leitor.
- 4** É possível interpretar o título da notícia como uma conversa com o poeta por meio do verso do poema. Quando a notícia é lida e se toma conhecimento de que naquela ocasião já havia acontecido outros três roubos, sendo aquele o quarto, a relação fica ainda mais evidente: uma pedra no

Este tema tem como finalidades organizar e sistematizar a discussão realizada no Tema 1. O objetivo é explicitar conceitos envolvidos no estudo sobre os tipos de articulação que os textos podem estabelecer entre si e mostrar os diversos modos como essas articulações podem ocorrer. Para começar, reflita sobre o que você já conhece a respeito do assunto.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Considerando o que já foi estudado no tema anterior e o conhecimento que você adquiriu em suas leituras prévias, pense em outros dois textos que você conhece e que se comunicam um com o outro. Registre-os a seguir.

- Agora, recupere o exemplo dado na atividade realizada no Tema 1 e analise: A articulação que acontece entre os textos que você trouxe é parecida, de algum modo, com aquela analisada? Explique sua resposta.



Sim, os textos conversam!

Ao longo do Tema 1, foi possível constatar que os textos, incontrolavelmente, inevitavelmente, conversam entre si.

Incontrolavelmente porque nem sempre os escritores têm completa consciência das escolhas que fazem ao escrever, ou seja, as decisões sobre como escrever podem, às vezes, ser tomadas sem que sejam percebidas. É muito comum que, depois de certo tempo, quando se volta a um texto escrito, o escritor encontre palavras que deseja trocar por outras, mais adequadas. Quando se trata de conversa oral, então, isso é muito mais frequente: as palavras escapam. E isso é perfeitamente natural no processo.

Inevitavelmente porque a linguagem verbal – ou seja, a usada para se comunicar falando ou escrevendo – é dialógica em sua essência. E o que isso significa? Significa que, por um lado, quando se fala ou se escreve, isso sempre é feito para alguém, como em um diálogo, ainda que esse alguém seja você mesmo. Por outro

lado, nesse momento é ativado todo o conhecimento que se tem sobre o assunto, os textos e a linguagem, ou seja, acaba-se “conversando” com todos os textos já lidos, com todas as situações de comunicação semelhantes já vividas. Tudo isso constitui o que se pode chamar de “bagagem” de linguagem verbal. Essa “bagagem” contém tudo o que se sabe sobre os aspectos envolvidos na atividade de comunicar por meio dessa linguagem:

- o assunto em si;
- o modo como o texto a ser escrito deve ser organizado internamente;
- o tipo de linguagem que deve ser empregado, considerando os saberes do interlocutor;
- a relação que há com esse interlocutor (se é mais ou menos íntima, mais ou menos formal, mais ou menos hierarquizada, por exemplo);
- o portador e/ou veículo pelo qual se pretende fazer circular o texto;
- o modo como o texto deve ser editado, cuidado, finalizado (se em papel sulfite A4 ou em folha de caderno; se a caneta, a lápis ou digitado no computador; se pode conter rasuras ou não; entre outros aspectos).

Todo esse conhecimento não foi constituído no vazio, mas a partir da conversa com outras pessoas, de programas de TV e de rádio, da internet, da leitura de textos impressos, da participação em situações de comunicação nas quais houve contato com o assunto e com o tipo de interação a ser feita. Dito de outro modo, tudo o que se sabe foi constituído a partir do contato com o outro, quer esse contato seja oral ou escrito; quer seja presencial ou a distância; quer seja pessoal ou coletivo. Na maioria das vezes, foi a linguagem verbal que possibilitou e intermediou as situações nas quais houve um aprendizado sobre o mundo, as pessoas, a tecnologia, a ciência, a religião, a arte, o entretenimento, a política, o consumo e todos os demais aspectos que compõem a vida cotidiana e, dessa forma, o repertório pessoal de saberes.

Se entendemos que isso acontece com cada um e com todos nós, e que não vivemos isolados uns dos outros, é mais fácil compreender que os conhecimentos que as pessoas possuem em determinado momento histórico, em determinada região, em determinado grupo social são – de alguma maneira – parecidos, pertencem a um universo semelhante de ideias. Na atualidade, então, com as possibilidades quase ilimitadas de contato com qualquer parte do mundo, isso é mais evidente.

Conclusão: se é possível aprender sobre tudo (ou quase tudo...) por meio dos textos com os quais se tem contato durante a vida, é claro que aqueles que forem produzidos por uns vão acabar constituindo os saberes dos outros, do mesmo modo que os dos outros constituirão o nosso saber. Os textos já lidos pela vida afora, inevitavelmente, vão fazer parte daqueles que forem produzidos pelo indivíduo, seja explicitamente ou não. É esse o princípio da dialogicidade. É essa a natureza da linguagem. Por isso os textos conversam entre si incontrolável e inevitavelmente.

De que modo os textos conversam?

Os textos se relacionam abertamente ou de maneira velada, explícita ou implicitamente, de modo claro ou subentendido. Mas o que isso significa?

Isso significa que os textos se comunicam, *em primeiro lugar*, porque é natureza deles. Assim, se algum brasileiro disser para o outro: *Fica calmo que tudo vai dar certo. Deus vai te ajudar, você vai ver!*, qualquer outro brasileiro falante do português compreenderá, e não perguntará: *Quem é esse que você chamou de Deus?* ou *Quando é que ele vai ajudar?*, ou, ainda, *Quando foi que ele te disse isso?* E por que isso acontece? Porque esse conhecimento – e essa maneira de dizer – faz parte da cultura do brasileiro. É importante salientar que se trata de um saber que independe de religião, pois foi aprendido por meio dos textos – orais ou escritos – que circulam em casa, na escola, na igreja, no grupo de amigos, no clube, no cinema, na música, na literatura e em tantos outros contextos.

Em segundo lugar, de acordo com Ingedore Koch, linguista estudiosa do assunto, a articulação de um texto com outro também pode acontecer

[...] quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores. [...]

KOCH, Ingedore G. V. et al. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.17.

Isso significa que, nesse caso, é preciso que um texto – ou fragmento dele – seja de fato inserido dentro de outro, abertamente, com todas as letras, estabelecendo algum tipo de conexão.

Esse segundo tipo de relação costuma ser denominado **intertextualidade**. Segundo Ingedore Koch, esse fenômeno pode ser realizado de maneira implícita ou explícita no texto.

A intertextualidade **explícita**, segundo a autora, seria quando um texto é inserido no próprio texto, identificando-se a fonte (quem o escreveu, onde e quando foi publicado, em que página estava). Já a intertextualidade **implícita** é aquela que acontece quando um fragmento de um texto é inserido em outro texto sem que a sua origem (autor, obra, ano) seja identificada.

No **primeiro** caso, muitas vezes a inserção de um trecho pode ser utilizada como argumento de autoridade, quer dizer, o autor do texto está confirmando uma posição sua, dizendo que aquela outra pessoa – um especialista no assunto, por exemplo – pensa da mesma maneira. Outras vezes, pode funcionar para que seja mostrada a fragilidade da posição defendida no texto inserido, servindo como ponte para que o autor do texto reforce sua opinião que, nesse caso, é contrária ao intertexto. Um exemplo desse tipo de intertextualidade, a explícita, é o que aparece na legenda das fotografias do poeta Carlos Drummond de Andrade apresentadas no Tema 1, no texto *Uma curiosidade muito importante para esse estudo*. Observe que o trecho entre aspas (“No mar estava escrita uma cidade”), retirado do poema *Mas viveremos*, foi apresentado na legenda acompanhado da fonte.



© João Luiz Bulcão/Tyba



© Rogério Reis/Editora Abril

A escultura (de Léo Santana) e a fotografia que a inspirou (de Rogério Reis). No banco, está gravado o seguinte verso do poema *Mas viveremos*, de Drummond: “No mar estava escrita uma cidade”*.

* ANDRADE, Carlos Drummond de. *Mas viveremos*. In: _____. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 132-133. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>.

No **segundo** caso, ocorre coisa semelhante, só que sem a explicitação da fonte: um trecho de texto é incluído ou porque se concorda com o que é dito, ou porque se discorda, ou, ainda, porque se quer ridicularizá-lo ou colocá-lo em questionamento.

Um exemplo desse tipo de intertextualidade é o que aconteceu no título da notícia que relatou o roubo dos óculos da escultura do poeta Carlos Drummond de Andrade. O título *No meio do caminho tinha um ladrão* remete ao verso do

poema *No meio do caminho*, mas não revela sua fonte, quer dizer, não diz de onde o texto – ou a ideia – foi tirado.

ATIVIDADE 1 Intertextualidade e gênero

Você já leu um poema de cordel? Já ouviu algum sendo cantado ou declamado?

O cordel é um gênero literário popular cujos textos têm origem em histórias orais que são organizadas em versos rimados e, posteriormente, impressas em folhetos. Essa impressão, no Brasil, com frequência é ilustrada com **xilogravuras** (gravuras em madeira), muitas vezes impressas em poucas cores, quase sempre em preto.

O nome *cordel* vem do fato de que os cordelistas, para vender seus folhetos, penduram-nos em barbantes ou cordas em locais públicos, como feiras e praças. No ato da venda, para divulgar seus poemas, os cordelistas costumam, ainda, declamá-los com entusiasmo e até cantá-los acompanhados de viola.

São grandes nomes do cordel no Brasil: Zé do Jati, Cego Aderaldo, Zé da Luz e Patativa do Assaré (1909-2002), de quem é o poema a seguir.

O que mais dói

Patativa do Assaré

O que mais dói não é sofrer saudade
Do amor querido que se encontra ausente,
Nem a lembrança que o coração sente
Dos belos sonhos da primeira idade.

Não é também a dura crueldade
Do falso amigo, quando engana a gente,
Nem os martírios de uma dor latente,
Quando a moléstia o nosso corpo invade.

O que mais dói e o peito nos oprime,
E nos revolta mais que o próprio crime,
Não é perder da posição um grau.

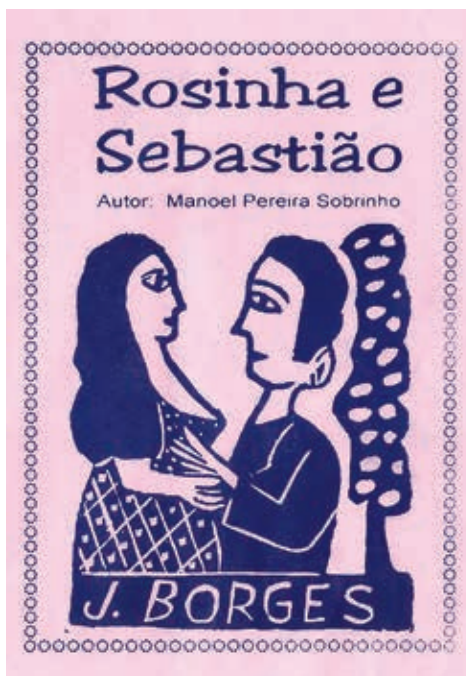
É ver os votos de um país inteiro,
Desde o praciano ao camponês roceiro,
Pra eleger um presidente mau.



Xilogravura *Forró sertanejo*, de J. Borges.

Os cordéis são textos que brincam com personagens míticos. São histórias ouvidas dos antepassados – ou bem modernas – e fantasiosas, como *Lampião, o capitão do cangaço*, *A peleja internética entre dois cabras da peste* e *A peleja virtual de uma mulher valente com um cabra cismado*; são histórias inventadas agrupando-se personagens improváveis, como *Carta do Satanás a Roberto Carlos*, *As aventuras de Bin Laden no Carnaval da Bahia*; com amores possíveis e impossíveis, como *A moça roubada*; míticas; de crítica social, que revelam a condição do sertanejo e da população; entre outras.





© J. Borges



© J. Borges



© J. Borges



© J. Borges

Imagens de folhetos de literatura de cordel.



VOCÊ SABIA?

No Brasil, em 1988, foi fundada a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. A sede é no Rio de Janeiro (RJ) e pode ser conhecida visitando-se o site: <http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=17:academia-brasileira-de-literatura-de-cordel> (acesso em: 11 set. 2014).

Leia o texto a seguir. Trata-se de uma notícia publicada no jornal *O Globo*, em 2011.

03/08/2011 00:00 / ATUALIZADO 03/11/2011 17:32

Delegado do Distrito Federal faz boletim de ocorrência em cordel

POR O GLOBO

BRASÍLIA – Em uma ocorrência de roubo de moto, uma rotina em Riacho Fundo, a 25 km de Brasília, o delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, resolveu inovar.

O delegado resolveu fazer poesia e escreveu todo o inquérito em versos e rimas de cordel.

– O suspeito estava à toa, trafegando numa boa, até que foi abordado, nem um documento tinha, constatou-se que ele vinha em um veículo roubado.

Segundo Lobo, o trabalho de delegado tem um pouco de “idealismo e fantasia” ao lutar “pela melhora do mundo”.

A inovação custou ao delegado um puxão de orelha. A Corregedoria da Polícia Civil mandou o inquérito de volta para a delegacia, para ser refeito dentro do padrão policial.

O delegado lamentou a decisão e pediu para um colega reescrever o inquérito.

– A gente quis, pelo menos uma vez, inovar e transmitir uma mensagem, e fica o diálogo para que a gente repense a forma da liberdade.

O delegado encerrou seu inquérito da seguinte maneira:

– Fazendo um relato, sem ter fantasia, e assim seguimos em mais um plantão, de terno e gravata e caneta na mão, escudo e algemas, resolvendo parte de nossos problemas, dentro do ofício da nossa missão.

O Globo, 3 nov. 2011, 17h32. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/delegado-do-distrito-federal-faz-boletim-de-ocorrencia-em-cordel-2707629>>. Acesso em: 11 set. 2014. (ênfases adicionadas)

1 O que foi noticiado nesse texto?

2 Por que você acha que esse fato acabou virando notícia? Explique.

3 Os dois trechos com letras vermelhas na notícia são do relatório do delegado. O que esses trechos têm de diferente em relação ao restante da notícia? Explique.

4 Os trechos do relatório do delegado não estão organizados em versos na notícia. Faça uma tentativa e redistribua um deles (ou os dois, se desejar), de modo que fique estruturado como seria adequado a um poema de cordel.

5 Por qual motivo você acredita que o delegado acabou levando um “puxão de orelha” da Corregedoria da Polícia Civil?



A intertextualidade e o gênero

A notícia relata um acontecimento da cidade de Riacho Fundo, próxima a Brasília. Por meio dela, ficou-se sabendo que um delegado de polícia da cidade resolveu escrever todo o inquérito de um roubo de moto na forma de cordel. Os trechos escritos em vermelho e reproduzidos a seguir mostram o modo como esse documento foi registrado.

[...] O suspeito estava à toa, tráfegando numa boa, até que foi abordado, nem um documento tinha, constatou-se que ele vinha em um veículo roubado.

[...]

Fazendo um relato, sem ter fantasia, e assim seguimos em mais um plantão, de terno e gravata e caneta na mão, escudo e algemas, resolvendo parte de nossos problemas, dentro do ofício da nossa missão.

Se fosse para organizar esse texto em versos, da maneira como requer o cordel, poderia ficar da seguinte forma:

O suspeito estava à toa,
trafegando numa boa,
até que foi abordado,
nem um documento tinha,
constatou-se que ele vinha
em um veículo roubado.
[...]

Fazendo um relato, sem ter fantasia,
e assim seguimos em mais um plantão,
de terno e gravata e caneta na mão,
escudo e algemas,
resolvendo parte de nossos problemas,
dentro do ofício da nossa missão.

Como é possível observar, o texto é o inquérito e o intertexto, o cordel. O delegado tentou transformar o inquérito em relato de cordel, modificando-lhe a forma, ou seja, o modo de dizer sobre os fatos acontecidos. O conteúdo do texto é o de um inquérito comum: os relatos, os dados e as especificidades costumeiras de um crime, que esse tipo de documento requer que sejam registrados, pois se trata de tomar providências legais a respeito.

O gênero do texto é o que está em jogo na proposta do delegado, que tem um perfil idealista: ele quer romper com a rigidez do inquérito, tornando-o menos árido, e a sua escolha foi pela poesia. No entanto, a instituição não aceitou sua ideia, e ele foi orientado a refazer o trabalho. A recusa se deve, evidentemente, à grande ruptura que a mudança da forma provocaria, já que a literatura é mais subjetiva e abrandaria a precisão requerida a um inquérito policial, assim como a imparcialidade imprescindível.

Nesse caso, a intertextualidade – ou seja, a relação entre o inquérito e o cordel – não acontece em função do conteúdo, mas da forma. Mais especificamente, em relação às características do gênero – o poema de cordel –, e não de um poema de cordel específico.

Acontece que, ao transformar o inquérito em poema, certas características que o texto precisaria ter são abandonadas, afetando o conteúdo, conforme foi dito: perde-se a imparcialidade, a precisão, a ideia de relato da verdade, pois a literatura de cordel traz consigo as marcas da ficção, da subjetividade, da emoção. E isso não é adequado a um inquérito, que é típico da esfera policial, jurídica.

De qualquer maneira, esse tipo de intertextualidade, que focaliza a forma dos textos, Ingedore Koch, no livro *Intertextualidade: diálogos possíveis* (2008), denomina de **estilística**.

Para terminar, uma síntese

Encerrando o estudo da intertextualidade, é importante salientar alguns aspectos:

- A intertextualidade é um fenômeno que não acontece exclusivamente em função da forma, pois toda alteração relativa a esse aspecto tem implicações nos sentidos que os textos passam a ter.
- A intertextualidade só é reconhecida pelo leitor quando ele tenta compreender o texto. Assim, se ele não conseguir conhecer os intertextos, talvez não tenha como estabelecer as relações necessárias e, dessa maneira, não poderá interpretar o texto tal como pretendido pelo autor. Nesse caso, muito provavelmente, deixará de perceber nuances de significado no texto, possíveis intenções ocultas do autor, críticas realizadas, efeitos de sentido. A compreensão poderá ser, portanto, mais superficial.
- Todo texto, quando incorporado a outro, leva para dentro desse outro seus sentidos. Mas não apenas eles: leva também seus valores, seus preconceitos, as crenças que representa, suas sofisticadas, delicadezas, credibilidade. Transporta tudo o que a ele está articulado. Por isso, o poema de cordel faria toda a diferença no inquérito: se este fosse organizado como poesia, perderia a objetividade, a imparcialidade, o compromisso com o real e com a verdade, porque o cordel é ficção. Esse processo – não tão complexo assim – é denominado por alguns teóricos **interdiscursividade**.

Para concluir, é possível afirmar que **intertextualidade** e **interdiscursividade** andam sempre juntas. Isso porque, quando se leva um texto para o interior de outro, é inevitável que os valores desse outro também o acompanhem. No entanto, é fundamental realizar uma leitura atenta, pois é fácil identificar dentro de um texto o trecho de outro texto que já é seu antigo conhecido. O difícil é detectar possíveis alterações de sentido que podem ocorrer no texto-base por causa da inclusão desse trecho. Isso nem sempre é percebido pelo leitor.

Embora não se trate da inclusão de um texto em outro, mas da organização do texto na forma típica de um gênero diferente, pode-se retomar o que aconteceu com o inquérito em forma de cordel: o leitor (a Corregedoria da Polícia Civil) entendeu que essa organização poderia prejudicar a credibilidade do trabalho realizado e, por isso, desqualificou o texto, solicitando que fosse refeito.

Assim é um texto: tudo o que ele contém mostra os valores nos quais está baseado, nos quais a opinião do autor se fundamenta, explicitamente ou não. Se você não enxergar essas pistas, vai perder a oportunidade de compreender o texto além da superfície e pode “comprar gato por lebre”: achar que, só porque está escrito com um português correto, é um texto ético, respeitoso. E isso pode não ser verdade.

A intertextualidade é um recurso que pode ser utilizado em um texto. E a interdiscursividade decorrente dessa intertextualidade consegue ser reveladora dos reais valores que sustentam as ideias que o texto apresenta.



Converse com seus amigos, parentes, colegas de trabalho; pesquise na internet; preste atenção na TV e no rádio e tente identificar um texto no qual haja outro texto colocado. Assim que você detectá-lo, reflita sobre os valores que esse texto que foi introduzido trouxe para o texto lido ou ouvido. Depois, se possível, converse sobre isso com seu professor quando for ao CEEJA.



Língua Portuguesa – Volume 3

Os textos conversam?

Agora que você já estudou o que é intertextualidade, de que modo ela se realiza e como se relaciona com a ideia de interdiscursividade, veja esse vídeo. Nele você encontrará não apenas uma síntese das discussões realizadas, mas novos exemplos de textos, como o poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e *Canto de regresso à pátria*, de Oswald de Andrade, escritos com quase 80 anos de diferença, mas que estabelecem uma relação de intertextualidade clara. Aliás, você sabia que o Hino Nacional também se relaciona intertextualmente com o poema de Gonçalves Dias?

Você também encontrará referência a um conto de Ricardo Ramos chamado *João e Maria*. Sim! João e Maria, como naquele conto de fadas dos Irmãos Grimm, que todos conhecem desde pequenos. Para que possa compreender a relação que o vídeo estabelece entre esses dois contos, você precisa conhecê-los. Sendo assim, procure na internet o conto de Ricardo Ramos e o leia. Se precisar, procure o dos Irmãos Grimm também.

Para finalizar, uma questão para você pensar depois que assistir ao vídeo: Que relação de interdiscursividade é estabelecida entre os poemas? E entre o poema de Gonçalves Dias e o Hino Nacional? E entre os dois contos?

HORA DA CHECAGEM

Confira agora as respostas que você deu aos exercícios propostos.

Atividade 1 - Intertextualidade e gênero

- 1 O texto noticiou o fato de um delegado de polícia ter escrito um inquérito na forma de literatura de cordel.
- 2 Você pode ter respondido que o fato acabou virando notícia porque um inquérito deve ser escrito da maneira adequada ao gênero – inquérito – e ao lugar em que vai circular – esfera policial.

Portanto, deve ser isento, claro, objetivo, fiel aos fatos e à verdade. A literatura de cordel, como o próprio nome diz, é literatura, é arte. Por ser arte, é pessoal e subjetiva, abrangendo textos ficcionais – ou seja, que fogem do campo do real e da verdade. A organização do inquérito em cordel é, portanto, completamente inadequada às finalidades colocadas para a situação, que pertence à esfera policial e da justiça civil.

3 É provável que você tenha respondido que, à primeira vista, os trechos em vermelho foram elaborados com rimas.

4 Uma possibilidade de resposta seria a seguinte:

O suspeito estava à toa,
trafegando numa boa,
até que foi abordado,
nem um documento tinha,
constatou-se que ele vinha
em um veículo roubado.
[...]

Fazendo um relato, sem ter fantasia,
e assim seguimos em mais um plantão,
de terno e gravata e caneta na mão,
escudo e algemas,
resolvendo parte de nossos problemas,
dentro do ofício da nossa missão.

5 O delegado acabou levando um “puxão de orelha” provavelmente porque escrever um inquérito como cordel seria desqualificá-lo, torná-lo inadequado para as finalidades colocadas na situação, tirando-lhe a credibilidade, e também a da Corregedoria de Polícia Civil, inviabilizando o trabalho de estudo do caso, julgamento e tomada de decisão sobre a responsabilidade do indiciado pelo crime.



Registro de dúvidas e comentários

TEMAS

1. A organização dos trechos do texto: frase e período
2. Uma estratégia para surpreender o leitor

Introdução

Muitas são as escolhas a serem feitas quando se escreve um texto. Para começar, são selecionadas as palavras mais adequadas para se referir ao assunto que será tratado; toma-se uma decisão a respeito de usar uma linguagem mais ou menos formal para comunicar-se com o leitor; opta-se por começar desta ou daquela maneira, procurando utilizar a mais acertada, para que o interlocutor compreenda a importância que se dá ao tema. Além disso, elege-se a ordem em que serão apresentados os aspectos a serem tratados para esclarecer o assunto de que se fala; são selecionadas as expressões que serão utilizadas para articular um trecho do texto com o outro; e, até, escolhe-se – tal como você acabou de estudar na Unidade 1 – outros textos com os quais se relacionará para que o leitor compreenda o conteúdo da melhor maneira possível.

Nesta Unidade, você se dedicará a estudar todos esses aspectos, pois compreender os critérios que podem ser utilizados para realizar todas essas escolhas e analisar de que modo elas podem contribuir para que o leitor compreenda o texto oferece meios de auxiliá-lo a escrever cada vez melhor.



TEMA 1

A organização dos trechos do texto:
frase e período

Neste tema, você vai analisar de que modo as frases e os períodos podem ser compostos. Verificará, ainda, quais são as implicações dessas composições diversas para a compreensão do texto, considerando o grau de dificuldade ou facilidade que podem representar para o leitor.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Imagine que você vai avisar seus parentes de que foi aprovado no vestibular. Escreva pelo menos duas maneiras de dizer isso a eles.

- Depois de escrevê-las, analise quais são as semelhanças e diferenças entre os dois modos de escrita escolhidos por você.
-
-

ATIVIDADE

1

A organização da frase e as possibilidades de leitura

A seleção das palavras para compor um texto, o modo de organizá-las em uma frase e a maneira de sequenciar essas frases no texto pode deixá-lo mais fácil ou mais difícil de ser compreendido.

A seguir, serão apresentados dois textos que definem um conceito muito importante da gramática, muito útil na discussão sobre como redigir um texto: o conceito de **frase**. Qual dos dois, em sua opinião, seria mais fácil de compreender?

Leia-os e, depois, responda às perguntas feitas.

Texto 1

Uma frase é todo e qualquer enunciado linguístico, contendo ou não um verbo, que se define pelo seu propósito comunicativo, que é transmitir um conteúdo satisfatório para a situação em que é utilizada, e que pode conter uma ou mais palavras.

Exemplos:

- Silêncio!
- Um *gentleman* tem sempre um gesto de complacência para os menos afortunados!

Texto 2

Frase é uma palavra ou um conjunto organizado de palavras que transmite ideias com sentido completo. A frase acontece tanto na fala quanto na escrita e pode conter ou não um verbo.

Exemplos:

- Fogo!
- Os preços das passagens de ônibus subiram mais uma vez.

- 1 Quais palavras ou expressões do texto 1 você considerou difíceis?
-
-

- 2 E do texto 2? Explique.
-
-

- 3 Pode-se dizer que os dois textos dividem-se em duas partes fundamentais: a definição de frase e a apresentação de exemplos. Você deve ter observado que, na

primeira parte do texto 1, o enunciado foi redigido sem quebras, num trecho contínuo. Já a primeira parte do texto 2 foi dividida em duas frases. Considerando essa organização, qual texto foi mais fácil de ler? Explique.

4 Levando em conta os exemplos apresentados nos dois textos, quais deles você considerou mais fáceis de compreender? Explique.



Seleção de palavras, encadeamento das frases no texto e a compreensão do leitor

Ao ler os dois textos apresentados, muitas pessoas diriam que o segundo é mais fácil de compreender. E as razões não são tão complicadas de entender. Veja por quê.

Estude o quadro e compare-o com as respostas que você deu às questões da Atividade 1. Há aspectos semelhantes entre suas respostas e as observações do quadro?

	TEXTO 1	TEXTO 2
Expressões utilizadas	“todo e qualquer enunciado linguístico”	“uma palavra ou um conjunto organizado de palavras”
	“que se define pelo seu propósito comunicativo”	“que transmite ideias com sentido completo”
Recursos de organização do texto	Texto único, que apresenta todas as diferentes características do conceito em sequência, uma depois da outra, ligadas por vírgulas.	Texto dividido em duas partes, com a distribuição das diferentes características do conceito em dois trechos. Isso torna a leitura mais fácil.
	As características do conceito foram encadeadas utilizando-se a palavra <i>que</i> , obrigando o leitor a retomar o que acabou de ser dito para compreender o que vem depois. No texto, o leitor precisa fazer essa retomada três vezes seguidas.	As características do conceito foram organizadas em duas frases. Ainda que na primeira tenha sido utilizada a palavra <i>que</i> , a retomada foi realizada apenas uma vez. Na segunda, não é feita a retomada por meio da palavra <i>que</i> .
	O primeiro exemplo foi escrito em uma linguagem menos comum no cotidiano atual das pessoas, contendo palavras menos comuns.	O segundo exemplo é bem próximo do cotidiano atual das pessoas, contendo palavras mais comuns.

Observe o que acontece no texto 1:

Uma frase é todo e qualquer enunciado linguístico, contendo ou não um verbo, *que* se define pelo seu propósito comunicativo, *que* é transmitir um conteúdo satisfatório para a situação em que é utilizada, e *que* pode conter uma ou mais palavras.

O que acontece quando você lê esse texto? É preciso proceder da seguinte maneira:

- Como o primeiro *que* retoma a ideia contida na expressão *enunciado linguístico*, pois substitui toda a ideia contida nesse trecho, o leitor precisa, para compreender o texto, recuperar essa referência, senão o *que* fica vazio de sentido.
- Depois, é necessário recuperar a referência do segundo *que*: a expressão *propósito comunicativo*. Se o leitor não fizer isso, não vai compreender o texto.
- Para terminar, o leitor precisa retomar a ideia contida no terceiro *que*: a palavra *frase*, apresentada na primeira linha da definição.

Como se pode ver, não é um processo simples. Pelo menos, é mais complexo do que o que acontece quando se lê o texto 2. Dito de outra maneira, o trabalho do leitor é muito mais árduo quando se trata do texto 1.

Para quem vai escrever um texto, portanto, cabem, pelo menos, as seguintes tarefas:

- Selecionar as palavras e expressões que serão empregadas no texto.
- Escolher os exemplos (ou argumentos, dependendo do texto) que serão oferecidos para o leitor.
- Decidir de que modo as ideias apresentadas serão encadeadas: se o texto vai ser dividido em mais de uma frase ou não, por exemplo; ou quais expressões estabelecerão as ligações entre os diferentes trechos do texto.

Todas essas tarefas são do escritor, que deve fazer escolhas para ajustar o texto às possibilidades de compreensão que ele imagina que o leitor possua. Cada escolha feita tem a chance de tornar a leitura e a compreensão do texto mais ou menos difíceis para esse leitor.

Mas não é só isso. A ordem em que se escreve um enunciado, um período, também pode facilitar ou dificultar a compreensão do leitor. Você estudará um pouco disso a seguir. Mas, antes, será feita uma pequena pausa para a discussão de alguns conceitos fundamentais.

Fazendo parênteses para uma pequena, mas fundamental reflexão

É sempre bom lembrar que um pronome, como se sabe, tem a função de substituir palavras e expressões, retomando-as no texto. A palavra *que*, referida na atividade, é um pronome, mas de um tipo especial: é o **pronome relativo**, que substitui termos de uma oração anterior, sejam esses termos uma palavra, uma expressão ou até uma oração inteira.

Mas o que é uma **oração**? Uma oração é uma frase que contém verbo. Nos exemplos citados, a frase “Fogo!” foi apresentada. Pode-se dizer que é uma frase, mas não é uma oração, pois não possui nenhum verbo, apenas um substantivo. Se a frase fosse: “Está pegando fogo!”, você teria, então, uma frase que também é uma oração, pois possui uma locução verbal: *está + pegando*.

Um pronome relativo não apenas substitui termos de uma oração anterior, mas articula duas orações, estabelecendo relação entre elas.

Por exemplo, observe a seguinte oração:

Não conhecemos bem aquele aluno *que* saiu.

Se você a dividisse nas duas orações que a compõem, teria:

Não conhecemos bem aquele aluno. Aquele aluno saiu.

Ao comparar as orações, você pode afirmar que o pronome relativo *que* está no lugar da expressão *aquele aluno*. O pronome, então, a substitui e estabelece uma relação entre a primeira e a segunda oração apresentada no exemplo.

Para terminar essa reflexão gramatical, veja o conceito de **período**.

Frase, oração e período são ideias muito importantes na reflexão sobre como os textos se organizam internamente. São fundamentais não apenas na produção dos textos, mas também na compreensão deles. **Período** é um enunciado constituído por uma ou mais orações. Por exemplo:

O ônibus demorou tanto *que* passou lotado. Ele nem parou no ponto.

Nesse enunciado, você tem dois períodos: O ônibus demorou tanto *que* passou lotado e Ele nem parou no ponto.

O primeiro período é composto por duas orações: O ônibus *demorou tanto* e *que passou lotado*. Cada trecho de sentido (oração) possui um verbo: *demorou* e *passou*. Localizando os verbos, você consegue identificar as orações.

O segundo período é composto de uma única oração: *Ele nem parou no ponto*. Esse período é formado por uma única oração porque possui um único verbo: *parou*.

ATIVIDADE 2 A ordem interna dos enunciados

Observe os seguintes versos do Hino Nacional Brasileiro e as três possibilidades de escrevê-los em outra ordem. Leia os quatro trechos e, depois, responda ao que se pede.

Trecho original do Hino Nacional

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante, [...]

BRASIL. Hino Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm>. Acesso em: 20 out. 2014.

Possibilidade 1

Ouviram o brado retumbante de um povo heroico as margens plácidas do Ipiranga.

Possibilidade 2

Ouviram as margens plácidas do Ipiranga o brado retumbante de um povo heroico.

Possibilidade 3

As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

Para você, qual(is) das possibilidades é a mais fácil de compreender? Por quê?

Uma observação fundamental

Os versos do Hino Nacional, assim como ocorre em muitas letras de canções e de poemas, foram escritos em ordem inversa à ordem padrão dos enunciados da língua portuguesa. E isso, certamente, pode ter facilitado ou dificultado a sua leitura e compreensão.

Mas o que vem a ser *ordem padrão dos enunciados*?

Trata-se da ordem em que, regularmente, naturalmente, as frases são organizadas em uma determinada língua. Costuma-se denominá-la **ordem direta**.

Em português, diz-se que um enunciado está em ordem direta quando os elementos da oração estão organizados da seguinte maneira:

1º Quem pratica a ação informada na frase.

2º A ação praticada.

3º Complementos dessa ação.

Observe os enunciados a seguir. O primeiro está na ordem direta e o segundo, na ordem inversa, conforme mostra o esquema a seguir.

Frase 1: *Ela bordava colchas que contavam histórias.*

1º Quem pratica a ação: *ela*.

2º Ação praticada: *bordar*.

3º Complemento: *colchas que contavam histórias*.

Frase 2: *Colchas que contavam histórias ela bordava.*

1º Complemento: *colchas que contavam histórias*.

2º Quem pratica a ação: *ela*.

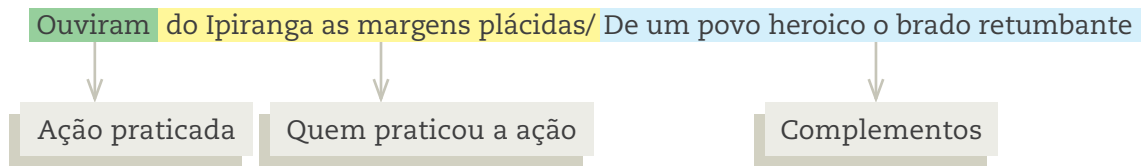
3º Ação praticada: *bordar*.

A ordem direta do enunciado, por ser a ordem típica na língua portuguesa, facilita a compreensão da frase, pois permite que se antecipe o que vem a seguir, no encadeamento das ideias, dando ao leitor maior fluência na compreensão do texto.

Quando se inverte a ordem dos elementos da frase, rompe-se com o que é regular e cria-se a expectativa para identificar o que vem a seguir, tornando a leitura menos fluente.

Foi o que aconteceu com o verso do Hino Nacional que você leu no início da atividade. O verso original foi elaborado em ordem inversa, assim como as possibilidades 1 e 2 de reelaboração dele.

Veja o verso original:



Pode-se observar que há uma inversão da ordem direta, pois o primeiro verso começa com a ação praticada e, só depois, é apresentado quem pratica a ação. Termina-se a oração – já no segundo verso – com os complementos da ação realizada.

Além disso, há uma inversão dos elementos que compõem quem praticou a ação. A ordem direta seria *as margens plácidas do Ipiranga*, e no verso é apresentado “do Ipiranga as margens plácidas”. O mesmo acontece com a ordem em que os complementos da ação são apresentados no segundo verso. A ordem direta seria *o brado retumbante de um povo heroico*, mas do verso consta “de um povo heroico o brado retumbante”.

É fácil identificar a dificuldade que as inversões realizadas acarretam na compreensão do texto.

A possibilidade 3 é a que apresenta a ordem direta do enunciado: *As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico*. Por ela pode-se compreender mais facilmente os sentidos do enunciado, identificando rapidamente a metáfora presente no primeiro verso (as margens de um riacho não ouvem, de fato, não é mesmo? É só uma imagem criada pelo letrista).

Agora, observe as próximas orações:

- 1) O carro, assim que virou a curva, foi de encontro ao caminhão.
- 2) Assim que virou a curva, o carro foi de encontro ao caminhão.

Veja que nos dois enunciados foi acrescentado um trecho que se “intromete” na frase principal, incluída no meio dela (exemplo 1) e antes dela (exemplo 2). O trecho inserido na ordem regular da frase é *assim que virou a curva*. Veja que, se for retirado esse trecho, a frase principal continua com sentido.

Esses trechos – que também são frases e orações – são chamados de orações **intercaladas** ou **interferentes**.

A utilização de orações intercaladas “quebra” o fluxo natural do enunciado, forçando o leitor a recuperar o que veio antes delas na leitura para relacionar os trechos e recuperar o sentido.

ATIVIDADE 3 A ordenação dos enunciados

1 Indique qual a ordem dos enunciados a seguir – **direta** ou **inversa** –, completando o quadro de acordo com o exemplo. Se a oração estiver na ordem inversa, reordene-a no espaço indicado.

Enunciado	Ordem		Elementos do enunciado		
	Direta	Inversa	Quem pratica a ação principal	Ação principal praticada	Complementos
A prefeitura podou as árvores daquela rua. <i>Ordem direta:</i> Não é necessário reelaborar.	X		a prefeitura	podou	as árvores daquela rua
Tocando aquela velha música, passou o caminhão de gás. <i>Ordem direta:</i>					
Enquanto cortava a grama tossia o jardineiro sem parar. <i>Ordem direta:</i>					
Os novos vasos das plantas deram vida nova ao jardim. <i>Ordem direta:</i>					

2 Identifique a oração intercalada em cada enunciado e reorganize-o, colocando essa oração em outra posição. Veja o exemplo.

O piano, *antes abandonado em um canto da sala enorme*, passava agora a protagonista daquele espaço.

Antes abandonado em um canto da sala enorme, o piano passava agora a protagonista daquele espaço.

a) Suando em bicas, o pedreiro erguia as paredes com força, habilidade e esperança.

b) Creio eu, tudo ficará bem depois do ocorrido.

Organizando a discussão realizada até o momento

Você viu, até aqui, que o escritor, ao produzir o texto, precisa tomar decisões de diferentes naturezas:

- Selecionar as palavras que vai empregar no texto: se mais ou menos populares, mais ou menos comuns ao cotidiano das pessoas, mais ou menos técnicas, por exemplo.
- Se for apresentar exemplos ou argumentos, selecionar os mais adequados às possibilidades de compreensão do leitor.
- Decidir o modo como as frases vão ser encadeadas no texto.
- Resolver se cada um dos trechos do texto vai ser organizado em um ou mais períodos.
- Escolher a ordem na qual vai organizar as frases dos diferentes trechos.
- Optar pelo uso, ou não, de orações intercaladas em determinado momento.

Todas essas decisões referem-se às diferentes **estratégias de organização** de um enunciado que um escritor utiliza, inevitavelmente, ao escrever. As que você estudou até o momento são as fundamentais, as mais básicas do processo de redação.

Mesmo assim, essas estratégias precisam ser muito bem pensadas, planejadas com cuidado, pois produzem um impacto direto no leitor, facilitando-lhe ou dificultando-lhe a leitura e a compreensão do texto. Além disso, podem possibilitar a compreensão de ideias não pretendidas pelo autor.

No próximo tema, você vai estudar mais algumas estratégias textuais utilizadas por grandes escritores exatamente para provocar no leitor a construção de alguns sentidos que não são ditos explicitamente no texto.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A organização da frase e as possibilidades de leitura

1 A resposta a esse exercício é pessoal, mas algumas palavras ou expressões que podem ter sido consideradas difíceis são: *enunciado linguístico, propósito comunicativo, conteúdo satisfatório, gentleman, complacência, afortunados*. Isso porque se trata de palavras que não são de uso cotidiano, sendo algumas técnicas, específicas da linguística, uma em inglês e outras, ainda, pouco comuns.

2 Você pode ter dito que não encontrou nenhuma expressão ou palavra difícil nessa definição, já que a linguagem utilizada foi mais próxima da que é empregada no cotidiano atual das pessoas, que contém palavras comuns.

3 Provavelmente você deve ter considerado o primeiro texto mais difícil de ler. Ele é mais longo, e é preciso recuperar todas as referências dos pronomes relativos utilizados para ligar os diferentes trechos do texto. Além disso, a linguagem é mais difícil. Já no segundo texto, além de a linguagem ser mais fácil, a definição foi organizada em duas partes, o que torna a leitura mais fluente, pois não há quebras e, em seguida, retomadas.

4 Com relação aos exemplos, é bem possível que você tenha considerado aqueles do segundo texto mais fáceis, tanto pela linguagem utilizada quanto pelo fato de se referirem a situações próximas do cotidiano atual das pessoas.

Para você se aprofundar nessas respostas, leia o trecho intitulado *Seleção de palavras, encadeamento das frases no texto e a compreensão do leitor* no começo deste Tema 1.

Atividade 2 - A ordem interna dos enunciados

Você deve ter afirmado que a frase mais fácil de compreender é a 3, que foi elaborada na ordem direta possibilitando, assim, uma compreensão mais rápida da metáfora contida na letra: os versos afirmam que as margens do Ipiranga ouviram o brado de um povo – *As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico*.

Para complementar o seu estudo, não deixe de ler o item *Uma observação fundamental*.

Atividade 3 - A ordenação dos enunciados

1 A resposta da questão corresponde ao que consta do quadro a seguir.

Enunciado	Ordem		Elementos do enunciado		
	Direta	Inversa	Quem pratica a ação principal	Ação principal praticada	Complementos
Tocando aquela velha música, passou o caminhão de gás. <i>Ordem direta:</i> O caminhão de gás passou tocando aquela velha música.		X	o caminhão de gás	passou	tocando aquela velha música
Enquanto cortava a grama tossia o jardineiro sem parar. <i>Ordem direta:</i> O jardineiro tossia sem parar enquanto cortava a grama.		X	o jardineiro	tossia	sem parar enquanto cortava a grama
Os novos vasos das plantas deram vida nova ao jardim. <i>Ordem direta:</i> Não é necessário reelaborar.	X		os novos vasos das plantas	deram	vida nova ao jardim

2 A resposta corresponde ao seguinte:

a) **Suando em bicas**, o pedreiro erguia as paredes com força, habilidade e esperança.

Possibilidades de reelaboração:

O pedreiro, **suando em bicas**, erguia as paredes com força, habilidade e esperança.

O pedreiro erguia as paredes com força, habilidade e esperança, **suando em bicas**.

b) **Creio eu**, tudo ficará bem depois do ocorrido.

Possibilidades de reelaboração:

Tudo ficará bem, **creio eu**, depois do ocorrido.

Tudo ficará bem depois do ocorrido, **creio eu**.



Registro de dúvidas e comentários

Compreender as estratégias que os escritores utilizam para conduzir a interpretação do leitor é fundamental para que você possa ler os textos com mais profundidade. Além disso, permite que você as utilize quando for produzir seus próprios textos, tornando-os mais eficientes e definindo melhor seu estilo de escrever.

A finalidade deste tema é, por um lado, ampliar o seu repertório de estratégias de organização textual e, por outro, possibilitar a você tanto o exercício de identificação e reconhecimento das estratégias no processo de leitura quanto a prática da elaboração de um texto utilizando a estratégia estudada.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Quando você pensa no significado da palavra *estratégia*, o que lhe vem à cabeça?

- Ao planejar um texto, você acredita que é possível projetar também as estratégias que utilizará para organizá-lo? Você já fez algum planejamento assim?

ATIVIDADE

1

Surpreender o leitor: uma tarefa não tão difícil assim

Várias são as estratégias empregadas para garantir que as ideias do texto sejam sequenciadas de maneira adequada. O texto a seguir apresenta mais um exemplo das inúmeras possibilidades existentes.

Leia-o e, depois, responda às questões propostas.

O homem da favela

Manoel Lobato

Dr. Levi dá plantão no Hospital dos Operários que fica perto de uma favela. Ele é meio conhecido na favela porque sobe o morro de vez em quando, em visita médica

à Associação dos Deficientes Visuais. Mesmo assim, já foi assaltado nove vezes, sempre de manhã, quando está saindo do pátio em seu carro. Por causa disso, Dr. Levi anda prevenido. Não compra revólver, mas, ao deixar o plantão, já vem com a chave do automóvel na mão, passos rápidos, abre a porta, entra depressa, liga o motor, engrena a marcha, acelera e dispara. Não se preocupa com os malandros que tentam abordá-lo na estrada.

A neblina prejudica a visão do médico nessa manhã de inverno. Ele aperta o dispositivo de água, liga o limpador que faz o semicírculo com seu rastro no para-brisa. Vê no meio da estrada, ainda distante, um pedestre que finge embriaguez. O marginal está um tanto desnorreado, meio aéreo, andando sem rumo, em zigue-zague. Parece trazer um porrete na mão.

Dr. Levi será obrigado a diminuir a aceleração e a reduzir a marcha. Se o mau elemento continuar na pista, terá de frear. Se parar, poderá ser assaltado pela décima vez. O carro se aproxima do malandro. Ele usa boné com o bico puxado para frente, cobrindo-lhe a testa. Óculos escuros para disfarce, ensaia os cambaleios, tomba um pouco a cabeça, olha para cima, procura o sol que está aparecendo, sem pressa, com má vontade.

O médico, habituado a salvar vidas, tem **ímpeto** de matar. Acelera mais, joga o farol alto na cara do pilantra, buzina repetidas vezes. O mau-caráter faz que procura o acostamento, mas permanece na pista.

O carro vai atropelar o velhaco. Talvez até passe por cima dele, se continuar fingindo que está bêbado. Menos um para atrapalhar a vida de gente séria.

O esperto pressente o perigo, deve ter adivinhado que o automóvel não vai desviar-se dele, ouve de novo a buzina, o barulho do motor cada vez mais acelerado. De fato, o carro não se desvia de seu intento. **Obstinado**, segue seu rumo. Vai tirar um fino.

O **vivaldino** é atingido de raspão, cambaleia agora de verdade, cai de lado. O cirurgião ouve o baque, sente o impacto do esbarro.

Vê pelo retrovisor interno a vítima caída à beira da estrada. O vidro de trás está embaçado, mas permite distinguir o vulto, imagem **refratada**. Gotas de água escorrem pelo vidro não como lágrimas, e, sim, como bagas de suor pelo esforço da corrida. Não há piedade, há cansaço.

Dr. Levi nota que o retrovisor externo está torto, danificado. Diminui a marcha, abaixa o vidro lateral, tateia o retrovisor do lado de fora. O espelho está partido, sujo de sangue. O profissional se sente vingado, satisfeito, vitorioso, como se estivesse

saindo do bloco cirúrgico, após delicada operação, na qual fica provada a sua frieza, competência, habilidade. O dom de salvar o semelhante e de também salvar-se.

No dia seguinte, ao cair da tarde, chega o plantonista ao Hospital dos Operários. Toma conhecimento do acidente. O paciente – algumas fraturas, escoriações – está fora de perigo. Deu entrada ontem de manhã, mal havia chegado o substituto do Dr. Levi.

Na ficha, anotações sobre a vítima: funcionário da Associação. Seus pertences: recibo das mensalidades, uns trocados, óculos e bengala. Cego.

LOBATO, Manoel. O homem da favela. In: LEITE, Alcione Ribeiro (Org.). *O fino do conto*. Belo Horizonte: RHJ, 1989, p. 69-71.



Glossário

Ímpeto

Impulso, fúria.

Obstinado

Firme, irredutível, inflexível.

Refratado

Refletido; desviado pelas gotas de água que escorrem do vidro.

Vivaldino

Malandro, espertalhão.

1 Provavelmente, você deve ter ficado surpreso com o final do texto. Consegue identificar o que foi que, no texto, o levou a se surpreender?

2 Para começar sua análise, grife todas as palavras e expressões utilizadas no texto para referir-se ao homem que se encontrava na estrada, de acordo com os parágrafos indicados. Vá registrando essas palavras nas colunas do quadro a seguir.

Quadro de expressões utilizadas ao longo do texto para referir-se ao homem na estrada		
1º grupo (Do 1º ao 7º parágrafo)	2º grupo (8º parágrafo)	3º grupo (10º e 11º parágrafos)

3 Identifique, no quadro a seguir, as imagens que foram criadas sobre o cego a partir das palavras empregadas no texto.

Imagens do homem na estrada criadas pelos grupos de palavras			
	1º grupo	2º grupo	3º grupo
Imagem do homem na estrada que as palavras de cada grupo levaram o leitor a criar			

4 A partir das respostas apresentadas nas questões 1 e 2, explique que relação você identifica entre a escolha de palavras e expressões do texto para referir-se ao homem que estava na estrada e a sua surpresa com o final do conto.

5 Além dessas expressões, que outros fatores você acredita que podem ter influenciado a sua percepção? Concentre-se nos aspectos contidos no texto. Explique.



E como foi possível que o leitor se enganasse tanto?

Analise, então, as estratégias utilizadas no texto para que o leitor criasse uma imagem negativa do personagem identificado como cego ao final do texto.

Logo no primeiro parágrafo, é apresentada ao leitor a informação de que o Dr. Levi dava plantão no Hospital dos Operários e que era meio conhecido na favela por subir o morro em visita médica à Associação dos Deficientes Visuais de vez em quando. Imediatamente após essa informação, o texto diz que, **mesmo assim**, ou seja, mesmo sendo conhecido, o Dr. Levi já havia sido assaltado **nove vezes**.

Essa inclusão, nessa ordem, e com a ênfase da expressão “mesmo assim” pode tornar a última informação recebida mais presente do que a anterior.

Depois disso, o texto cria o cenário para a confusão do médico: a neblina. E acontece a introdução, na história, do personagem no meio da estrada. Do segundo

parágrafo até o sétimo, as referências feitas a ele, as descrições de suas atitudes, tudo contribui para que a imagem construída seja a de um marginal. São utilizadas expressões como *marginal*, *mau elemento*, *malandro*, *pilantra*, *velhaco*, *vivaldino*, *esperto*, entre outras. Esse procedimento, aliado à ideia construída socialmente de que um médico salva vidas, e não o contrário, vai contribuindo para que o leitor suponha que o homem é, de fato, um mau-caráter e vai assaltar o médico.

No oitavo parágrafo, as expressões já começam a mudar de sentido: *vítima*, *vulto*. Só nos dois últimos parágrafos é que as referências são fiéis à identidade do personagem: *paciente*, *funcionário da Associação*, *cego*.

Os quadros a seguir agrupam as expressões empregadas no texto para referir-se ao personagem.

Quadro de expressões utilizadas ao longo do texto para referir-se ao homem na estrada		
1º grupo (Do 1º ao 7º parágrafo)	2º grupo (8º parágrafo)	3º grupo (10º e 11º parágrafos)
Pedestre que finge embriaguez, marginal, desnorreado, meio aéreo, andando sem rumo, trazer um porrete na mão, mau elemento, malandro, usa óculos escuros para disfarce, ensaia os cambaleios, tomba a cabeça, procura o sol com má vontade, pilantra, mau-caráter, velhaco, finge que está bêbado, esperto, vivaldino.	Vítima, vulto.	Paciente, funcionário da Associação, cego.

Imagens do homem na estrada criadas pelos grupos de palavras			
	1º grupo	2º grupo	3º grupo
Imagens do homem na estrada que as palavras de cada grupo levaram o leitor a criar	De alguém que pode mesmo assaltar o médico.	De vítima da ação do médico.	De quem ele é, de fato.

Essa estratégia pode ser identificada como de *seleção lexical*, ou seja, como a da escolha das palavras e expressões para referir-se a algo ou alguém, de modo a dirigir o leitor à constituição da imagem de um personagem, ou lugar, ou objeto, de forma que se distancie de quem o personagem é, de fato. Assim é possível – em determinado momento do texto – romper a expectativa criada, surpreendendo o leitor.

ATIVIDADE

2

Elaboração de um texto empregando a estratégia estudada

Agora você vai utilizar a mesma estratégia de Manoel Lobato (1925-) na produção de um texto que provoque o mesmo efeito nos leitores.

Para você se inspirar, segue o texto *Uma vida nada fácil*. Veja se ele não está replicando, quer dizer, reproduzindo a estratégia que Manoel Lobato usou.

Uma vida nada fácil

Nayara e Mariana

Todos diziam que teríamos vida curta, de qualquer jeito. Que era assim mesmo. Faziam até apostas para ver quanto tempo iríamos durar. Eu e minhas amigas já estávamos acostumadas mesmo.

Percebia quando era de manhã pelo barulho. Passos apressados, portas que batiam, sons estranhos de sirenes. Ficava calada, na expectativa. Ninguém se movia.

Aí ele entrava. Abria a porta, o cadeado e nos pegava, de qualquer jeito, com aqueles braços monstruosos, jogando-nos nas suas costas sem qualquer delicadeza. Era assim que nos levava.

Depois nos colocava em um canto e nos deixava sozinhas, separadas de todos. Não podíamos nos mexer. Se uma de nós tentasse sair, logo vinha alguém para nos mandar de volta pro canto. A gente ficava arrasada, e se sentia humilhada com todos aqueles olhos em nós, mas não podíamos fazer nada.

Chamavam-nos de gorduchas, de bolotas, de redondas. Era duro, muito duro ser motivo de piada para todos. O pior era quando me chamavam de assimétrica, só por causa do meu defeitinho... Aí eu achava que era demais, mas não podia fazer nada.

Depois, ele escolhia uma de nós – às vezes mais de uma – para virar saco de pancadas de todos eles. Vinha um, vinha outro, e eram tapas, socos, nos batiam sem parar, nos jogavam pra lá e pra cá, sem dó.

Quando todos iam embora, ele nos colocava de novo naquele quarto escuro. E ali eu ficava até o dia seguinte, trancada naquele quarto que nem janela tinha. Às vezes, nos colocava presas em sacos, que era pra não nos mexermos.

Acabei me conformando com tudo.

Afinal, não é nada fácil ser uma bola de basquete.



FICA A DICA!

Leia o texto *Testemunha tranquila*, de Stanislaw Ponte Preta. Foi publicado no livro *Dois amigos e um chato* (2007). Você vai conhecer, assim, mais um texto com estratégia semelhante à de Manoel Lobato. O texto é muito divertido!

Antes de escrever seu texto, leia as sugestões apresentadas:

• **Sugestões de personagens e estratégias possíveis:**

- A rotina de um taco de baseball, contada da mesma perspectiva que a da bola de basquete – ou seja, como se sofresse *bullying*.
- A rotina de um prego (ou de um martelo), contada como se fosse a rotina de alguém vítima de espancamento – no caso do prego – ou de alguém muito “estourado” e nervoso com outra pessoa – no caso do martelo.
- O relato de um pescador tentando fisgar um peixe, mas sem falar que é isso que está fazendo, redigindo o texto como se estivesse seguindo um criminoso.
- O relato de uma mulher matando um frango – à moda antiga, como se faz na roça – para cozinhá-lo para uma festa, dando a impressão de que é uma assassina matando alguém, ou uma canibal preparando um banquete para a tribo (cenas de sangue escorrendo do pescoço cortado para fazer o frango à cabidela, por exemplo, podem dar bom resultado).
- Escrever como se fosse o motorista de um carro que está parado em um semáforo de uma rua perigosa de São Paulo (SP), à noite, enquanto, na verdade, fala de um filme que está passando na TV.
- Escrever como se fosse um pai falando do filho e dos problemas que tem com ele por ser desobediente, quando, na verdade, está contando a história de um cão (ou gato) e seu dono.
- Narrar uma cena de namoro como se fosse ao vivo, enquanto se trata de um casal que conversa pela internet.

Se quiser, use alguma dessas sugestões. Mas, com certeza, você deve ter alguma ideia muito melhor do que essas!

• **Lembrete sobre a estratégia textual a ser utilizada no texto:**

Você sabe que a estratégia de Manoel Lobato baseou-se, fundamentalmente:

- na utilização de palavras e expressões que induzissem o leitor a criar uma imagem equivocada do personagem vítima;
- na condução do leitor, durante a maior parte do texto, para a compreensão de um sentido muito diferente do que seria apresentado ao final do texto;
- na ativação de preconceitos relativos ao personagem antagonista da vítima;
- na ativação de preconceitos sobre o local onde a história se passa.

Sendo assim, você deve planejar a sua produção utilizando essas ideias como referência. Então:

- selecione o assunto que você vai abordar;
- decida quem (ou o quê) será a vítima e faça o mesmo com o “carrasco”;
- faça uma lista de palavras que podem ser utilizadas na caracterização da vítima, de modo que o leitor seja induzido a elaborar uma imagem contrária dela. Você pode retomar a lista que foi feita no estudo do conto de Manoel Lobato e, também, estudar o conto *Uma vida nada fácil*;
- pense em um antagonista – o “carrasco” – que possa estar “acima de qualquer suspeita”. No texto de Lobato, foi o médico; no outro texto, foi o treinador;
- faça uma lista de palavras e expressões que você possa utilizar para referir-se ao antagonista;
- pense em um local plausível para a realização da história que possa ativar preconceitos nos leitores.

Depois de planejar, redija seu texto em uma folha à parte ou no computador. Antes de finalizá-lo, leia-o para alguém de suas relações – um amigo, um parente, o cônjuge, os filhos – e verifique se a sua estratégia deu certo. Se essa pessoa se surpreender, é porque funciona. Do contrário, converse com ela e tente descobrir o que está errado. Depois, volte ao seu texto e revise-o, ajustando o que precisar.

Bom trabalho!



ASSISTA!

Língua Portuguesa – Volume 3

Machado de Assis, um clássico

Esse vídeo apresenta a vida e a obra desse jornalista e escritor carioca, que escreveu romances, peças de teatro, contos, crônicas e poemas. Muitas de suas obras foram transformadas em filmes, seriados de TV e até em história em quadrinhos.

Depois de ver o vídeo, se você se interessar pelo que ele escreveu e por aspectos da vida dele, pode acessar o site: <www.machadodeassis.org.br> (acesso em: 18 nov. 2014). Se quiser ler Machado de Assis, acesse o site Domínio Público, disponível em: <www.dominiopublico.gov.br> (acesso em: 18 nov. 2014) e digite o nome da obra que lhe interessou (que você consegue na página do autor).



Depois de tudo que você estudou nesta Unidade, pense sobre como as diferentes estratégias de organização textual podem ajudá-lo a escrever cada vez melhor.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Surpreender o leitor: uma tarefa não tão difícil assim

- 1** Na leitura desse conto, o que costuma surpreender o leitor é o fato de que ele não espera que a pessoa atropelada seja um cego, pois ele vai sendo conduzido a acreditar que é um assaltante que vai vitimar o Dr. Levi pela décima vez.
- 2** O *Quadro de expressões utilizadas ao longo do texto para referir-se ao homem na estrada*, apresentado no texto *E como foi possível que o leitor se enganasse tanto?*, corresponde à resposta esperada nessa questão.
- 3** O quadro *Imagens do homem na estrada criadas pelos grupos de palavras*, apresentado no texto *E como foi possível que o leitor se enganasse tanto?*, corresponde à resposta esperada nessa questão.
- 4** O texto passou sete parágrafos referindo-se ao homem na estrada como alguém que poderia – ou que iria – assaltar o médico. Apenas no 10º e 11º parágrafos as referências são mais isentas, quer dizer, referem-se a ele tal como é. Por isso, o leitor vai sendo induzido a acreditar que aquele homem é uma pessoa, quando, na verdade, é outra: daí a surpresa no final.
- 5** Você também pode dizer que colaboraram para a criação dessa imagem negativa do personagem a imagem de seu antagonista, um médico (com compromisso de zelar pelo bem da pessoa, de salvar vidas), que atendia a Associação de Deficientes Visuais em uma favela (compromissado com os menos favorecidos), que já havia sido assaltado nove vezes, e que tem que fazer alguma coisa para isso acabar. Além disso, há a imagem do morador da favela, que pode ser preconceituosamente visto como marginal e mau-caráter.

Atividade 2 - Elaboração de um texto empregando a estratégia estudada

Esta atividade requeria que você retomasse o texto de Manoel Lobato e o estudo realizado, considerando todas as orientações dadas.

Um momento importante é o da leitura que outra pessoa fará de seu texto: é ela que lhe dará pistas a respeito do efeito que o texto produziu no leitor. A reação desse leitor será, portanto, a melhor avaliação do que você escreveu.


Se o leitor não reagir com surpresa no final, você já sabe: vai precisar rever o texto, ajustar alguns elementos. Para tanto, converse com esse leitor e veja quando foi que ele descobriu o final; qual foi o momento em que ele percebeu quem, de fato, eram os personagens. Essa indicação dará a você as pistas certas para os ajustes necessários.

TEMAS

1. No jornal, onde está a opinião?
2. O artigo de opinião e seu tecido interno
3. O processo de argumentação no artigo de opinião

Introdução

Nesta Unidade, você estudará os modos como as opiniões sobre os diversos assuntos que povoam o cotidiano das pessoas podem circular na esfera jornalística. O foco será, entre os textos que podem circular em um jornal ou uma revista, particularmente o artigo de opinião e sua relação com a notícia. Será discutido o tipo de assunto presente nesses textos, o modo como esses artigos se organizam internamente, a maneira como as opiniões de seus autores são neles apresentadas, os recursos empregados para tentar convencer o leitor da posição assumida.

TEMA 1 No jornal, onde está a opinião?

Você já parou para pensar sobre a validade das cotas raciais no ingresso nas universidades? E para o serviço público? Já chegou a refletir se a questão são cotas raciais ou sociais? E sobre a redução da maioria penal para 16 anos? Tem alguma posição a respeito da liberação da maconha? Você acredita que a utilização das notas do Enem para o vestibular é uma boa medida? Qual é sua posição sobre a união civil igualitária entre homossexuais? Você acredita que o aumento da violência e da criminalidade está relacionado às injustiças sociais históricas no País?

Como você pode ver, são muitos os assuntos que afetam a vida, direta ou indiretamente. Por mais que se possa pensar que esses assuntos estão distantes do cotidiano, as consequências dessas situações afligem as pessoas a cada dia, revelando-se em manifestações públicas contínuas, na insegurança em que se vive, na qualidade dos mais variados tipos de serviço de que se necessita, no desrespeito ao cidadão e ao planeta.

É condição de cidadania compreender o que está por trás dessas questões, posicionar-se diante delas, participar da reflexão e da discussão sobre cada uma, colaborar com os responsáveis, além de acompanhar sua resolução.

O objetivo deste tema é, portanto, estudar a relação que se pode estabelecer com a matéria jornalística de opinião para obter informações que permitam clareza e consistência nesse processo.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- O que você faz quando quer se informar melhor a respeito de algum dos assuntos citados?

- Você lê regularmente algum jornal ou revista – sejam eletrônicos ou impressos – que tratem desses assuntos? Quais?

- E na TV ou no rádio, há algum programa ao qual você costuma assistir ou ouvir que discuta essas questões?

- Há algum jornalista, colunista, apresentador que você costuma ler ou ouvir por confiar no julgamento dele a respeito de tais temas? Qual?



O jornal, a notícia e a opinião

O universo jornalístico caracteriza-se por, fundamentalmente, *colocar a realidade em pauta* – ou seja, noticiar os acontecimentos de cada dia –, e contribuir para a reflexão a respeito deles.

Em um jornal, muitos textos circulam: notícias, reportagens, editoriais, artigos de opinião, crônicas, anúncios de propaganda, notas sociais, cartas de leitor e resenhas críticas são alguns deles. Quando se pensa nas duas finalidades essenciais do jornalismo, é possível destacar as notícias – que são os textos que se relacionam especificamente com os acontecimentos do dia – e os artigos de opinião, que expõem a opinião de distintos jornalistas a respeito das questões noticiadas quando estas tiverem relevância social, quer dizer, quando forem importantes

para a população como um todo e quando não forem consenso, ou seja, quando provocarem polêmicas. Além dos artigos de opinião, as posições dos próprios veículos de comunicação – como os jornais *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*; as revistas *CartaCapital*, *Veja*, *Época*, *Istoé*, entre outros – costumam circular nos editoriais, texto publicado logo no início dos veículos. Há comentários e posições sobre questões menos polêmicas que constam de comentários opinativos, crônicas, nos blogs articulados aos veículos, por exemplo.

Os artigos de opinião – objetos de estudo desta Unidade – são conhecidos como o texto em que o escritor manifesta sua opinião sobre os assuntos controversos, ainda que essa posição não seja a mesma do jornal ou da revista. A esse respeito, aliás, sempre há uma nota publicada com o artigo para deixar esse aspecto bastante claro ao leitor.

Esse tipo de produção, como se vê, é sempre assinado, assim como os editoriais (manifestação da posição do próprio veículo), as resenhas críticas, as grandes reportagens, por exemplo. Todos esses são textos que se preocupam com a análise e a discussão dos fatos apresentados nas notícias, e com uma exploração ampliada e mais aprofundada deles.

Mas, será que essa ideia é verdadeira? Confira.




ATIVIDADE 1 Analisando uma notícia

Leia a notícia a seguir, publicada na revista *Época* em 27 de março de 2014. Ela relata a realização de um estudo de indicadores sociais sobre a compreensão que o brasileiro possui a respeito da violência contra mulheres. O relatório desse estudo – intitulado *Tolerância social à violência contra mulheres* – apresentou dados que permitem compreender de que modo o brasileiro se posiciona com relação ao assunto e faz parte de uma pesquisa mais ampla, denominada *Sistema de indicadores de percepção social (SIPS)*. Além de aspectos da violência sexual, o estudo abordou também questões relativas tanto à violência doméstica quanto à organização familiar.

Ao ler a notícia, você pode encontrar palavras que não conheça e que acabem dificultando sua compreensão do texto. Quando isso acontecer, continue lendo, pois o sentido daquela palavra pode ser esclarecido no decorrer desse exercício pelos trechos seguintes do texto.

Se isso não acontecer, e se a compreensão da palavra fizer muita falta para o entendimento do conteúdo, você pode perguntar para alguém de suas relações, conversar com o professor do CEEJA sobre o assunto ou examinar o glossário apresentado ao final do texto.

Outro procedimento que pode ajudá-lo – e muito – é a consulta a um dicionário. Se você não tiver um exemplar impresso, pode emprestar um do CEEJA ou acessar um dos muitos que estão disponíveis na internet em versão eletrônica. É só digitar “dicionário de português” em um buscador de informações no seu computador que várias possibilidades serão apresentadas. Você acessa e procura o sentido da palavra que desconhecer ou que o estiver incomodando.

← →  <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e-delasb-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-vi>  

ÉPOCA



27/03/2014 - 16:53 / ATUALIZADO 04/04/2014 17:15

A culpa é delas. É o que pensam os brasileiros sobre a violência contra a mulher

RAFAEL CISCATI

Uma pesquisa realizada pelo Ipea quis saber as opiniões do brasileiro quanto à violência contra a mulher. Os resultados preocupam: a maioria dos brasileiros acredita que o estupro é culpa da mulher, que mostra o corpo e não se comporta como deveria

[...]

Para a maioria dos brasileiros, a mulher deve “dar-se ao respeito”. Ela deve obediência ao marido e só se sente realizada ao ter filhos e constituir família. A maioria ainda acredita que, “se a mulher soubesse se comportar melhor, haveria menos estupros”. Mais que isso: para a maioria dos brasileiros, “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser estupradas”.

São essas as conclusões de um estudo conduzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgado nesta quinta-feira (27). Anualmente, o Ipea organiza o Sistema de Indicadores de Percepção Social, uma pesquisa realizada em domicílios brasileiros que visa a identificar a opinião da população acerca de **políticas públicas** implementadas pelo governo. Neste ano, a pesquisa queria saber o que o brasileiro pensa sobre a questão da violência contra a mulher. Entre maio e junho de 2013, 3.809 domicílios foram consultados, em 212 cidades espalhadas pelo Brasil. Homens e mulheres foram entrevistados. Elas, inclusive, foram maioria – correspondem a 66% da amostra. Dos dados, emerge uma **sociedade patriarcal**, que busca controlar o corpo feminino e que culpa a mulher pelas agressões sofridas.

Segundo o Ipea, existe no Brasil um “sistema social que subordina o feminino ao masculino”, no qual “a violência parece exercer um papel fundamental”. Entre os entrevistados, 58,5% acham que, se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros. Essa percepção, além de depositar a culpa da agressão nos ombros das mulheres, carrega implícita a noção de que os homens não conseguem – e nem deveriam – controlar seus apetites sexuais.

Segundo o Ipea, 26% dos brasileiros concordam com a ideia de que mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas (*originalmente, o Instituto afirmara que 65% dos entrevistados concordavam total ou parcialmente com essa afirmação. O erro foi corrigido em nota divulgada pelo Instituto no dia 04/04*). A afirmação, dizem os pesquisadores, mostra a existência de uma “cultura do estupro” no país. Não basta que o comportamento feminino seja alvo de restrições maiores que o masculino: é tolerável que os desvios de conduta sejam punidos, por meio de violência sexual.

A pesquisa do Ipea é apresentada em um momento em que o tema da violência contra a mulher ganha destaque na imprensa e na agenda do governo. O instituto aponta que, nessa área, avanços importantes foram conquistados, como a criação da Lei Maria da Penha em 2006. Mesmo assim, a **mentalidade machista** ainda predomina na sociedade brasileira. Além das questões relacionadas à violência sexual, a pesquisa abordou questões relativas à violência doméstica e à organização familiar.

Violência doméstica e sociedade patriarcal

Nessa área, as opiniões dos brasileiros são um tanto contraditórias. A maioria concorda que atos de violência contra a mulher, em casa, devam ser punidos: 91% dos entrevistados concordaram com a afirmação de que “homem que bate na esposa deve ir para a cadeia”. Mesmo assim, a maioria acredita que casos de conflitos entre pessoas casadas possam e devam ser resolvidos dentro de casa, sem intervenção das autoridades: 63% acham que casos de violência doméstica só devem ser discutidos entre membros da própria família.

Para os pesquisadores do Ipea, a maior parte da sociedade brasileira preserva a imagem de uma família tradicional, organizada em torno da figura do homem. Nessa forma de organização familiar, o homem não tem **poderes irrestritos** sobre mulher e filhos – seus atos de violência, se extremos, devem ser punidos. Mesmo assim, o pai continua a ser uma figura cuja autoridade deve ser respeitada, ainda que isso acarrete prejuízos para a mulher. Nesse contexto, o recurso à **violência**, física ou **subliminar**, é frequente e tolerado: 27% dos entrevistados concordam total ou parcialmente com a afirmação de que a mulher deve satisfazer os desejos sexuais do marido, ainda que não tenha vontade de fazê-lo. Sem deixar claro, a pergunta aborda a questão do estupro no **âmbito do casamento** – um tabu.

Existe ainda a tendência de associar a imagem da mulher à imagem de mãe. 30% dos entrevistados acreditam que uma mulher só se sente realizada quando tem filhos.

Casamento entre pessoas do mesmo sexo

A família que o brasileiro valoriza é aquela composta por pai, mãe e filhos. E liderada pelo marido: a maioria enxerga o homem como o cabeça da casa. Embora esse arranjo familiar venha perdendo espaço – o número de famílias chefiadas por mulheres, segundo o IBGE, cresceu de 28% para 38% em 2012 – é ele que ocupa o imaginário do brasileiro médio como o de família ideal. Segundo o Ipea, além de desvalorizar a importância da mulher no círculo familiar, esse imaginário cria espaço para **opiniões de caráter homofóbico** – o casamento de dois homens, por exemplo, é visto como uma situação em que um homem ocupa o lugar de submissão associado à mulher. Quando questionados, 52% dos entrevistados afirmaram que o casamento entre pessoas do mesmo sexo não deveria ser permitido. Mesmo assim, em outra aparente contradição, 50% deles acreditam que pessoas do mesmo sexo devem ter acesso aos mesmos direitos que os demais casais.

De acordo com o Ipea, o perfil das respostas, nesse caso, variou conforme a faixa etária do entrevistado. Jovens, entre 16 e 29, têm uma imagem mais positiva da homossexualidade.



Glossário

Âmbito do casamento

Dentro das relações do casamento; no contexto em que as relações do casamento acontecem; na vida de casados.

Mentalidade machista

Considera que existe uma superioridade masculina em relação às mulheres. Chama-se de machismo o conjunto de atitudes e comportamentos que não admitem a igualdade entre homens e mulheres no que se refere aos direitos de cada um. Nesse sentido, o machismo não pode ser considerado contrário ao feminismo, pois este, do ponto de vista ideológico, pretende a igualdade entre os sexos.

Opinião de caráter homofóbico

Opinião que contém – ou é baseada em – preconceito contra homossexuais.

Poder irrestrito

Poder que não tem limites.

Política pública

Conjunto de ações e atividades desenvolvidas pelos governos eleitos, sejam eles municipais, estaduais ou federais, que visa garantir os direitos da população. O direito à saúde e à educação, por exemplo, é o foco de ações que pretendem melhorar hospitais, garantir a existência de profissionais nos postos de saúde. A própria construção das unidades de saúde é uma ação dessa política pública.

Sociedade patriarcal

Sociedade na qual o poder concentra-se na figura masculina, que tem privilégios e é superior à figura feminina nas relações sociais.

Violência subliminar

Trata-se de um tipo de violência que é praticado de modo tão sutil que não é percebido conscientemente.

1 Qual é o assunto da notícia?

2 Você acredita que a notícia tratou de todas as perguntas feitas aos participantes da pesquisa – quer dizer, relatou todos os aspectos investigados? Explique.

3 Relacione a resposta que você deu no item 2 com a afirmação de que uma notícia é imparcial e isenta. Explique.

4 Leia outras manchetes elaboradas por diferentes veículos para a notícia do mesmo acontecimento e, a seguir, responda ao que se pede:

Manchete 1

“Se a mulher se comportasse haveria menos estupros”

Manchete 2

Maioria diz que mulher com roupa curta ‘merece’ ser atacada, diz Ipea

RAMALHOSO, Wellington. *UOL Notícias*, 27 mar. 2014. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/27/maioria-diz-que-mulher-com-roupa-curta-merece-ser-atacada-aponta-pesquisa.htm>>. Acesso em: 17 out. 2014.

Manchete 3

Para 58,5%, comportamento feminino influencia estupro, diz pesquisa

MATOSO, Filipe. *GI*, 27 mar. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/03/para-585-comportamento-feminino-influencia-estupros-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

Retome a manchete da notícia lida:

Manchete 4

A culpa é delas. É o que pensam os brasileiros sobre a violência contra a mulher

CISCATI, Rafael. *Época*, 27 mar. 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e-delas-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-violencia-contramulher.html>>. Acesso em: 11 set. 2014.

O fato é o mesmo: a divulgação dos resultados da pesquisa realizada pelo Ipea. As manchetes são diferentes. Considerando esse aspecto, responda:

a) Compare as manchetes e analise a intensidade de culpa que é atribuída à mulher em cada uma delas. Depois, ordene-as na ordem crescente de intensidade de culpa, quer dizer, da manchete que culpa menos a mulher pela violência sofrida por ela até a que a culpa mais. Indique essa ordem a seguir.

b) Se uma notícia é mesmo imparcial, como se explica essa diferença entre os títulos?

5 No texto há várias expressões e trechos entre aspas, como nos 1º, 3º, 4º e 6º parágrafos. O que significa o uso desse recurso? Explique.

6 Considerando todos esses aspectos analisados, você concorda com a ideia de que uma notícia é um texto imparcial? Justifique.



A notícia e a informação que apresenta: contextualizando um pouco

A pesquisa divulgada na notícia foi realizada pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea). Esse Instituto já teve como objetivo apenas realizar pesquisas de natureza econômica, como o próprio nome indica. Na atualidade, ocupa-se de pesquisas cuja finalidade é ditar políticas públicas: criação de programas, destinação de recursos para esse ou aquele setor, contratação ou não de pessoal para esta ou aquela área, alteração – ou não – do currículo escolar, por exemplo.

A notícia relata a divulgação da pesquisa e comenta seus resultados por meio da seleção de alguns aspectos que a revista *Época* – onde foi publicada – considerou relevantes. Um desses aspectos foi a metodologia empregada para investigar a opinião das pessoas: a apresentação de frases sobre as quais os entrevistados tinham que se manifestar, dizendo se concordavam ou não com ela.

Assim como os aspectos do estudo, na notícia, foram apresentadas – e comentadas – apenas as frases que a revista selecionou e que, certamente, considerou mais impactantes junto ao leitor.

Uma ilusão de neutralidade

Ao ler a notícia, você pode observar que ela é inteiramente redigida sem a utilização de verbos na 1ª pessoa (eu/nós); ao contrário, está sempre em 3ª pessoa (ele, ela): “A mulher deve”; “A maioria acredita”; “São essas as conclusões”; “A pesquisa do Ipea” são alguns exemplos dessa marca linguística. Além disso, são usadas expressões como “Segundo o Ipea”; “Para os pesquisadores do Ipea”; “De acordo com o Ipea”.

Organizar o texto conjugando o verbo na 3ª pessoa, assim como aproveitar as expressões utilizadas no relatório de pesquisa pelo Instituto – todas elas colocadas entre aspas para indicar que a expressão não é do autor do texto –, são recursos que se costuma empregar quando a intenção é mostrar distanciamento do fato. É como se a afirmação fosse: *são eles que estão dizendo, não é o jornalista ou o jornal; eu que escrevo não tenho nada com isso*. Dito de outra maneira, esses recursos provocam um efeito de neutralidade, de isenção.

Quando se analisam outros aspectos do texto, a ideia de que a imparcialidade, de fato, não existe é evidente. Veja alguns exemplos.

- A manchete do texto – *A culpa é delas. É o que pensam os brasileiros sobre a violência contra a mulher* – é elaborada de modo a destacar uma interpretação bastante contundente – decisiva e agressiva – da pergunta feita ao pesquisado, que pedia a ele que dissesse se concorda ou não com a afirmação “Mulheres que usam roupas que

mostram o corpo merecem ser atacadas”. Analisando as demais manchetes apresentadas na Atividade 1, é possível verificar que essa é aquela em que aparece de modo mais explícito a culpa atribuída à mulher pelo estupro.

- Observe o subtítulo:

← → http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e-delasb-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-vi

ÉPOCA

27/03/2014 - 16:53 / ATUALIZADO 04/04/2014 17:15

A culpa é delas. É o que pensam os brasileiros sobre a violência contra a mulher
RAFAEL CISCATI

Uma pesquisa realizada pelo Ipea quis saber as opiniões do brasileiro quanto à violência contra a mulher. Os resultados preocupam: a maioria dos brasileiros acredita que o estupro é culpa da mulher, que mostra o corpo e não se comporta como deveria

Época, 4 abr. 2014, 17h15. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e-delasb-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-violencia-contra-mulher.html>>. Acesso em: 11 set. 2014.

Nele, o motivo dessa culpa é ressaltada e reforçada com a ideia de que a mulher “não se comporta como deveria”.

- A notícia acrescenta informações externas à pesquisa, como “A pesquisa do Ipea é apresentada em um momento em que o tema da violência contra a mulher ganha destaque na imprensa e na agenda do governo” (5º parágrafo); “o número de famílias chefiadas por mulheres, segundo o IBGE, cresceu de 28% para 38% em 2012” (9º parágrafo).

Todas essas observações foram escolhas do redator do texto, enfatizando alguns aspectos e omitindo outros. O movimento crescente ou decrescente de apresentação dos traços de culpabilização da mulher pelo estupro, inclusive, é escolha deliberada do escritor, voluntária. Mesmo que ele não use a primeira pessoa, o “eu”, que tornaria clara a sua posição, e empregue a 3ª pessoa do discurso, na tentativa de se ocultar no texto, como se sua posição fosse de neutralidade.

Além disso, a seleção dos aspectos a serem divulgados na notícia – e, portanto, os que não merecerão destaque, sendo omitidos – também é feita por um escritor que deseja que a notícia interesse ao público; daí a escolha de aspectos mais sensacionalistas. Uma pesquisa com uma amplitude dessa não se reduz a cinco ou seis tópicos, a cinco ou seis respostas, mas a um conjunto muito mais abrangente.

A que conclusão você chega, então? Você pode chegar à ideia de que a notícia está muito longe de ser neutra e imparcial. A questão é simples: o fato existe, mas ele não se conta por si; é preciso alguém para fazê-lo. Assim, sempre haverá escolhas – de conteúdo, de recursos textuais – que serão feitas por aqueles que redigem as notícias, por aqueles que as editam, que possuem intenções específicas e pessoais.

A visão do fato, portanto, é sempre particular, ainda que o foco da notícia seja esse fato, e não a opinião sobre ele. No texto, o que se cria por meio de recursos textuais como os identificados é um efeito de neutralidade, necessário à constituição da ideia de credibilidade que um jornal ou uma revista pretende.

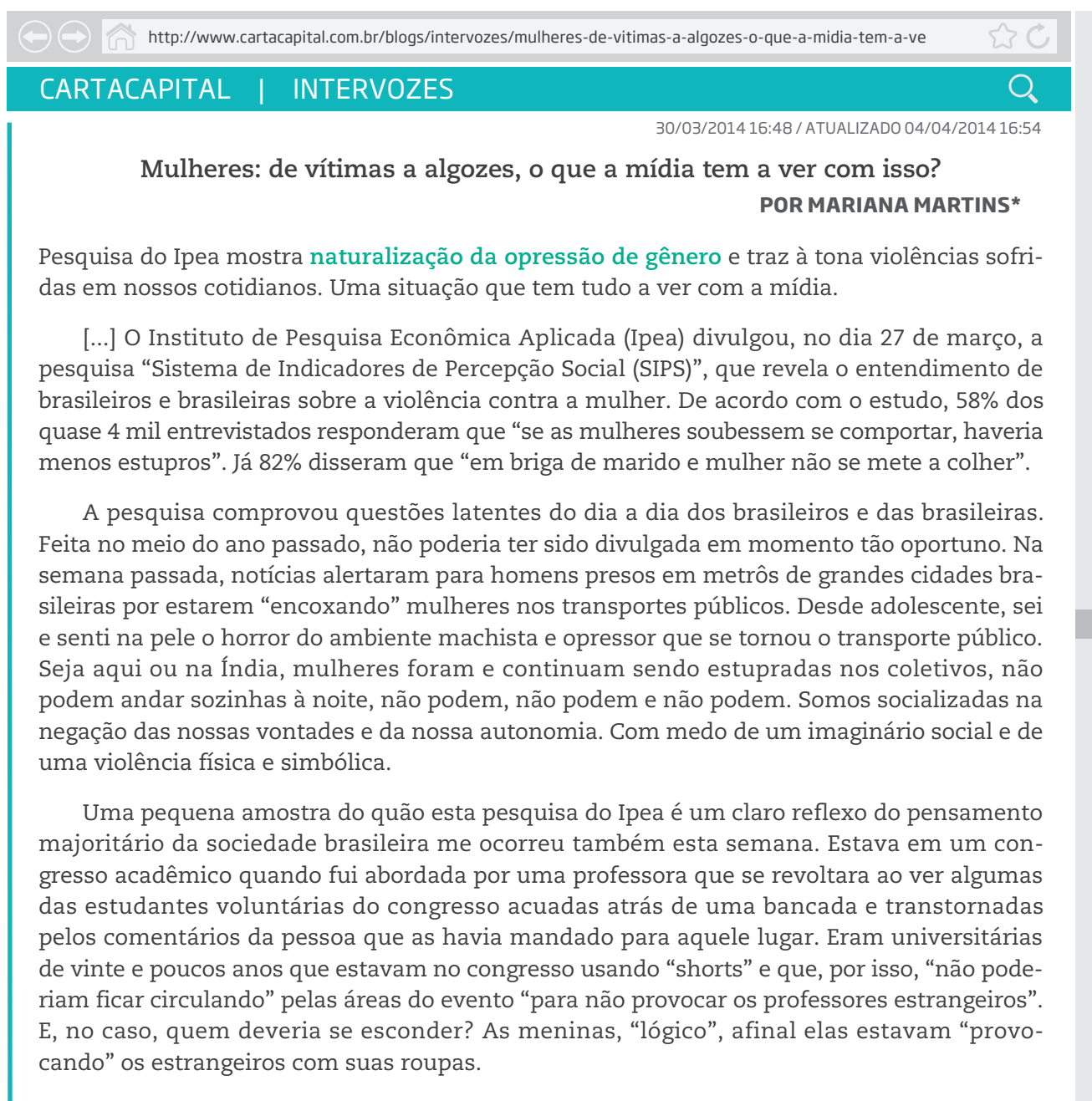
No que se refere à opinião, qual é a diferença existente, então, entre notícia e artigo de opinião? É o que você verá a seguir.




ATIVIDADE


2

Analisando um artigo de opinião

Leia o artigo de opinião publicado na revista *CartaCapital*, em 30 de março de 2014.



← →  <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/mulheres-de-vitimas-a-algozes-o-que-a-midia-tem-a-ve>  

CARTACAPITAL | INTERVOZES 

30/03/2014 16:48 / ATUALIZADO 04/04/2014 16:54

Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso?

POR MARIANA MARTINS*

Pesquisa do Ipea mostra **naturalização da opressão de gênero** e traz à tona violências sofridas em nossos cotidianos. Uma situação que tem tudo a ver com a mídia.

[...] O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou, no dia 27 de março, a pesquisa “Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)”, que revela o entendimento de brasileiros e brasileiras sobre a violência contra a mulher. De acordo com o estudo, 58% dos quase 4 mil entrevistados responderam que “se as mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros”. Já 82% disseram que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

A pesquisa comprovou questões latentes do dia a dia dos brasileiros e das brasileiras. Feita no meio do ano passado, não poderia ter sido divulgada em momento tão oportuno. Na semana passada, notícias alertaram para homens presos em metrô de grandes cidades brasileiras por estarem “encoxando” mulheres nos transportes públicos. Desde adolescente, sei e senti na pele o horror do ambiente machista e opressor que se tornou o transporte público. Seja aqui ou na Índia, mulheres foram e continuam sendo estupradas nos coletivos, não podem andar sozinhas à noite, não podem, não podem e não podem. Somos socializadas na negação das nossas vontades e da nossa autonomia. Com medo de um imaginário social e de uma violência física e simbólica.

Uma pequena amostra do quão esta pesquisa do Ipea é um claro reflexo do pensamento majoritário da sociedade brasileira me ocorreu também esta semana. Estava em um congresso acadêmico quando fui abordada por uma professora que se revoltara ao ver algumas das estudantes voluntárias do congresso acuadas atrás de uma bancada e transtornadas pelos comentários da pessoa que as havia mandado para aquele lugar. Eram universitárias de vinte e poucos anos que estavam no congresso usando “shorts” e que, por isso, “não poderiam ficar circulando” pelas áreas do evento “para não provocar os professores estrangeiros”. E, no caso, quem deveria se esconder? As meninas, “lógico”, afinal elas estavam “provocando” os estrangeiros com suas roupas.

Aquele relato me deixou revoltada e, no dia seguinte, acabei lendo a pesquisa do Ipea. Pela primeira vez, concordei com a frase: “imagina na Copa!”. Tive um medo tremendo de como as mulheres brasileiras, já culpabilizadas por tudo que fazem contra elas, podem ser mais uma vez consideradas “algozes” das violências que sofrem. “Mas o que a Copa tem a ver com isso?”, devem pensar os mais inocentes. Respondo: tudo! Infelizmente, a imagem da mulher brasileira foi historicamente ostentada no exterior como objeto de desejo sexual, inclusive por campanhas institucionais que apresentavam mulatas seminuas e faziam convites ao turismo sexual. Esse imaginário, sabemos, não se desfaz da noite para o dia e, muito menos, sem uma imprensa e um poder público **imbuídos da responsabilidade** de combater o machismo em todas as suas formas.

Há muito pouco tempo, alguns aspectos da violência de gênero vêm se tornando alvo de políticas públicas importantes como a Lei Maria da Penha, mas precisamos ainda da **revolução imagética e simbólica do lugar e da autonomia da mulher**. Para isso, dependemos sim de uma mídia responsável, não de uma imprensa que não só não se posiciona contra o machismo e todas as formas de violência e opressão, como também não se sente responsável pelo combate a todo e qualquer tipo de violação de direitos.

Ainda hoje, assistimos, cotidianamente, à mulher ser **objetificada pela publicidade**, ser estereotipada nas novelas, nas bancadas dos telejornais, nas previsões do tempo, nos programas de humor. Vemos também as dores de mulheres estupradas, agredidas, violentadas serem expostas e usadas para alavancar audiência. [...]

Resta questionar: a quem interessa negar a existência do machismo? Decerto, aos que acham que podem comparar a culpabilidade de um estupro à de um roubo, como fez o blogueiro da Revista Veja, Felipe Moura Brasil. Pasmem, mas, nas palavras do blogueiro, “(...) é perfeitamente compreensível o raciocínio de que se elas [as mulheres brasileiras] não usassem roupas tão provocantes atrairiam menos a atenção dos estupradores, assim como, se os homens não passassem de Rolex ou de Ferrari em áreas perigosas, atrairiam menos a atenção de assaltantes. E nada disso seria culpá-los dos crimes que os demais cometeram”. [...]

Chega a ser irônico que a mesma conclusão não seja usada para dizer que o homem que estava na sua Ferrari ou com o seu Rolex é culpado por ter sido roubado, lógico! [...]

Essas e outras questões mostram, tanto de forma escancarada como de forma sutil, que o machismo no Brasil ainda é muito forte, vai além das diferenças salariais entre homens e mulheres e da quádrupla jornada feminina (trabalho – casa – marido – filhos). O machismo no Brasil é sim um machismo medieval, um machismo que além de violar os direitos e violentar as mulheres, faz com que recaia sobre elas toda a culpa e responsabilidade pelos reflexos desse machismo, que acaba sendo internalizado inclusive por muitas mulheres. Afinal, o machismo não escolhe gênero e tem inumeráveis meios de propagação, dentre eles a mídia, que se mostra, em sua maioria, conservadora e preconceituosa, superficial e **espetacularizada**.

Por outro lado, há de se registrar e valorizar os meios que insurgem no combate à violência contra a mulher, mesmo que em menor medida e ainda de forma tímida. Posso citar aqui dois bons exemplos que, nesses últimos dias, encheram-me de esperança: o Diário de Pernambuco e a Empresa Brasil de Comunicação. Ambos publicaram em suas páginas eletrônicas, e o Diário de Pernambuco também na sua edição impressa, declarações de funcionárias e funcionários que repudiavam os resultados desta pesquisa, ao invés de utilizar oratórias demagogas para negar o óbvio e culpar, mais uma vez, nós, mulheres.

E mesmo a polêmica pesquisa do Ipea nos mostra que nem tudo é retrocesso. Rafael Osorio, diretor de Estudos e Políticas Sociais do instituto, explicou que outras formas de violência estão sendo percebidas pela população. Segundo Osorio, “Existe atualmente uma rejeição da violência física e simbólica – xingamentos, tortura psicológica”. Quem sabe com uma imprensa mais preocupada e responsável pelo fim das desigualdades e que compreenda seu papel nos processos sociais mais complexos e duradouros, possamos sonhar com dias melhores, com a autonomia e ações simples como escolher a roupa que se quer vestir e não ser julgada ou estuprada por isso.

*Mariana Martins é jornalista, doutora em Comunicação Social pela UnB e integrante do Intervozes.

Blog Intervozes, CartaCapital, 30 mar. 2014, 16h48. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/mulheres-de-vitimas-a-algozes-o-que-a-midia-tem-a-ver-com-isso-4310.html>>. Acesso em: 11 set. 2014.



Glossário

Algoz

Pessoa cruel, que castiga outras. No caso do texto, as mulheres seriam algozes de si mesmas, castigariam a si próprias.

Espetacularizado

Diz respeito à palavra espetáculo. No caso do texto, a mídia seria espetacularizada por apresentar as notícias de maneira espalhafatosa, querendo chamar atenção.

Imbuído da responsabilidade

Impregnado de responsabilidade por alguma coisa; cheio de responsabilidade por algo.

Naturalização da opressão de gênero

No texto, a expressão relaciona-se especificamente com perceber como natural a opressão

que a mulher sofre, como se fosse algo normal à mulher ser discriminada.

Objetificado pela publicidade

Tomado como um objeto – e não como uma pessoa – pela publicidade. Um objeto não possui vontades, desejos, direitos, nem toma decisões; ao contrário, é usado por outros – no caso das mulheres, pelos homens.

Revolução imagética e simbólica do lugar e da autonomia da mulher

Revisão da imagem que a sociedade atribui à mulher, dos direitos e da independência que se acredita que a mulher deve ter. Mudança na visão que a sociedade possui da mulher.

1 Que relação você pode estabelecer entre esse texto e a notícia lida na Atividade 1?

2 Analisando o texto, qual é a questão polêmica a que ele responde?

3 Que posição é assumida no texto sobre essa questão polêmica?

4 Comparando o artigo com a notícia, que semelhanças e diferenças você indica a respeito da maneira como a opinião aparece em cada um dos textos? Explique.

5 Durante a leitura do artigo, pode-se perceber também uma crítica ao papel da mídia no que se refere ao tratamento do assunto em questão. O título *Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso?* já anuncia que o papel da mídia será abordado. Que crítica é essa apresentada no texto? Explique.



Uma opinião mais que explícita

Como você deve ter percebido, o artigo lido na Atividade 2 tem uma relação bastante estreita com a notícia estudada na Atividade 1: ambos referem-se aos resultados da pesquisa *Tolerância social à violência contra mulheres*, realizada pelo Ipea. A notícia cumpre a finalidade de divulgar os resultados, comentando-os. Já o artigo de opinião objetiva analisar os resultados criticamente, apresentando uma posição sobre os aspectos que foram constatados, discutindo-os, avaliando-os, estabelecendo conexões com a vida das pessoas.

Nessa perspectiva, a opinião na notícia é implícita, sendo determinada pelos recursos textuais vistos anteriormente, como a seleção de palavras e de informações, a organização e gradação dessas informações no texto e a utilização da 3ª pessoa do discurso. No artigo de opinião, não: a opinião está clara, explícita, na superfície do texto, de modo que o leitor sabe exatamente o que o texto defende e por quais razões.

A posição assumida no texto em relação ao assunto

Ao ler o segundo texto, é possível perceber que ele se organiza em dois eixos de sentido fundamentais.

De um lado, tem-se o comentário à pesquisa realizada, aceitando-a como uma evidência das situações de violência que as mulheres brasileiras vivenciam

cotidianamente. Tais situações têm origem no comportamento machista e **sexista** que acaba por **culpabilizar** a mulher pela violência que ela mesma sofre. Esse comentário não deixa de indicar que, ao mesmo tempo em que há tanta evidência da opressão da mulher, há também avanços que puderam ser constatados na pesquisa, em especial os relacionados à rejeição da violência física e simbólica.

De outro lado, tem-se dois aspectos: *primeiro*, a crítica ao papel que a mídia assume na divulgação e na circulação de valores machistas, que enxergam a mulher como objeto. Em *segundo lugar*, a indicação de qual deveria ser esse papel, que precisa ser ressignificado, repensado: o combate a toda forma de desrespeito ao direito humano.

O quadro a seguir sintetiza essa orientação:

Posição assumida no texto			
Papel da mídia		Pesquisa	
Deveria	Ação	Negativo	Positivo
Combater toda forma de violência e opressão + Combater o machismo + Combater qualquer violação de direitos	Reiterar o comportamento sexista ↓ Promover a circulação de valores machistas	Reiteração de situações vividas cotidianamente pela mulher brasileira ↓ Culpabilização da mulher pela violência que ela mesma sofre	Apresentação de avanços ↓ Rejeição à violência física e simbólica
Violência contra a mulher		Comportamento sexista Machismo medieval	

Glossário

Sexismo

Conjunto de ideias e ações que constituem estereótipos relacionados ao papel do homem e da mulher em determinada sociedade e do lugar que podem ocupar nela. Embora essas ideias relacionem-se também com o homem, é mais frequente que sejam empregadas em relação à mulher. Além disso, o pensamento sexista não se refere apenas a ideias que favoreçam um gênero em detrimento de outro, mas também uma orientação sexual em relação a outra. São exemplos de pensamento sexista: “o homem tem o dever de sustentar a família, e a mulher, de cuidar da casa e dos filhos”; “a mulher é mais frágil que o homem”; “o homem pode trair, pois é da sua natureza, mas a mulher não”; “homens não choram”; “homossexuais são promíscuos”; entre outras. O comportamento sexista sustenta atitudes preconceituosas e discriminatórias, sobretudo em relação à mulher.

Culpabilizar

Considerar alguém – ou a si mesmo – culpado por alguma coisa. Acusar o outro ou a si mesmo.

Essa orientação reflete-se no título do texto.

O primeiro segmento do título retrata a questão fundamental recortada, que é a da culpabilização da mulher pela violência que ela mesma sofre – “Mulheres: de vítimas a algozes”. O segundo segmento – “o que a mídia tem a ver com isso?” –, por um lado, remete o leitor a um possível papel da mídia na constituição dessa relação de opressão machista; por outro, pode levar a pensar no papel que a mídia pode ter para ressignificar esse caminho.

Título × eixos de sentido		
Título	Mulheres: de vítimas a algozes	O que a mídia tem a ver com isso?
Subtítulo	Pesquisa do Ipea mostra naturalização da opressão de gênero e traz à tona violências sofridas em nossos cotidianos.	Uma situação que tem tudo a ver com a mídia.
Comentário	Culpabilização da mulher pela violência que ela mesma sofre, vítima da ação sexista e machista.	Que papel desempenha a mídia ao fazer circular esses valores machistas? Que papel deveria ter?

Já no segundo parágrafo, percebe-se que a posição assumida é de concordância com os dados da pesquisa, como uma evidência de situações pelas quais as mulheres vêm passando há muito tempo, mas de crítica à compreensão que os brasileiros possuem sobre as razões que provocam tais situações.

Sim, no jornal também tem opinião!

Este breve estudo permite verificar que, ao contrário da notícia, no artigo de opinião, a posição a respeito do tema tratado é apresentada de modo explícito, com clareza e intencionalidade. Então, respondendo – ainda que precocemente – à questão colocada no título deste tema, é possível afirmar que a opinião no jornal está, por exemplo, nos artigos de opinião.

Mas, de que modo essa opinião é expressa no texto? Como um artigo de opinião é tecido, elaborado? De que maneira a manifestação da opinião vai sendo apresentada ao leitor? Com qual intencionalidade?

Essas questões são foco do próximo tema.



A autora do artigo de opinião que você leu, além de jornalista, é doutora em Comunicação Social. Você já leu algum artigo de opinião escrito por alguém que não fosse jornalista? Que importância pode ter essa ideia para se compreender o que é um artigo de opinião?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Analisando uma notícia

1 Conforme foi dito, a notícia trata da realização de um estudo de indicadores sociais sobre a compreensão que o brasileiro possui da violência contra mulheres. O relatório desse estudo – intitulado *Tolerância social à violência contra mulheres* – apresentou dados que permitem compreender de que modo o brasileiro se posiciona com relação ao assunto e faz parte de uma pesquisa mais ampla, denominada *Sistema de indicadores de percepção social*. Além de aspectos relacionados à violência sexual, o estudo abordou questões relativas tanto à violência doméstica quanto à organização familiar.

2 Evidentemente, a notícia não tratou de todas as questões apresentadas aos participantes da pesquisa, senão seria um novo relatório, e não uma notícia. Uma notícia seleciona os aspectos que podem interessar ao público do veículo no qual será publicada. Assim, foram escolhidas as questões – e também as respostas – que poderiam causar mais impacto nos leitores, quer dizer, que poderiam interessá-los mais. Além disso, a seleção também aconteceu em função do que foi considerado relevante entre os resultados obtidos.

3 Na resposta anterior foram apresentados critérios que orientaram a seleção das informações que a revista utilizou na elaboração da notícia. Dessa forma, pode-se dizer que esse procedimento de seleção já revela a parcialidade da notícia; o que será mostrado é decorrente dos interesses do veículo.

4

a) Uma organização razoável para as manchetes, considerando-se uma ordem crescente de culpabilização da mulher pelo crime de estupro, poderia ser: manchete 3; manchete 1; manchete 2; manchete 4. Como se pode observar, a manchete da notícia lida parece ser a mais sensacionalista de todas.

b) A notícia não é imparcial, pois reflete os interesses do veículo, que se relacionam, inclusive, com uma necessidade comercial, que é vender.

5 Essas expressões indicam as opiniões dos pesquisados sobre os aspectos investigados – 1º e 3º parágrafos –, trechos do relatório do Ipea e expressões utilizadas nesse relatório para referir-se a questões específicas – 4º e 6º parágrafos. Esse recurso é empregado para provocar um efeito de isenção e de credibilidade do veículo no tratamento do assunto.

6 Conforme mostram os exemplos, a notícia não é um texto imparcial. Ela é elaborada em função do que o veículo no qual será publicada considera relevante, inclusive, para atender a seus interesses comerciais de vendagem. A notícia é escrita para *parecer* imparcial, para provocar um efeito próprio do que é imparcial; mas, quando sua linguagem é analisada, as escolhas feitas na elaboração do texto, é possível comprovar que isso não é verdade.

Atividade 2 - Analisando um artigo de opinião

1 Ambos se referem aos resultados da pesquisa *Tolerância social à violência contra mulheres*, realizada pelo Ipea. A notícia cumpre a finalidade de divulgar os resultados, comentando-os. Já o artigo de opinião objetiva analisar os resultados criticamente, apresentando uma posição sobre os aspectos que foram constatados, discutindo-os, avaliando-os, estabelecendo conexões com a vida das pessoas.

O foco deste tema é o estudo dos aspectos, recursos e mecanismos textuais e discursivos que permitem a compreensão de como um artigo de opinião se organiza internamente. Você vai estudar, portanto, tópicos que podem ajudá-lo tanto na compreensão de artigos de opinião que você for ler quanto na elaboração dos seus próprios artigos.

Para tanto, serão abordados neste tema:

- que critérios podem ser utilizados para selecionar informações a fim de compor o texto, considerando a posição que será assumida;
- de que modo é possível ordenar as informações no texto;
- que efeitos – e que impacto – podem provocar no leitor esses modos de ordenação;
- que recursos textuais podem ser utilizados para articular os trechos do texto;
- que efeitos podem provocar esses diferentes recursos;
- de que maneiras o texto pode ser organizado para sustentar a posição que assume, de modo a convencer o interlocutor;
- que tipos de argumento seriam mais adequados nesse processo.

Você fará um estudo e tanto! Bom trabalho!



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Quando você quer convencer alguém de sua opinião sobre determinado assunto, de que modo costuma agir? O que você faz?

- Você utiliza sempre as mesmas estratégias ou costuma mudá-las, dependendo do interlocutor?

ATIVIDADE

1

A organização interna de um artigo

Retome o artigo *Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso?*, de Mariana Martins, lido e estudado na Atividade 2 do tema anterior, e responda:

1 De que maneiras o texto pretende convencer o leitor da posição que assume? Explique.

2 O texto apresenta exemplos que parecem defender uma posição contrária àquela nele assumida. Volte ao texto e grife-os. Depois, indique-os no espaço a seguir.

3 Por qual razão você acredita que o texto apresenta esses tipos de exemplo? Explique.

4 Que tipos de ideia são citados entre aspas nesse texto? Exemplifique.

5 No último parágrafo, o texto aponta que a pesquisa realizada pelo Ipea – *Tolerância social à violência contra mulheres* – apresenta indicações a respeito do tema que vão em duas direções opostas, ou seja: concordância com a violência contra a mulher, mas, ao mesmo tempo, avanços relacionados à compreensão disso.

a) Quais são essas indicações?

b) Que posição o texto assume em relação a essas indicações?

6 O artigo afirma que o machismo “acaba sendo internalizado inclusive por muitas mulheres”, que ele “não escolhe gênero”. Você conhece alguma situação em que a atitude machista partiu de uma mulher? Exemplifique.

7 No seu penúltimo parágrafo, o artigo mostra exemplos de atitudes de combate à violência contra a mulher. Na região em que você mora, já soube de alguma atitude desse tipo? Explique.

8 Você viu que o Ipea já teve como objetivo apenas realizar pesquisas de natureza econômica, como o próprio nome indica. Sabe-se que hoje ele se ocupa de pesquisas cuja finalidade é ditar políticas públicas: criação de programas, destinação de recursos para esse ou aquele setor, contratação ou não de pessoal para esta ou aquela área, alteração – ou não – do currículo escolar, por exemplo. Considerando isso, você acredita ser relevante envolver-se com essa pesquisa realizada pelo Ipea, procurar compreendê-la e posicionar-se diante de seus resultados? Justifique.



Organização interna do texto

O texto *Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso?* começa, no primeiro parágrafo, tratando da pesquisa do Ipea e apresentando resultados relacionados a dois aspectos fundamentais da discussão que será realizada: o comportamento sexista da sociedade brasileira e a culpabilização da mulher pela violência que sofre.

No segundo parágrafo, o texto remete aos dados da pesquisa citada, relacionando-os a situações divulgadas na mídia em semanas anteriores (a situação de abuso nos trens do metrô), à adolescência da autora e até a situações ocorridas na Índia, de modo a constatar o estado de opressão do pensamento machista sobre as mulheres no mundo.

No terceiro, recorre a um exemplo também anterior à data de divulgação da pesquisa, situação na qual jovens, em um evento acadêmico, também são submetidas a pressões similares e à coação – ou seja, repressão – e à culpabilização em razão do que vestem.

No quarto parágrafo, o texto recupera a situação atual relativa à realização da Copa do Mundo, ressaltando a imagem que os turistas possam ter a respeito da mulher brasileira em função desse procedimento sexista, o que pode colocá-la, mais uma vez, em situação de algoz de si mesma, algoz da violência que ela mesma sofre pelo comportamento masculino. É a primeira vez que o texto aborda

a discussão sobre o papel da mídia na constituição da imagem da mulher culpabilizada. Essa abordagem é implícita, quando há referência à criação da imagem no exterior; e explícita, quando se toca no papel que a imprensa pode ter na reversão desse quadro.

O *quinto* parágrafo apresenta a ideia de que, apesar do machismo, há avanços da sociedade na criação de dispositivos de defesa e proteção da mulher, como as leis. Ao mesmo tempo, afirma que a imprensa precisaria deixar de ser omissa em relação ao combate a toda sorte de violação de direitos humanos.

O *sexto* parágrafo é dedicado a responsabilizar a mídia pela objetificação da mulher nas mais variadas circunstâncias. Já o *sétimo* e o *oitavo* criticam aqueles que agem como se o comportamento sexista não existisse e endossam o processo de culpabilização da mulher, apresentando um exemplo de manifestação explícita do blogueiro Felipe Moura Brasil (citando-o), que compara um assalto a um estupro.

No *nono* parágrafo, o texto articula todos os exemplos apresentados anteriormente, reconhecendo-os como evidências do machismo brasileiro medieval, o grande responsável pelo processo de culpabilização da mulher – presente no comportamento, inclusive, de outras mulheres.

Os *dois últimos* parágrafos são elaborados para apresentar dois reconhecimentos: em primeiro lugar, a duas ações de repúdio aos resultados da pesquisa pela mídia impressa e eletrônica; em segundo, considerando que, mesmo em meio a resultados tão desanimadores, a pesquisa aponta que há avanços, como a rejeição à violência física e simbólica.

Sintetizando, é preciso dizer que o texto busca focalizar as causas da violência de gênero no país, que são o machismo e o comportamento sexista, evidenciados na pesquisa do Ipea por conta dos tipos de resposta que os entrevistados deram às afirmações apresentadas pelos pesquisadores. Em paralelo, o texto ressalta a importância da mídia, tanto para fazer circular valores machistas quanto para alterar a situação de violência que a mulher vive hoje. A pesquisa acaba sendo o “*pano de fundo*” para essas discussões fundamentais do texto.

A seguir, será apresentada uma síntese esquemática da organização do texto discutido anteriormente. Por meio dessa síntese, será possível analisar de que modo as ideias vão aparecendo no texto e como vão sendo relacionadas com o que já foi dito. Chama-se isso de **esquema da progressão das ideias**, quer dizer, esquema de como o texto vai, aos poucos, parágrafo por parágrafo, acrescentando ideias novas àquelas que acabaram de ser discutidas.

Veja como esse esquema é elaborado.

<i>Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso?</i> Esquema geral da progressão das ideias no texto		
Parágrafo	Ideias	
1º	<p>O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou, no dia 27 de março, a pesquisa “Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)”, que revela o entendimento de brasileiros e brasileiras sobre a violência contra a mulher. De acordo com o estudo, 58% dos quase 4 mil entrevistados responderam que “se as mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros”. Já 82% disseram que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.</p>	<p><i>Apresentação da pesquisa e de dois resultados contundentes que introduzem o machismo como causa da violência de gênero.</i></p>
2º	<p>A pesquisa comprovou questões latentes do dia a dia dos brasileiros e das brasileiras. Feita no meio do ano passado, não poderia ter sido divulgada em momento tão oportuno. Na semana passada, notícias alertaram para homens presos em metrô de grandes cidades brasileiras por estarem “encoxando” mulheres nos transportes públicos. Desde adolescente, sei e senti na pele o horror do ambiente machista e opressor que se tornou o transporte público. Seja aqui ou na Índia, mulheres foram e continuam sendo estupradas nos coletivos, não podem andar sozinhas à noite, não podem, não podem e não podem. Somos socializadas na negação das nossas vontades e da nossa autonomia. Com medo de um imaginário social e de uma violência física e simbólica.</p>	<p><i>Apresentação de exemplos de situações vividas pelas mulheres antes mesmo da publicação na mídia dos resultados da pesquisa, que sustentam a ideia do machismo como razão da violência contra a mulher e da culpabilização dela pela agressão que ela mesma sofre.</i></p>
3º	<p>Uma pequena amostra do quão esta pesquisa do Ipea é um claro reflexo do pensamento majoritário da sociedade brasileira me ocorreu também esta semana. Estava em um congresso acadêmico quando fui abordada por uma professora que se revoltara ao ver algumas das estudantes voluntárias do congresso acuadas atrás de uma bancada e transtornadas pelos comentários da pessoa que as havia mandado para aquele lugar. Eram universitárias de vinte e poucos anos que estavam no congresso usando “shorts” e que, por isso, “não poderiam ficar circulando” pelas áreas do evento “para não provocar os professores estrangeiros”. E, no caso, quem deveria se esconder? As meninas, “lógico”, afinal elas estavam “provocando” os estrangeiros com suas roupas.</p>	
4º	<p>Aquele relato me deixou revoltada e, no dia seguinte, acabei lendo a pesquisa do Ipea. Pela primeira vez, concordei com a frase: “imagina na Copa!”. Tive um medo tremendo de como as mulheres brasileiras, já culpabilizadas por tudo que fazem contra elas, podem ser mais uma vez consideradas “algozes” das violências que sofrem. “Mas o que a Copa tem a ver com isso?”, devem pensar os mais inocentes. Respondo: tudo! Infelizmente, a imagem da mulher brasileira foi historicamente ostentada no exterior como objeto de desejo sexual, inclusive por campanhas institucionais que apresentavam mulatas seminuas e faziam convites ao turismo sexual. Esse imaginário, sabemos, não se desfaz da noite para o dia e, muito menos, sem uma imprensa e um poder público imbuídos da responsabilidade de combater o machismo em todas as suas formas.</p>	

Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso?
Esquema geral da progressão das ideias no texto

	Parágrafo	Ideias
5º	Há muito pouco tempo, alguns aspectos da violência de gênero vêm se tornando alvo de políticas públicas importantes como a Lei Maria da Penha, mas precisamos ainda da revolução imagética e simbólica do lugar e da autonomia da mulher. Para isso, dependemos sim de uma mídia responsável, não de uma imprensa que não só não se posiciona contra o machismo e todas as formas de violência e opressão, como também não se sente responsável pelo combate a todo e qualquer tipo de violação de direitos.	<i>Introdução da ideia de que começa a haver políticas públicas desenvolvidas para combater a violência de gênero. Mas, ao mesmo tempo, são apresentados comentários de que falta muito para que a situação se reconfigure, e de que é necessário uma mídia responsável pelo combate à violência.</i>
6º	Ainda hoje, assistimos, cotidianamente, à mulher ser objetificada pela publicidade, ser estereotipada nas novelas, nas bancadas dos telejornais, nas previsões do tempo, nos programas de humor. Vemos também as dores de mulheres estupradas, agredidas, violentadas serem expostas e usadas para alavancar audiência. [...]	
7º	Resta questionar: a quem interessa negar a existência do machismo? Decerto, aos que acham que podem comparar a culpabilidade de um estupro à de um roubo, como fez o blogueiro da Revista Veja, Felipe Moura Brasil. Pasmem, mas, nas palavras do blogueiro, "(...) é perfeitamente compreensível o raciocínio de que se elas [as mulheres brasileiras] não usassem roupas tão provocantes atrairiam menos a atenção dos estupradores, assim como, se os homens não passassem de Rolex ou de Ferrari em áreas perigosas, atrairiam menos a atenção de assaltantes. E nada disso seria culpá-los dos crimes que os demais cometeram". [...]	<i>Ataque à mídia e à objetificação a que submete a mulher, pelo viés dos valores sexistas, incluindo, aqui, o posicionamento do blogueiro da revista Veja, que faz uma comparação inaceitável entre roubo de um Rolex e um estupro.</i>
8º	Chega a ser irônico que a mesma conclusão não seja usada para dizer que o homem que estava na sua Ferrari ou com o seu Rolex é culpado por ter sido roubado, lógico! [...]	
9º	Essas e outras questões mostram, tanto de forma escancarada como de forma sutil, que o machismo no Brasil ainda é muito forte, vai além das diferenças salariais entre homens e mulheres e da quádrupla jornada feminina (trabalho – casa – marido – filhos). O machismo no Brasil é sim um machismo medieval, um machismo que além de violar os direitos e violentar as mulheres, faz com que recaia sobre elas toda a culpa e responsabilidade pelos reflexos desse machismo, que acaba sendo internalizado inclusive por muitas mulheres. Afinal, o machismo não escolhe gênero e tem inumeráveis meios de propagação, dentre eles a mídia, que se mostra, em sua maioria, conservadora e preconceituosa, superficial e espetacularizada.	<i>Parágrafo que reúne todos os exemplos anteriores sob o rótulo de comportamento machista, que vai além das diferenças salariais entre homens e mulheres, jornada quádrupla feminina etc. e que não sobrevive apenas nos homens, mas também nas mulheres.</i>

Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso? Esquema geral da progressão das ideias no texto	
Parágrafo	Ideias
10º	<p>Por outro lado, há de se registrar e valorizar os meios que insurgem no combate à violência contra a mulher, mesmo que em menor medida e ainda de forma tímida. Posso citar aqui dois bons exemplos que, nesses últimos dias, encheram-me de esperança: o Diário de Pernambuco e a Empresa Brasil de Comunicação. Ambos publicaram em suas páginas eletrônicas, e o Diário de Pernambuco também na sua edição impressa, declarações de funcionárias e funcionários que repudiavam os resultados desta pesquisa, ao invés de utilizar oratórias demagógicas para negar o óbvio e culpar, mais uma vez, nós, mulheres.</p>
11º	<p>E mesmo a polêmica pesquisa do Ipea nos mostra que nem tudo é retrocesso. Rafael Osorio, diretor de Estudos e Políticas Sociais do instituto, explicou que outras formas de violência estão sendo percebidas pela população. Segundo Osorio, “Existe atualmente uma rejeição da violência física e simbólica – xingamentos, tortura psicológica”. Quem sabe com uma imprensa mais preocupada e responsável pelo fim das desigualdades e que compreenda seu papel nos processos sociais mais complexos e duradouros, possamos sonhar com dias melhores, com a autonomia e ações simples como escolher a roupa que se quer vestir e não ser julgada ou estuprada por isso.</p>

Dois parágrafos de “negociação” com os seus opositores: aqui se reconhecem ações da mídia contra a violência de gênero e se apontam avanços em relação ao tema entre a população brasileira, indicados na pesquisa do Ipea.

Sistematizando a conversa

Pode-se dizer, então, que o texto:

- utiliza-se basicamente da exemplificação para tentar convencer seu interlocutor, recorrendo, em especial, a situações que aconteceram anteriormente à divulgação dos dados da pesquisa (se quiser, volte ao texto e os grife com marcador de textos);
- ao mesmo tempo em que apresenta evidências de que o modo de o brasileiro interpretar e compreender a violência contra a mulher é machista, recorre a exemplos que mostram, tanto no que se refere à mídia quanto no que tange à própria pesquisa, que tem havido avanços na direção contrária, que é possível assumir uma posição diferente e menos preconceituosa, que é viável realizar ações de combate ao desrespeito do direito da pessoa (se quiser, volte ao texto e os grife com marcador de textos).

Certamente, essas escolhas do texto relacionam-se com a imagem que a autora possui do seu interlocutor: suas crenças, seus valores, suas possibilidades de compreensão e a decorrente chance de convencimento por meio do emprego deste ou daquele recurso discursivo.

Considerando o contexto no qual o texto foi publicado – em um dos blogs relacionados à revista *CartaCapital* –, é possível estabelecer as considerações a seguir.

A informatização facilita o acesso à informação e possibilita uma frequência mais ampliada a espaços anteriormente apenas impressos. Ou seja, se antes uma revista impressa poderia apenas ser acessada quando assinada ou comprada nas bancas, hoje pode ser lida gratuitamente na sua versão eletrônica, por quem quer que seja. Esse recurso aumenta o número e os tipos de leitor que podem ter contato com as matérias publicadas no veículo. No caso que você está analisando, não apenas o leitor potencial da revista *CartaCapital* impressa lê o que é publicado na versão eletrônica da revista e nos blogs a ela associados, mas um conjunto muito maior de leitores. Isso coloca para o escritor a necessidade de ampliar seu repertório de estratégias de convencimento e de recursos que permitem convencer os leitores, ajustando-os a esse público.

O que parece ter ficado evidente é que a autora – jornalista também com formação em Comunicação Social – considerou fundamentais para convencer esse leitor os seguintes recursos:

- Utilizar basicamente exemplos do cotidiano: talvez, para que seus interlocutores se identificassem com as situações e, assim, se reconhecessem como participantes de eventos similares, o que os aproximaria da reflexão colocada. Essa escolha por argumentar por meio da aproximação com o cotidiano vivido dos leitores também mostra que a autora pode compreender o machismo não como um conjunto de valores de um grupo restrito da população, mas estendido, generalizado. Assim, a referência às situações igualmente generalizáveis – incluindo o ambiente acadêmico-universitário – poderia aproximar mais o leitor da discussão.
- A negociação com esse leitor, mostrando-lhe que, apesar dessas situações tão negativas, também há perspectiva de avanço, tanto no que se refere ao modo de pensar do brasileiro quanto no que tange ao modo de agir dele. Para sustentar a primeira ideia, outros dados da pesquisa foram apresentados ao final; para sustentar a segunda, as ações dos dois veículos de comunicação foram comentadas (9º parágrafo do texto). Esse recurso – também denominado de *operação de negociação* pelos estudiosos da linguagem – pode ser bastante eficaz no processo de convencimento e é frequentemente empregado.



O uso das aspas no texto e os efeitos de sentido decorrentes

Um recurso muito empregado no texto foram as aspas, por diferentes razões. Veja o quadro a seguir.

As aspas utilizadas no artigo e sua finalidade		
	Expressões	Finalidade
1º	“Sistema de Indicadores de Percepção Social”	Indicar a denominação do tipo de pesquisa realizada.
	“se as mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros” “em briga de marido e mulher não se mete a colher”	Indicar reprodução literal da frase utilizada na pesquisa.
2º	“encoxando”	Indicar expressão popular que corresponde a um registro linguístico (tipo de linguagem) diferente do utilizado no texto.
3º	“shorts”	Indicar palavra estrangeira (neste caso, inclusive, nem seria necessário, já que a palavra está incorporada no uso regular da linguagem).
	“não poderiam ficar circulando” “para não provocar os professores estrangeiros”	Indicar reprodução exata da fala de terceiros, de quem o texto discorda.
	“lógico” “provocando”	Indicar um uso fora do regular para a palavra. Criar um efeito de sarcasmo.
4º	“imagina na Copa!”	Indicar reprodução de um jargão eventualmente constituído.
	“algozes” das violências que sofrem	Criar um efeito de ironia.
	“Mas o que a Copa tem a ver com isso?”	Indicar uma pergunta retórica.
7º	“(…) é perfeitamente compreensível o raciocínio de que se elas [as mulheres brasileiras] não usassem roupas tão provocantes atrairiam menos a atenção dos estupradores, assim como, se os homens não passassem de Rolex ou de Ferrari em áreas perigosas, atrairiam menos a atenção de assaltantes. E nada disso seria culpá-los dos crimes que os demais cometeram”	Indicar fala de outrem, reproduzida tal como foi dita. Diferenciar a fala de outrem introduzida no texto da fala do enunciador. Recurso utilizado no primeiro caso como argumento para sustentar a ideia de que o enunciador é partidário dos valores criticados no texto. No segundo caso, como fala de autoridade, a fim de sustentar a ideia de que a pesquisa também revela avanços.
11º	“Existe atualmente uma rejeição da violência física e simbólica – xingamentos, tortura psicológica”	

Sintetizando

Neste tema, foi analisado o modo de articulação do texto, evidenciando recursos possíveis de serem empregados e a adequação deles em função tanto das possibilidades de compreensão do leitor quanto, sobretudo, das chances de convencimento dele. Já se começou a falar em convencer, negociar, sustentar posição. Mas isso é só o começo.



Retome a notícia e veja a utilização de aspas empregadas nos parágrafos selecionados.

← → 🏠 <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e-delasb-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-vi> ☆ ↻

ÉPOCA 🔍

27/03/2014 - 16:53 / ATUALIZADO 04/04/2014 17:15

A culpa é delas. É o que pensam os brasileiros sobre a violência contra a mulher
RAFAEL CISCATI

[...]

Para a maioria dos brasileiros, a mulher deve “dar-se ao respeito”. Ela deve obediência ao marido e só se sente realizada ao ter filhos e constituir família. A maioria ainda acredita que, “se a mulher soubesse se comportar melhor, haveria menos estupros”. Mais que isso: para a maioria dos brasileiros, “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser estupradas”.

[...]

Segundo o Ipea, existe no Brasil um “sistema social que subordina o feminino ao masculino”, no qual “a violência parece exercer um papel fundamental”. Entre os entrevistados, 58,5% acham que, se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros. Essa percepção, além de depositar a culpa da agressão nos ombros das mulheres, carrega implícita a noção de que os homens não conseguem – e nem deveriam – controlar seus apetites sexuais.

[...]

Violência doméstica e sociedade patriarcal

Nessa área, as opiniões dos brasileiros são um tanto contraditórias. A maioria concorda que atos de violência contra a mulher, em casa, devam ser punidos: 91% dos entrevistados concordaram com a afirmação de que “homem que bate na esposa deve ir para a cadeia”. Mesmo assim, a maioria acredita que casos de conflitos entre pessoas casadas possam e devam ser resolvidos dentro de casa, sem intervenção das autoridades: 63% acham que casos de violência doméstica só devem ser discutidos entre membros da própria família.

Época, 4 abr. 2014, 17h15. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/03/b-culpa-e-delasb-e-o-que-pensam-os-brasileiros-sobre-violencia-contra-mulher.html>>. Acesso em: 11 set. 2014.

Agora, compare a finalidade de utilização das aspas da notícia com o que você acaba de analisar no artigo. Você verá que na notícia e no artigo há duas formas de utilizar as aspas que são coincidentes. Quais seriam elas? Você acredita que a finalidade do uso nos dois textos foi a mesma?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A organização interna de um artigo

1 O texto utiliza-se basicamente da exemplificação para tentar convencer o seu interlocutor, recorrendo, em especial, a situações que aconteceram anteriormente à divulgação dos dados da pesquisa. Além disso, pode-se dizer que os exemplos empregados são, fundamentalmente, do cotidiano. Talvez, para que seus interlocutores se identificassem com as situações e, assim, se reconhecessem como participantes de eventos similares, o que aproximaria esse leitor da reflexão colocada. Essa escolha por argumentar por meio da aproximação com o cotidiano vivido dos leitores também mostra que a autora pode compreender o machismo não como um conjunto de valores de um grupo restrito da população, mas estendido, generalizado. Assim, a referência às situações igualmente generalizáveis – incluindo-se o ambiente acadêmico-universitário – poderia aproximar mais o leitor da discussão.

2 Sim, o texto utiliza-se desses exemplos também. Ao mesmo tempo em que apresenta evidências de que é machista o modo de o brasileiro interpretar e compreender a violência contra a mulher, recorre a exemplos que mostram, tanto no que se refere à mídia quanto no que tange à própria pesquisa, que há avanços na direção contrária, que é possível assumir uma posição diferente e menos preconceituosa, que são viáveis ações de combate ao desrespeito do direito da pessoa (se quiser, volte ao texto e os grife com marcador de textos).

3 Certamente, essas escolhas do texto relacionam-se com a imagem que a autora possui do seu interlocutor: suas crenças, seus valores, suas possibilidades de compreensão e a decorrente chance de convencimento por meio do emprego deste ou daquele recurso discursivo. Esse recurso – também denominado de *operação de negociação* pelos estudiosos da linguagem – pode ser bastante eficaz no processo de convencimento e é frequentemente empregado.

4 A resposta a essa questão está no quadro *As aspas utilizadas no artigo e sua finalidade*, apresentado no texto *O uso das aspas no texto e os efeitos de sentido decorrentes*. Nele você encontrará todas as expressões marcadas com aspas e suas respectivas finalidades.

5

a) A pesquisa aponta também que há uma rejeição muito expressiva à violência física e simbólica, a xingamentos e tortura psicológica.

b) O artigo considera a necessidade de a imprensa mostrar-se mais preocupada com o fim das desigualdades sociais, e, ainda, considerar-se mais responsável por isso, compreendendo seu papel no desenvolvimento desses processos sociais mais complexos e duradouros, como o de ressignificação da posição, do lugar e do papel da mulher na sociedade.

6 Essa resposta é de caráter pessoal. O que se pode dizer é que é muito comum ouvir mulheres dizerem: *Ele é homem, ele pode sair sem dizer a que horas vai chegar!* Ou então: *Ele é homem, ele pode namorar todas as mulheres que quiser; mas você, menina, fique quieta no seu canto, pois mulher tem que ser recatada!* Ou, ainda: *Mulher séria não fica indo pra balada todo final de semana...; O seu marido deixou você ir?; Essa roupa, não, que seu marido não gosta; Menina, dirigir caminhão? Tá louca? Isso é coisa de homem.* São todos exemplos de machismo presente nas atitudes das mulheres.

7 Essa é outra resposta pessoal. Você deve considerar sua experiência de vida e a realidade do local onde mora para responder à questão.

Opinar e argumentar: O que esses processos têm em comum? Seriam expressões sinônimas? Em um artigo de opinião, opina-se ou argumenta-se? As respostas a essas questões serão o foco deste tema, assim como a discussão a respeito das maneiras pelas quais a argumentação deve ser organizada em um texto como esse que você vai estudar agora.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Para você, existe diferença entre dar sua opinião sobre determinado assunto e argumentar em favor dele?



Opinar e argumentar: Dois modos diferentes de nomear a mesma coisa?

Olhando, assim, à primeira vista, opinar e argumentar parecem ser dois nomes para um mesmo processo, não é mesmo?

Mas, na verdade, não são.

Pense na situação a seguir:

Um rapaz vai sair para almoçar com a namorada e com os pais dela. Está ansioso, apreensivo, pois vai ser apresentado à família dela.

Depois de muito se arrumar, chama o amigo mais chegado e diz:

– O que você acha desta roupa? Acha que vou impressionar? Vamos lá, me dê sua opinião!

O amigo olha, analisa, pensa na situação do almoço, na ocasião de conhecer os pais da namorada, que demonstra que a relação está ficando séria, e responde:

– Acho que não vai dar pra ir com essa roupa, não... Não tá legal...

– Não? Por que não? É a roupa de que mais gosto... É confortável, ele vai me conhecer como eu sou, sem máscara...

– Bom, colega, eu não acho... Francamente, nada a ver...

– Ah... Não sei, não... Roupa é questão de gosto, não é?

– Se você acha...

– Ah, tá bom! Então me convença de que você está certo!

Mais uma vez o amigo para, pensa, analisa bem a roupa do outro e começa:

– Olha, veja bem, esse encontro é para conhecer os pais da Laila, certo? Não é qualquer coisa, vocês querem ficar noivos e tal, então, precisa passar uma imagem de cara sério, que quer compromisso, que trabalha, que consegue se sustentar, que é responsável, certo? Você quer que o Sr. Geraldo pense que você pode dar uma vida boa pra filha deles, não quer? Quer que a Dona Laura te veja como bom marido pra ela, não quer?

– Quero! – responde ele.

– Então, você acha que essa camiseta desbotada e com furos embaixo do braço, essa calça jeans detonada e esse tênis que parece que faz um ano que você não lava vão passar essa ideia? Acha que eles vão pensar que você é um cara que tem um emprego efetivo e uma boa poupança pra ajudar no começo do casamento? Um cara que sabe se cuidar, independente, que não depende da mãe pra pregar botão nas camisas? Não! É claro que não! Eles não te conhecem, certo? Precisa dar uma boa impressão.

– Você acha mesmo?

– É claro! Troca a camiseta e coloca aquela outra, que não tem nada escrito, aquela bacana, azul, que não está desbotada nem rasgada debaixo do braço. A calça, coloca uma sem furos, por favor, sem rasgos, e nada de deixar ela baixa desse jeito na cintura, que isso é coisa de moleque... Agora, o tênis, ou você põe um sapato escovado, de preferência, e limpo, ou um tênis decente. Que esse não dá mesmo... Nem pensar.

Analizando essa situação, quando você acha que o amigo deixou de dar uma opinião e passou a argumentar?

Se você disse que foi depois que o colega pediu para ser convencido, acertou!

Qual é a diferença entre cada um desses momentos?

Na verdade, é bem simples. No *primeiro momento*, o amigo apenas manifestou sua opinião, sem justificá-la, sem apresentar grandes análises da situação. Já no *segundo momento*, depois que o amigo disse “Me convença!”, a situação mudou de figura. Primeiro, o amigo fez uma análise da situação recuperando sua finalidade e as intenções do colega (12º parágrafo). Depois, analisou a maneira como o colega estava vestido e a imagem que seria necessário passar para atingir seu objetivo, que era ganhar a confiança dos sogros (14º parágrafo), focalizando a inadequação

das escolhas que ele havia feito. Finalmente, sugeriu a opção mais adequada de vestuário para o colega, baseando-se na análise que fez da situação e das intenções do outro (16º parágrafo).

Em outras palavras, no primeiro momento era apenas uma troca de opiniões entre colegas; depois, passou a ser um processo de convencimento, com análise da situação, e **argumentação** sustentada com base em questões lógicas, ainda que essa lógica seja baseada no modo de pensar de determinado grupo social e que os argumentos possam ser contestados.



Argumentação

[...] Ação verbal pela qual se leva uma pessoa e/ou todo um auditório a aceitar uma determinada tese, valendo-se, para tanto, de recursos que demonstrem a consistência dessa tese. Esses recursos são as verdades aceitas por uma determinada comunidade, assim como os valores e os procedimentos por ela considerados corretos ou válidos. Dessa forma, argumentação é um termo que se refere tanto a esse ato de convencimento quanto ao conjunto de recursos utilizados para realizá-lo.

Por isso mesmo, a argumentação sempre parte de um objetivo a ser atingido (a adesão à tese apresentada) e lança mão de um conjunto de estratégias próprias para isso, levando em conta aquilo que faz sentido para quem lê ou ouve. Daí a importância de conhecer-se o leitor ou o ouvinte: afinal, a título de exemplo, o argumento que funciona muito bem para um grupo de estudantes adolescentes não terá o mesmo efeito sobre uma comunidade de senhoras católicas – e vice-versa.

RANGEL, Egon de Oliveira. *O processo avaliatório e a elaboração de "protocolos de avaliação"*. Brasília: Semtec/MEC, 2004. Apud RANGEL, Egon et al. *Pontos de vista*. Caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2010, p. 39.

Em uma situação de elaboração de um artigo de opinião, por certo, é a argumentação que está envolvida, e não a emissão de uma simples opinião. Dessa forma, uma questão precisa ser respondida quando se estuda esse gênero e quando se tem a intenção de ser competente na produção de um texto como esse.

O que é preciso fazer para argumentar?

Para argumentar, basicamente, é preciso ter uma posição sobre determinado assunto e ter argumentos que possam defendê-lo. Mas não é tão simples quanto parece. Argumentar bem implica conhecer bem a situação na qual a argumentação vai acontecer, pois quanto mais – e melhor – se conhece essa situação, mais adequadas serão as escolhas que precisam ser realizadas para convencer o outro da sua posição.

Para entender melhor esse processo, faça um raio X da situação ficcional narrada acima para analisar o processo de argumentação que nela aconteceu.

Raio X da situação comunicativa	
Situação	Amigo 1 escolhe roupas para um jantar com a namorada, no qual conhecerá os pais da moça e quer ganhar a simpatia deles, pois tem intenções sérias com ela.
Problema colocado	Amigo 1 não sabe se escolheu as roupas adequadas para ganhar a simpatia dos pais da namorada e pede auxílio ao Amigo 2.
Posição do Amigo 2	A roupa não está adequada à situação.
Pressupostos do Amigo 2 (Ou seja: tudo o que o Amigo 2 pensa sobre a situação em que seu amigo estará)	Para ganhar a simpatia dos pais de uma namorada, é preciso passar uma imagem de: <ul style="list-style-type: none"> • cara sério; • quem quer compromisso; • quem trabalha (com emprego efetivo e uma boa poupança); • quem consegue se sustentar; • quem sabe se cuidar sem recorrer à mãe para pregar os botões da camisa. Roupas com rasgos, furos, desbotadas e tênis sujo não passam a imagem do genro adequado. Os pais da namorada não compreenderiam o visual “descolado” do amigo.
Argumentos/Dados empregados pelo Amigo 2	Camiseta desbotada e com furos embaixo do braço; tênis imundo; calça detonada e rebaixada na cintura não permitem que essa imagem seja passada. Subentendido (aquilo que se sabe ou se pensa, mas não foi dito com todas as letras): essa roupa passa a imagem de quem não sabe se cuidar, não sabe consertar suas roupas, não tem higiene, não tem meios de comprar roupas mais adequadas e, portanto, não teria como sustentar uma família. Camiseta sem inscrições, não desbotada nem rasgada; calça não detonada e sem rasgos e alinhada na cintura; sapatos escovados ou tênis limpos passam a ideia desejada.

O Amigo 2, para convencer o Amigo 1 de que estava certo, precisou:

- analisar a situação (o Amigo 1 precisava ganhar a simpatia dos pais da namorada no primeiro jantar);
- ativar o conhecimento que já tinha a respeito do que os pais de uma moça esperam de candidatos a futuros maridos (alguém que seja sério, bem empregado, capaz de sustentar uma família, higiênico, que seja independente e autossuficiente);
- ativar o conhecimento que já tinha sobre roupas aceitáveis para os pais, que passassem a imagem de um genro adequado;
- relacionar o que já sabia sobre as expectativas dos pais com o que conhecia sobre as roupas e as imagens que estas poderiam passar, para poder definir a sua posição sobre a vestimenta do Amigo 1;
- explicitar sua posição para o amigo e apresentar seus argumentos relativos à inadequação do traje para a ocasião.

Observe que, nessa situação, os argumentos utilizados pelo Amigo 2 seguiram a lógica daquilo que ele imaginava que poderia ser melhor para convencer o Amigo 1. Ou seja, tinha a ver com um certo modo de pensar a respeito de como é melhor se comportar diante dos pais da namorada quando se vai conhecê-los e quando se quer impressioná-los porque o namoro é sério.

Além desses argumentos, nessa situação ele também poderia ter contado casos que exemplificassem desconfortos provocados pela inadequação dos trajes em contextos similares. Não seria argumento adequado se ele tivesse pegado um livro e lido um trecho que oferecesse sustentação para sua posição. A menos que a intenção fosse criar um efeito de humor.

Portanto, para que os argumentos sejam selecionados de maneira apropriada, é preciso analisar a sua adequação à situação de comunicação, ao contexto.



A orientação de um artigo de opinião

Mas você deve estar se perguntando: O que tudo isso tem a ver com o estudo sobre a leitura e a escrita de artigos de opinião?

É simples: a análise dessa situação pode dar boas pistas sobre o que fazer, como proceder quando for escrever um artigo desses. Algumas das pistas podem ser as seguintes:

Quando for escrever um artigo de opinião, é preciso considerar:

- o leitor e seus prováveis conhecimentos (sobre o assunto, sobre o gênero, por exemplo) – para decidir o que pode funcionar melhor para convencê-lo;
- as características da situação de comunicação em si (se mais ou menos formal; mais ou menos pessoal; em que esfera acontecerá – acadêmica, de consumo, jornalística, escolar, institucional, religiosa, de lazer, legal, policial, entre outras) – para poder decidir pelo tipo de linguagem que será empregado;
- as características do gênero no qual o seu discurso vai ser organizado (se será artigo de opinião, carta de reclamação, comentário opinativo, tese, dissertação etc.);
- a finalidade da situação, que é convencer o outro da sua posição;
- o portador pelo qual esse discurso/texto será publicado (jornal, mural, revista, panfleto, por exemplo) – para utilizar recursos adequados a esse portador (imagens, vídeos, gráficos, infográficos, links, citações, por exemplo);

- o veículo correspondente ao portador (revista *Veja*, *Istoé*, *CartaCapital*, *Nova Escola*, *Piauí*, *Caras*; jornal *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, por exemplo) – pois isso permite identificar o perfil do leitor e do conteúdo que poderia interessar a ele, assim como os argumentos que poderiam convencê-lo e a linguagem a ser empregada.

Pois é, argumentar não é tão simples assim (mas também não é tão difícil).

A questão controversa no artigo de opinião

Embora seja possível perceber uma relação de semelhança entre o processo de argumentação fictício dos dois amigos e o relativo ao artigo *Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso?*, há uma diferença fundamental a considerar: o assunto em discussão. O primeiro trata de uma situação particular, íntima e pessoal, no qual o que se discute só tem interesse para os dois envolvidos. Já no segundo caso, é muito diferente: a questão em discussão no artigo de Mariana Martins é de relevância nacional, no mínimo, e diz respeito a todo brasileiro. E essa é uma característica fundamental do artigo de opinião: discutir uma questão polêmica, controversa, de alcance maior, mais amplo, de relevância para determinado grupo social.

Assim, há como ter questões polêmicas do tipo: *A pena de morte pode reduzir a criminalidade?*, *Deve-se ou não aprovar a união civil entre homossexuais?*, *A maioria penal deve ser reduzida para 16 anos?*, *A mulher pode ser culpabilizada pela violência que ela mesma sofre?*, que possuem relevância para grupos sociais mais amplos. Da mesma forma, é possível ter questões como: *Deve-se ou não proibir o uso de celular na sala de aula?*, *A nossa escola deve ou não adotar uniforme?*, *O controle do atraso às aulas deve ser abolido?*, *O namoro deve ou não ser permitido no intervalo das aulas?*, *Deve-se ou não manter o horário da sexta no comércio da nossa cidade?*, que são relevantes e significativas para grupos sociais mais reduzidos.

De um modo ou de outro, um artigo de opinião não discute questões pessoais, e essa é uma característica fundamental desse gênero: debater questões de relevância social que gerem divergência de opinião, que não sejam consensuais. Ou seja, discutir questões de interesse social mais amplo, que tenham importância para um número maior de pessoas e que gerem polêmica, divergência de opiniões. A finalidade dessa discussão é constituir um conjunto de conhecimento a respeito do assunto, de forma que um consenso possa vir a ser construído, organizando as relações sociais em patamares diferentes, mais evoluídos, democráticos e justos.

Alguns exemplos de questões polêmicas históricas são, por exemplo: *A mulher deve ter o direito de votar?* e *O divórcio deve ser uma solução quando a convivência de um casal não é mais possível?*, entre tantos outros.

ATIVIDADE

1

Raio X de uma situação de argumentação

Leia o texto a seguir, *As mentiras sinceras das pesquisas*, elaborado por Pedro Burgos e publicado na revista *Superinteressante* de maio de 2014.

SUPERINTERESSANTE

Maio 2014

As mentiras sinceras das pesquisas

Pedro Burgos

Não é só o Ipea: qualquer pesquisa de opinião está sujeita a erros grosseiros. E a solução para esse problema passa por uma pessoa importante: você

Do dia para a noite viramos um país de estupradores. 65% dos brasileiros achavam que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo mereciam ser atacadas”, dizia aquela pesquisa do Ipea. Começou ali a campanha “não mereço ser estuprada”, Dilma tuitou o seu apoio, todo tipo de especialista ofereceu explicações. Mas, dias depois, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas corrigiu o gráfico. Disse que não eram 65% dos entrevistados, mas sim 26% que concordavam com o “ataque”. O diretor responsável pela pesquisa pediu demissão, como se sabe.

Mesmo com a correção, os protestos continuaram. Claro: 26% ainda era muito. E não existe dúvida de que falta muito para que haja igualdade de fato entre os gêneros – qualquer mulher que saia de shorts na rua não precisa de um levantamento do Ipea para ter certeza disso. Mas o caso também deixou claro que precisamos desenvolver um olhar crítico sobre outra coisa: as próprias pesquisas.

O problema maior aí é que tanto os 65% do primeiro momento como os 26% posteriores foram tratados como fato. Como há uma crença de que os números não mentem, a pesquisa foi divulgada e compartilhada como um achado científico incontestável. Só que há números e números. Uma coisa é, digamos, o total de pessoas nascidas no Brasil em um determinado ano – algo registrado individualmente. Outra é uma porcentagem de pessoas que responderam de determinada forma em uma pesquisa de opinião. Um é dado concreto, outro, uma estimativa baseada em uma amostragem. O primeiro é fato. O segundo, nem tanto.

Todas as pesquisas de opinião estão sujeitas a erro. Algumas mais que outras. A do Ipea, especificamente, tinha vários problemas. O maior foi na escolha da amostra, que simplesmente não representava a população brasileira. Entre as 3.810 pessoas entrevistadas, apenas 29% moravam em regiões metropolitanas

Maio 2014

SUPERINTERESSANTE

(no Brasil real, são 44%); mais de 65% eram mulheres (contra 51% da população de verdade) e 19% tinham 60 anos ou mais (contra 11% da realidade). Pessoas mais idosas e que moram fora dos centros urbanos tendem a ter um pensamento mais conservador (e, logo, menos favorável ao uso de roupas sensuais), mas a pesquisa ignorou isso. O texto das perguntas também sofreu críticas – o que significa exatamente “atacadas”? Uma senhora interiorana pode tranquilamente interpretar isso como um “ataque” verbal – e vindo de outra mulher; algo bem diferente de estupro. Se o termo da pergunta fosse justamente “estupro”, talvez os números fossem outros, mais baixos, até pelo fato de a maioria dos entrevistados ser mulher.

O problema não está só no Ipea. Todos os grandes institutos têm erros importantes no currículo. Porque mesmo que os institutos falassem com todos os brasileiros, poderíamos não ter certeza sobre o que pensam as pessoas. Sim: a ordem das perguntas pode influenciar as respostas, por exemplo. Nas eleições de 2010, vários institutos de pesquisa foram questionados por enviesar o entrevistado. Antes de perguntar sobre a avaliação do presidente ou governador, por exemplo, o pesquisador fazia perguntas sobre o sentimento de insegurança, o desemprego, a inflação. Dependendo das respostas anteriores, uma avaliação que seria neutra ou positiva podia passar a ser

negativa – já que o governante (citado na última pergunta) seria percebido como o culpado pela insegurança, pelo desemprego e pela inflação. Não que eventualmente não fosse: mas que a pergunta direcionava o entrevistado, direcionava.

Outra questão está em quem divulga as pesquisas, seja a imprensa, seja cada um que compartilha no Facebook. É que o mesmo levantamento pode trazer dados que mostram realidades diferentes. O próprio texto do Ipea que acompanha os gráficos da fatídica pesquisa começa dizendo que 91% da população concordou com a frase “Homem que bate em mulher tem que ir para a cadeia”. E, mais adiante, diz que os jovens culpam menos as mulheres pelo comportamento violento dos homens. São sinais claros de progresso. Mas ninguém levou em conta.

O ponto aí, difícil de admitir, é que o nosso julgamento também afeta a conclusão de uma pesquisa. Inconscientemente, escolhemos quais números merecem crédito ou não, baseados nas nossas certezas. É humano: os psicólogos chamam isso de “viés confirmatório”. Nate Silver, um estatístico americano que ficou famoso pelas margens de acerto que obteve em pesquisas eleitorais, explica: “A razão que torna a previsão tão difícil para nós é a mesma que a torna importante: o ponto em que a realidade objetiva e a subjetiva se

SUPERINTERESSANTE

Maio 2014

encontram. Distingui-las requer tanto conhecimento científico quanto autoconhecimento”. Em português mais claro: quando a pesquisa do Ipea foi divulgada, por exemplo, pessoas mais engajadas na luta pelos direitos das mulheres não questionaram os números, já que eles reforçavam a urgência da causa que elas defendem. Da mesma forma, gente normalmente crítica ao movimento de afirmação feminina foram os primeiros a tentar mostrar que havia algo errado na pesquisa – não por amor à ciência, mas para provar as convicções que já tinham antes.

Tudo isso é um problema, porque pesquisas não são apenas os termômetros da realidade. Elas ajudam a moldar o futuro. O Ipea, que antes só fazia estudos econômicos, tem como missão agora elaborar pesquisas que ajudem a “ditar políticas públicas”. A porcentagem de gente que concorda

com isso ou aquilo vai direcionar recursos para esta ou aquela contratação de pessoal ou mudança no currículo escolar. Da mesma forma, pesquisas eleitorais direcionam o voto – o eleitor pode mudar a intenção para forçar um segundo turno, por exemplo, baseado nas pesquisas. No fim das contas, as pesquisas servem como uma arma a favor da democracia. Mas isso só vale, claro, se elas forem confiáveis. E só existem três formas de garantir isso. Primeiro, os institutos devem ser transparentes na hora de divulgar seus dados, mostrando como as perguntas foram feitas. Segundo, têm de gastar mais tempo e cérebro com a redação dessas questões, para evitar termos dúbios (como o “atacadas” do Ipea). Terceiro, e mais importante, é o papel do público: avaliar os números e o método. Porque não são só os institutos: nós também precisamos diminuir nossa margem de erro.

BURGOS, Pedro. As mentiras sinceras das pesquisas. *Superinteressante*, maio 2014.

Esse artigo foi publicado por ocasião da polêmica gerada pelo equívoco cometido pelo Ipea quando da análise dos dados da pesquisa *Tolerância social à violência contra mulheres*. O Ipea cometeu o engano de trocar o resultado de dois gráficos que se referiam a aspectos diferentes da pesquisa. Um deles correspondia às respostas apresentadas à questão: “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas” (com o que 26% dos entrevistados concordam). O outro dizia respeito às respostas dadas pelos entrevistados à afirmação: “Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar” (com o que 65,1% dos entrevistados concordam).

A divulgação invertida foi feita em março e corrigida em 4 de abril pelo Instituto, que admitiu ter cometido um erro relevante.

Isso posto, responda:

1 Qual questão controversa esse artigo procura discutir?

2 Qual é a posição assumida no artigo em relação a essa questão? Explique.

3 O texto identifica problemas que prejudicariam a posição que defende, mas, também, apresenta algumas soluções. Quais seriam elas?



Mais um processo argumentativo em foco

O artigo *As mentiras sinceras das pesquisas*, elaborado por Pedro Burgos, discute uma questão relevante, em especial se for considerada a situação gerada pelo erro do Ipea. Mais especificamente, pode-se dizer que discute a questão: *É possível confiar nas pesquisas?* Para respondê-la, ele analisa problemas envolvidos na produção, na divulgação e na interpretação das pesquisas e sinaliza alguns aspectos que podem torná-las mais confiáveis, já que o seu papel em uma sociedade democrática é tanto interpretar o real quanto moldar o futuro.

O quadro a seguir sintetiza a questão discutida e a posição assumida no texto em relação a ela.

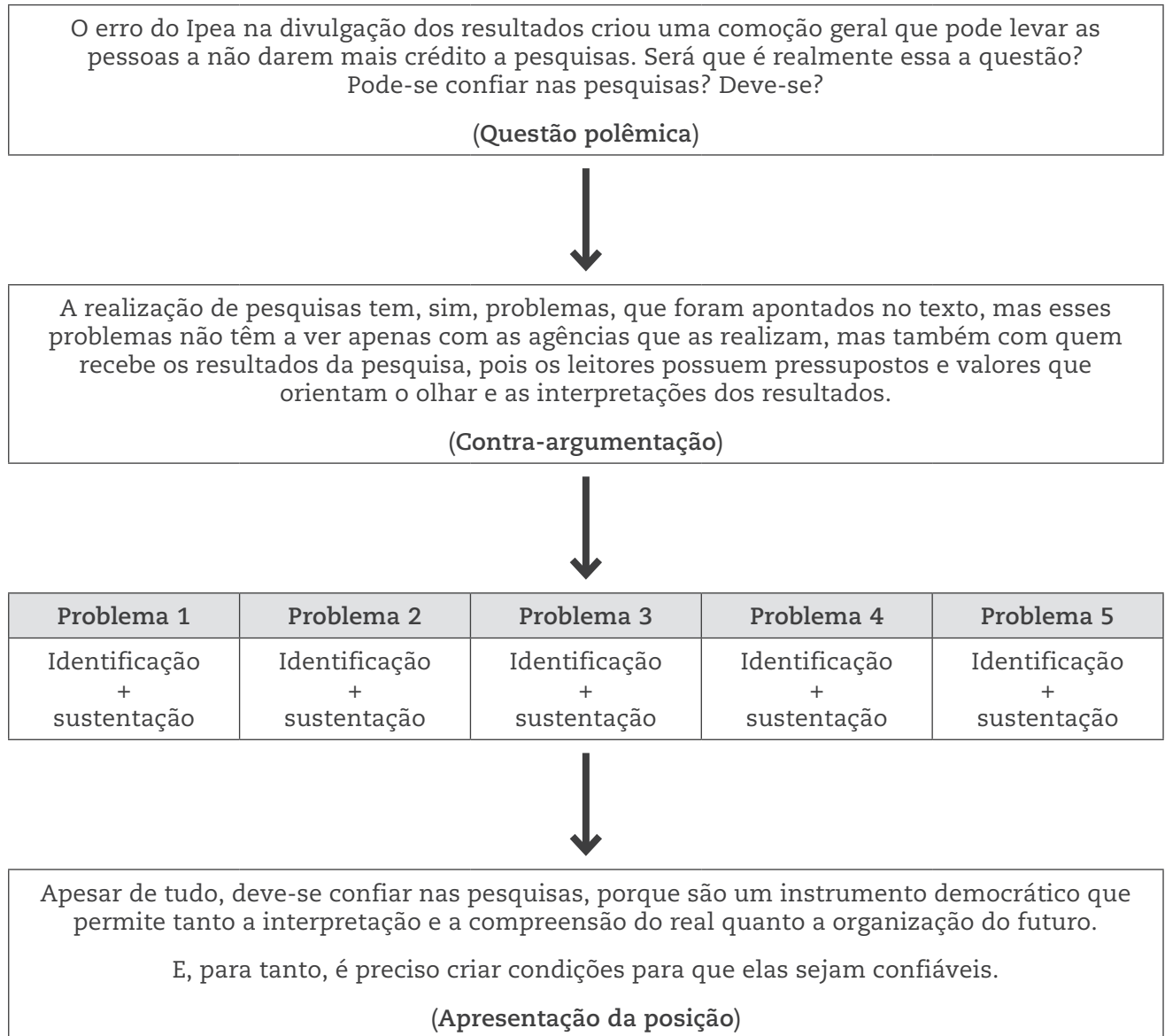
As mentiras sinceras das pesquisas Questão e posição	
Questão polêmica	É possível confiar nas pesquisas?
Posição assumida	Sim, se forem tomados alguns cuidados e se algumas condições forem garantidas: as agências realizadoras das pesquisas devem tanto ter transparência na divulgação da pesquisa, mostrando como foi realizada, quanto cuidar para que as questões sejam bem elaboradas, pois isso determina as interpretações possíveis dos resultados; o público precisa mudar a sua relação com a pesquisa, assumindo uma atitude de avaliação dos resultados e do método utilizado para chegar aos números.

No processo da discussão apresentada, o texto foi organizado da seguinte maneira:

As mentiras sinceras das pesquisas		
Organização interna do texto		
Parágrafo	Função no texto	Assunto
1º	Apresentar o contexto da questão em discussão e sinalizar o que será debatido: problemas com a realização e divulgação das pesquisas; o que é preciso fazer para que elas sejam confiáveis.	Acontecimentos relativos à divulgação da pesquisa do Ipea e a comoção nacional gerada tanto pelos resultados quanto pelo erro do Instituto.
2º		Apresentar a necessidade de desenvolver um senso crítico com relação a pesquisas.
3º	Apresentar cada um dos problemas relacionados com a produção e a divulgação de pesquisas.	Problema: crença de que os números representam fatos incontestáveis.
		Dados: apresentação de explicação a respeito da diferença entre dado concreto e estimativa.
4º		Problema: todas as pesquisas estão sujeitas a erro.
		Dados: relação de aspectos inadequados da pesquisa do Ipea, relativos à seleção da amostra e à redação das afirmações que compunham as questões.
5º		Problema: todos os institutos que realizam pesquisas já cometeram erros.
		Dados: exemplo de pesquisa eleitoral, referente à ordem em que as questões são apresentadas ao entrevistado, que também pode influenciar sua resposta; uma pesquisa precisa ser isenta.
6º		Problema: processo de divulgação da pesquisa.
		Dados: exemplos da própria pesquisa do Ipea: na divulgação seleciona-se os aspectos nos quais se deseja colocar o foco, o que determina omissões que podem ser relevantes.
7º		Problema: julgamento do leitor a respeito de o que considerar mais relevante nos resultados de uma pesquisa.
		Dados: fala de especialista em pesquisa, apresentação de explicações a respeito e exemplos da reação das pessoas aos resultados da pesquisa do Ipea, influenciadas pelos seus valores e escolhas políticas e pessoais.
8º	Concluir o texto, sintetizando os aspectos fundamentais para que as pesquisas possam ser confiáveis.	Justifica por que o texto considerou todos aqueles aspectos como problema, pontuando o papel que as pesquisas possuem em uma sociedade democrática hoje. Apresenta três condições para que as pesquisas possam ser confiáveis: duas relacionadas às agências produtoras de pesquisa e uma, ao público leitor.

Orientação argumentativa do texto

A argumentação do texto parece orientar-se tal como esquematizado a seguir:



A orientação argumentativa citada corresponde a esse artigo especificamente, portanto não é regra geral que deve orientar a produção de qualquer artigo. O autor, nesse caso, escolheu apresentar sua posição no último parágrafo; mas poderia ter apresentado logo no começo, por exemplo. Da mesma forma, nesse texto, a questão controversa não foi explicitada, embora não seja raro que isso aconteça nos artigos em geral.

Aliás, basta que você compare a organização interna do artigo anterior com a deste para constatar que o modo de organizar corresponde às escolhas pessoais de cada autor, que são decorrentes de tudo o que ele considera mais adequado ao convencimento de seus opositores e dos seus leitores.

O fundamental, ao elaborar um artigo, é que haja a presença articulada, relacionada, dos seguintes elementos, seja em que ordem for, desde que garanta a coerência das ideias do texto:

- Apresentação da questão em discussão e sua contextualização, não necessariamente nessa ordem. Quando se fala em contextualizar a questão, isso quer dizer localizá-la nas discussões correntes; mostrar o que se pensa a respeito dela, de modo geral, na sociedade; abordar acontecimentos importantes relacionados a ela.
- Apresentação da posição que será defendida no texto. Pode ser no início dele ou em qualquer outro momento, dependendo do movimento argumentativo que será empregado.
- Apresentação de argumentos que sustentem a posição assumida.
- Antecipação de contra-argumentos – ou argumentos que sustentem posição contrária à do texto – em um movimento de consideração do opositor que tem a finalidade de refutar sua posição. Dito de outra maneira, é preciso imaginar o que seu opositor diria para “derrubar” seu argumento, apresentar o que ele diria e descartar a ideia dele, mostrando que é insuficiente para acabar com sua argumentação.
- Negociação de posições com o opositor, sem abdicar da posição assumida.
- Apresentação de conclusão relativa à discussão apresentada.

Que tipos de argumento podem ser utilizados em um artigo de opinião?

Para finalizar, é importante que você conheça tipos de argumento que podem ser utilizados no processo de argumentação. Eles são classificados de modos variados, dependendo do autor. São apresentados, a seguir, aqueles considerados fundamentais e mais recorrentes nos artigos de modo geral.

- **Argumento de autoridade:** trata-se de defender a posição assumida no texto pela inclusão da palavra de especialistas ou de pessoas de relevância na área, com credibilidade suficiente para convencer o interlocutor. Essa inclusão acontece por meio do recurso linguístico da citação.

Exemplo:

No livro didático X, as personagens que praticam boas ações são sempre ilustradas como loiras de olhos azuis, enquanto as más são sempre morenas ou negras. Podemos dizer que o livro X é racista, pois, segundo o antropólogo Kabengele Munanga, do Museu de Antropologia da USP, ilustrações que associam traços positivos apenas a determinados tipos raciais são racistas.

- **Argumento por evidência (ou provas concretas):** trata-se de convencer o interlocutor apresentando evidências relacionadas aos fatos discutidos, evidências essas (dados, fatos, imagens) que podem vir de pesquisas, de reportagens, de dados noticiados, por exemplo.

Exemplo:

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD) de 2008, o telefone, a televisão e o computador estão entre os bens de consumo mais adquiridos pelas famílias brasileiras. Esses dados mostram que boa parte desses bens de consumo é ligada ao desejo de se comunicar. A presença desses três meios de comunicação entre os bens mais adquiridos pelos brasileiros é uma evidência desse desejo.

RANGEL, Egon et al. *Pontos de vista*. Caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2010, p. 103.

- **Argumento por comparação ou analogia:** trata-se de estabelecer comparação entre o assunto/fato/situação que é foco de discussão e outras situações análogas que possam corroborar com a posição defendida no texto.

Exemplo:

A quebra de sigilo nas provas do Enem 2009, denunciada pela imprensa, nos faz indagar quem seriam os responsáveis. O sigilo de uma prova do Enem deve pertencer ao âmbito das autoridades educacionais – e não da imprensa. Assim como a imprensa é responsável por seus próprios sigilos, as autoridades educacionais devem ser responsáveis pelo sigilo do Enem.

RANGEL, Egon et al. *Pontos de vista*. Caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2010, p. 103.

- **Argumento por exemplificação:** neste caso, utiliza-se de exemplos representativos da posição defendida, os quais justificam essa posição e, assim, acabam por convencer o interlocutor.

Exemplo:

Vejam os exemplos de muitas experiências positivas – Jundiaí (SP), Campinas (SP), São Caetano do Sul (SP), Campina Grande (PB) etc. – sistematicamente ignoradas pela grande imprensa. Tantos exemplos levam a acreditar que existe uma tendência predominante na grande imprensa do Brasil de só noticiar fatos negativos.

RANGEL, Egon et al. *Pontos de vista*. Caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2010, p. 103.

- **Argumento de princípio ou baseado no consenso:** neste tipo de argumento, a justificativa apresentada para a posição defendida é um princípio, ou seja, uma crença pessoal – que pode ser também do interlocutor – baseada em uma constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) que é aceita como verdadeira e que tenha validade universal. No processo de argumentação, ao utilizar esse tipo de argumento, relaciona-se o conjunto de dados apresentados no princípio e, por meio da dedução, cria-se o efeito de comprovação da tese – por um processo dedutivo –, que pode convencer o interlocutor. É importante ressaltar que não se trata de argumentos baseados em lugares-comuns, carentes de base científica e de validade discutível.

Exemplo:

A derrubada dos índices de mortalidade infantil exige tempo, trabalho coordenado e planejamento. Ora, o índice de mortalidade infantil de São Caetano do Sul, em São Paulo, foi o que mais caiu no país. Portanto, São Caetano do Sul foi o município do Brasil que mais investiu tempo, trabalho coordenado e planejamento na área.

RANGEL, Egon et al. *Pontos de vista*. Caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2010, p. 103.

- **Argumento por causa e consequência (ou baseado no raciocínio lógico):** neste caso, trata-se de propiciar que a tese seja aceita por ser causa ou consequência dos dados apresentados.

Exemplo:

Não existem políticas públicas que garantam a entrada dos jovens no mercado de trabalho. Assim, boa parte dos recém-formados numa universidade está desempregada ou subempregada. O desemprego e o subemprego são uma consequência necessária das dificuldades que os jovens encontram de ingressar no mercado de trabalho.

RANGEL, Egon et al. *Pontos de vista*. Caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2010, p. 103.

- **Argumento da competência linguística:** trata-se da utilização da variedade linguística adequada na organização, por exemplo, de um discurso, considerando que esta pode convencer o interlocutor de que o argumentador tem credibilidade suficiente para defender a posição assumida. Quer dizer, é preciso utilizar um tipo de linguagem que diga para o ouvinte ou leitor que o autor do texto (oral ou escrito) é competente, sabe o que diz, merece credibilidade. E aqui é importante ressaltar que a variedade a ser utilizada deve ser a que pode convencer a audiência específica daquele texto, o leitor concreto que se quer atingir.



Você já parou para pensar que não são apenas os textos escritos que apresentam diferentes tipos de argumento quando querem convencer o outro de que a sua posição sobre determinado assunto é a mais adequada? Se puder, assista a um debate na TV ou a um programa organizado em torno da discussão de questões polêmicas da atualidade e procure identificar os argumentos utilizados pelos participantes.



Língua Portuguesa – Volume 3

Relatar, uma arte

Nesta Unidade, o artigo de opinião foi bastante estudado, assim como se mostrou o que significa argumentar, capacidade tão importante que as pessoas têm para formar opinião sobre os mais diversos aspectos e problemas enfrentados cotidianamente.

Mas esta – é claro! – não é a única capacidade do ser humano. Na verdade, talvez a mais básica de todas elas seja a capacidade de relatar. É dessa capacidade – e de alguns gêneros que têm origem nela – que esse vídeo trata. Também o jornal publica textos que são relatos, como a notícia, mas o vídeo nos mostra muitos outros, como alguns tipos de carta, os relatos de experiência vivida, diários de viagem.

Esse vídeo apresenta a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu ao Rei de Portugal para relatar como eram o Brasil e seus moradores. Além disso, o vídeo mostra o processo de produção dos livros de Amyr Klink, navegador brasileiro que realizou várias expedições marítimas pelo mundo, todos eles baseados em diários de viagem; e, ainda, um pouco sobre a obra *O diário de Anne Frank*, escrito por uma adolescente durante a 2ª Guerra Mundial, e publicado depois, pelo seu pai.

Sim, relatar é contar nossa história. E pode mesmo ser uma arte, já que tem se tornado literatura.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Raio X de uma situação de argumentação

1 O artigo discute a questão *É possível confiar nas pesquisas?* Para respondê-la, analisa problemas envolvidos na produção, divulgação e interpretação das pesquisas e sinaliza alguns aspectos que podem torná-las mais confiáveis, já que o seu papel em uma sociedade democrática é tanto interpretar o real quanto moldar o futuro.

2 A posição assumida no artigo é de que se pode, sim, confiar nas pesquisas, em especial se forem tomados alguns cuidados e se algumas condições forem garantidas: as agências realizadoras das pesquisas devem tanto ter transparência na divulgação da pesquisa, mostrando como foi

TEMAS

1. O planejamento do artigo de opinião
2. A revisão do artigo concluído

Introdução

Nesta Unidade, você produzirá um artigo de opinião. Para tanto, retomará todos os conteúdos discutidos na Unidade 3: relações de semelhança e diferença entre notícia e artigo de opinião; tipo de questão discutida em um texto desse gênero; o papel que o contexto de produção assume na orientação do artigo; a diferença entre opinar e argumentar; tipos de argumento que podem ser utilizados; a organização interna de um artigo de opinião e sua orientação argumentativa.

Essa retomada será realizada durante a orientação do plano de trabalho, que terá como resultado a elaboração do seu artigo de opinião.

TEMA 1 O planejamento do artigo de opinião

Este tema ajudará você a planejar seu trabalho de escrita, tanto retomando as discussões já realizadas quanto organizando, passo a passo, sua produção. Você identificará a questão controversa a que vai responder o artigo; estudará um pouco mais sobre o assunto; conhecerá o contexto de produção do seu artigo; definirá sua posição a respeito da questão estabelecida; selecionará argumentos para serem empregados no seu texto em função da situação comunicativa; e, finalmente, fará o planejamento da forma como deverá ser escrito.

Depois disso tudo, você redigirá seu texto.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Considerando o que foi estudado na Unidade 3, faça uma lista de tudo o que você considera que precisa saber e fazer para elaborar seu artigo de opinião.



Mas o que é mesmo necessário fazer para escrever um artigo de opinião?

Com tudo o que foi discutido na Unidade 3, é possível dizer que elaborar um artigo de opinião requer, pelo menos, que você realize as ações apresentadas a seguir:

- Recupere o contexto de produção definido para o texto. Ou seja, retome as informações relativas a: para quem o texto será escrito; qual é a finalidade do texto; onde o texto vai circular; em que veículo será publicado; de que lugar social você escreverá o texto.

Você deve utilizar essas informações para orientar a escrita do seu texto, selecionando os argumentos mais adequados para convencer o interlocutor previsto; escolhendo a linguagem que considerar mais indicada para esse interlocutor compreender o que você vai dizer e também para convencê-lo da sua posição; pensando na extensão mais apropriada para o texto, levando em conta o veículo em que será publicado; definindo o movimento argumentativo que você considerar mais adequado para suas intenções e para convencer o interlocutor; entre outros aspectos.

- Defina a questão controversa que você discutirá ao elaborar o artigo.
- Uma vez decidido qual será a questão polêmica, estabeleça sua posição acerca dela. Para tanto, faça uma pesquisa e levante artigos, reportagens, fontes nas quais você possa se informar sobre o assunto. Leia tudo e vá grifando aspectos que podem ser considerados na discussão, argumentos que possam sustentar as diferentes posições a serem apresentadas em seu texto, dados que pareçam interessantes ao seu leitor, entre outros aspectos.
- Depois de ler e de grifar, organize um quadro com duas colunas: uma para listar os argumentos a favor da posição que você vai defender no artigo e outra para os argumentos contrários a essa posição. O quadro poderá auxiliar na seleção dos argumentos para a defesa da posição que escolher posteriormente, inclusive considerando as possibilidades de convencimento de seus interlocutores.
- Utilizando o quadro, selecione – entre todos os argumentos que encontrou – aqueles que você acredita que possam ter maior impacto sobre seu interlocutor, tanto para defender a sua posição quanto para atacar a contrária à sua, derrubando-a.
- Escolha um argumento utilizado pelos opositores da sua posição que você considera importante rebater, aquele bastante utilizado por quem defende o contrário: quando for escrever, você vai trazê-lo para dentro do seu texto, admitir que pode ser importante e que até existe algo bom nele, mas vai contestá-lo definitivamente.

- Selecione também os argumentos contrários que você criticará no texto, refutando a posição de seu opositor.
- Elabore um plano para seu texto, definindo e organizando:
 - a maneira como você contextualizará a questão controversa que vai discutir;
 - o movimento argumentativo que considera mais adequado tanto para o seu estilo pessoal de escrever quanto para o convencimento do seu interlocutor;
 - os argumentos por ordem de força de convencimento e se serão apresentados na ordem crescente ou não;
 - a ordem em que você apresentará sua posição: se logo no início do texto ou se depois, mais para o final;
 - o registro linguístico – a linguagem – que utilizará em função do leitor, do veículo (revista ou jornal, impressos, eletrônicos, televisivos ou radiofônicos) e do espaço em que o texto circulará (jornalismo);
 - o modo como terminará o texto;
 - um título que seja representativo da questão polêmica em discussão e/ou da posição que será defendida no texto; um título que possa interessar ao interlocutor, seduzindo-o para a leitura;
 - as estratégias argumentativas que utilizará e os recursos textuais a serem empregados (apresentação de exemplos, do cotidiano ou não; utilização de paralelismos – e de que tipo, entre outros).
- Redija seu texto tomando os seguintes cuidados:
 - use como referência o contexto de produção definido e o plano elaborado para o seu texto, consultando-os durante a redação;
 - após escrever cada trecho, releia-os, procurando deixá-los o mais claro possível para o interlocutor: evite períodos muito longos e muitas intercalações, pois colocam a atenção do leitor na necessidade de reler para compreender. Isso tira a atenção, desfocando-a da compreensão da posição defendida e da respectiva adequação dos argumentos em relação a ela;
 - depois de reler cada trecho, revise-os, utilizando articuladores que representem com clareza as relações que você quer estabelecer entre os diferentes trechos:

verifique as possibilidades de interpretações equivocadas do enunciado e reescreva os trechos, caso seja necessário;

– ao selecionar adjetivos para qualificar o leitor, os veículos ou a si mesmo, considere o que acredita ser adequado para convencer seus interlocutores. Efeitos de muita erudição, de muita técnica, de muita teoria ou de muita especialização podem não funcionar como desejado. Às vezes, um recurso que apele para o emocional pode ser mais adequado ao leitor definido;

– infográficos (gráficos com imagens e esquemas, por exemplo) e gráficos (com dados quantitativos) podem ser recursos interessantes para apresentar dados, mas devem ser adequadamente articulados ao texto;

– dependendo do veículo e do local de circulação, imagens também podem ser um recurso interessante no processo argumentativo;

– indique todas as fontes dos dados que forem apresentados – e procure fontes que tenham credibilidade e relevância na área a que a questão controversa se refere.

Depois de terminar o artigo, releia-o por inteiro e faça uma revisão final, orientando-se por três aspectos: o ajuste do texto ao contexto de produção; se está adequado à defesa da posição assumida; se está de acordo com as possibilidades de convencimento do interlocutor.

O contexto de produção e a questão controversa: definindo o caminho

Uma vez tendo recuperado o que é preciso fazer para escrever seu artigo, defina, parte a parte, os aspectos específicos do processo. Comece pela definição da questão controversa – ou questão polêmica – a que o texto deverá responder.

Toda a Unidade anterior foi destinada à análise de textos sobre o tema da pesquisa *Tolerância social à violência contra as mulheres*, realizada pelo Ipea. Nesse estudo foram considerados os seguintes aspectos: o estudo do conteúdo da pesquisa – o que compreendem os brasileiros sobre a violência contra as mulheres; o fato de o Ipea ter cometido um erro no processo de divulgação dos dados, o que colocou em cheque a confiabilidade do brasileiro nas pesquisas em geral.

A proposta é que você conserve a mesma temática. Considerando isso, defina a questão polêmica que você gostaria de discutir. São sugeridas as seguintes:

• A pesquisa realizada pelo Ipea representa, de fato, a posição do brasileiro sobre a violência contra as mulheres?

- O que diz o seu cotidiano: O brasileiro realmente culpabiliza as mulheres pela violência que elas sofrem?
- A sociedade brasileira tolera a violência contra as mulheres?

Você pode, é claro, pensar em outras alternativas. Mas lembre-se: a questão que você debaterá não corresponde, necessariamente, ao título do seu artigo.

Uma vez definida a questão controversa, especifique as características do contexto de produção do seu texto. Você escreverá um artigo de opinião que discutirá a questão controversa escolhida. Ele será publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, na seção *Tendências e Debates*. Evidentemente, esse é um contexto simulado, e não real. Mas é a partir dele, considerando suas características, que você orientará seu texto.

Assim, dê uma olhada no jornal *Folha de S.Paulo* e conheça a seção indicada. Trata-se de um espaço em que são apresentados dois artigos sobre o mesmo tema, um defendendo uma posição favorável à questão proposta e outro, uma posição contrária. Para tanto, são convidados especialistas de áreas que tenham afinidades com o conteúdo da discussão e cuja história indique que têm afinidades com a posição sugerida do artigo.

A ideia da seção parece ser oferecer ao leitor, de maneira ágil, acesso a opiniões divergentes sobre um mesmo assunto.

Sobre os resultados da pesquisa do Ipea, o jornal *Folha de S.Paulo* publicou, no dia 5 de abril de 2014, os textos a seguir. Leia-os, pois assim você já vai ampliando seu repertório.

Texto 1

http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/04/1436185-a-sociedade-tolera-agressao-sexual-as-mulher

FOLHA DE S.PAULO | OPINIÃO

05/04/2014 3:00

A sociedade tolera agressão sexual às mulheres? Sim

RENATO JANINE RIBEIRO
ESPECIAL PARA A FOLHA

O OVO DA SERPENTE

A sociedade brasileira é pouco politizada. Tem razão a “Economist” quando nos dá uma nota boa em democracia, só que maior no que diz respeito às instituições do que à cultura política.

Ao menos desde o período Juscelino Kubitschek, nos saímos melhor nos costumes do que na política. Não sei como foi antes do presidente bossa-nova. A ditadura militar teve de

tolerar, de bom ou mau grado, uma juventude que rompia com as convenções nas artes, no relacionamento amoroso e de modo geral nos costumes (aquilo que a mídia hoje chama de “comportamento”). Enquanto o Estado, sequestrado pelos golpistas, reprimia e matava, a sociedade florescia. Esse avanço beneficiou o que era alternativo, tendo inclusive, nos anos 70 e 80, forte apoio desta **Folha**.

Assim, melhorou a condição feminina. Quem dos mais novos imagina que na década de 1980 existia um “movimento machista mineiro”, que defendia o direito do “macho” a matar a mulher, ante a mera suspeita de que ela o traísse? Quem lembra que foi preciso pichar paredes com o slogan “Quem ama não mata” para não só penalizar o assassinato que era denominado “legítima defesa da honra”, como também e sobretudo para educar os homens a respeitar as mulheres? Em tudo isso, avançamos.

No entanto, nos últimos anos, com a tolerância e por vezes até algum estranho prazer de secções da mídia, e o decidido engajamento de umas confissões religiosas, tem havido uma reação a essas conquistas – que não são apenas das mulheres. Porque toda repressão às chamadas minorias é na verdade uma forma do repressor recalcar, nele mesmo, as condutas mais livres, liberais ou libertárias que ele inveja no grupo minoritário.

Uma questão relevante, o direito ao aborto, foi praticamente excluída do horizonte do viável, devido a uma manipulação propagandística nas últimas eleições presidenciais. Pior, cresce a ideia de que certas mulheres são culpadas por excitarem homens sexualmente, o que justificaria, pelo menos em parte, as agressões de que são vítimas.

No Brasil, muitos acreditam que pode ser atacada uma mulher que se veste de modo provocante, segundo pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Na Arábia Saudita, país que crucifica e degola seus presos, a culpa é das mulheres que se maquiam: 86,5% dos homens acham isso (sério, veja em tinyurl.com/mjdwfql).

Deixando claro: há mulheres, sim, que têm prazer em excitar um desejo sexual e, depois, têm novo prazer em não o satisfazer. Essa não é uma conduta elogiável – mas não autoriza ninguém a estuprá-las ou sequer assediá-las. Podemos discutir o que leva uma mulher a ser “allumeuse”, aquela que acende o desejo só pelo gosto de acender. Faz parte do debate sobre a dificuldade atual com os laços humanos. Mas entender o **narcisismo** não é justificar a agressão. Se um homem se sente provocado, que se controle.

Na verdade, o sinal de um recuo nos costumes não está ainda sendo dado no campo das mulheres, mas no trato com os homossexuais. Só que políticos que pregam contra os gays também condenam mulheres independentes. Crimes de ódio contra os homossexuais crescem. Contam com a simpatia, às vezes travestida de compreensão, de colunistas.

É aí que está sendo **chocado o ovo da serpente**. Ou difundimos uma educação democrática, que respeite os modos de ser diferentes, ou vamos perder as conquistas, em termos de liberdade pessoal, das últimas décadas. As agendas de direitos humanos estão sendo sacrificadas a acordos políticos. Não podemos aceitar o retrocesso que paira no ar. O momento é decisivo.

Renato Janine Ribeiro, 64, é professor titular de ética e filosofia política do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. É autor de “República”, entre outras obras.



Glossário

Chocar ovos de serpente

Expressão de origem bíblica que significa alimentar maus pensamentos. Foi utilizada no filme *O ovo da serpente*, de Ingmar Bergman, que mostrava o caos em que se encontrava a Alemanha depois da 1ª Guerra Mundial, antes da ascensão de Hitler, e o clima de insatisfação do povo alemão. A metáfora refere-se ao fato de que esse clima de violência e insatisfação estava criando a possibilidade de surgimento e tomada do poder pelo nazismo. Este, o nazismo, foi um movimento antidemocrático que surgiu na Alemanha depois da 1ª Guerra Mundial, liderado por Adolf Hitler. Baseava-se na suposta superioridade da raça ariana e fomentava preconceitos de vários tipos: contra diversas etnias, contra homossexuais, determinadas religiões e comunistas. Uma das medidas de Hitler como ditador foi mandar exterminar milhares de judeus, negros, homossexuais e comunistas. Esse triste episódio da história mundial ficou conhecido como holocausto.

Narcisismo

Característica da personalidade daquela pessoa que nutre admiração por si mesma.

Texto 2



<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/04/1436191-a-sociedade-tolera-agressao-sexual-as-mulher>



FOLHA DE S.PAULO | OPINIÃO



05/04/2014 3:00

A sociedade tolera agressão sexual às mulheres? Não

**ALBA ZALUAR
ESPECIAL PARA A FOLHA**

REAÇÃO CONSCIENTE

O problema é grave. A violência contra as mulheres é fenômeno mundial que deixa sérios efeitos, visto que pode levar logo a traumatismos, incapacitações e óbitos, mais tarde a mudanças fisiológicas e psicológicas induzidas pelo estresse decorrente do trauma. As mulheres que sofreram abusos têm altas taxas de gravidez não desejada, abortos, **desfechos neonatais e infantis adversos**, infecções sexualmente transmissíveis e transtornos mentais.

No Brasil, mudanças no aparato institucional já foram feitas. A legislação foi mudada com a Lei Maria da Penha e a de **notificação compulsória**. Já contamos com delegacias especiais para atender as mulheres agredidas. Existem em número crescente serviços que dão assistência às que sofrem violências.

A reação imediata de mulheres pelo país afora aos resultados da pesquisa do Ipea que revelou que um quarto da população acha que a mulher que exhibe seu corpo merece ser atacada, afirmando publicamente que seu modo de vestir é uma escolha livre e não a justificativa para o estupro, demonstra o quanto estão mais conscientes e organizadas. De fato, há também associações mais ou menos informais de proteção interna ao gênero funcionando há tempos, embora timidamente.

Mas a aplicação de leis e políticas para mulheres em todo o país é irregular e, principalmente, persistem preconceitos e covardias. Falta assegurar que a intolerância à violência contra as mulheres, duplamente covarde, chegue a todos os rincões e, sobretudo, nos corações e mentes de homens jovens **instilando**-lhes a vergonha de agir violentamente contra as mais desprotegidas entre as mulheres.

Os programas de prevenção primária que levem em conta a desigualdade de gênero ainda são poucos. Como afirmou Ban Ki-moon, secretário-geral da **ONU**: “Peço aos governos que aproveitem as ideias e a liderança dos jovens para nos ajudar a pôr fim a essa **violência pandêmica**. Só então teremos um mundo mais justo, pacífico e equitativo”.

E já sabemos onde e com quem intensificar tais ações. As zonas onde há mais coesão social por causa da homogeneidade étnica, religiosa e social, onde a moradia é de longa data e os vizinhos desenvolveram relações de confiança e ajuda mútua, onde há mais associações, essas zonas são as que apresentam taxas de criminalidade mais baixas, escolas mais eficazes, bem como adultos mais responsáveis que socializam os mais jovens segundo os valores e regras de convivência claros, aprovados socialmente pelos locais, aí incluídos a proteção dos mais frágeis: mulheres, crianças e idosos.

Ao contrário, as mulheres – especialmente as que migram sozinhas e não são casadas – perdem a proteção dos seus parentes mais próximos e não têm tempo suficiente para desenvolver relações de confiança e de solidariedade com os vizinhos onde elas vivem. Isso as atinge justamente na faixa de idade de maior produtividade no trabalho e também de maior fecundidade, ou seja, dos 15 aos 35 anos de idade.

O meu “não”, portanto, deve ser entendido como cautela em interpretar os percentuais de aprovação constados na pesquisa do Ipea, como aposta na capacidade de denúncia e reação das mulheres e suas organizações, como esperança de que o **aparato institucional** existente torne-se mais eficaz em deter abusos e agressões contra as mulheres. Nunca como uma **subestimação** do problema que tais violências provocam.

Esse tipo de pesquisa que afirma respostas e pede para confirmar tem um viés. Suscita o espelhamento mais do que o julgamento dos entrevistados. Estes manifestam a tendência em concordar com o que diz o pesquisador. Os números estão provavelmente exagerados.

Mãos e mentes à obra!

Alba Zaluar é professora titular de antropologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Folha de S.Paulo, Opinião, 5 abr. 2014, 3h00. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/04/1436191-a-sociedade-tolera-agressao-sexual-as-mulheres-nao.shtml>>. Acesso em: 11 set. 2014.



Glossário

Aparato institucional

Recursos que determinada instituição possui para realizar o seu trabalho.

Desfecho neonatal e infantil adverso

Refere-se ao fato de que as mulheres abusadas sexualmente podem ter partos que não terminam bem (seja para a criança ou para a mãe), assim como crianças que, em caso de doenças, por exemplo, tenham mais dificuldade para resolver os problemas de modo satisfatório.

Instilar

Induzir, persuadir, inserir gota a gota.

Notificação compulsória

No caso do texto, refere-se a um instrumento legal criado para que o setor da saúde – que acaba atendendo imediatamente as pessoas nesta situação – consiga denunciar casos de suspeita de violência doméstica, sexual e outras que crianças, adolescentes e mulheres podem sofrer.



Glossário

ONU

Organização das Nações Unidas.

Subestimação

Ato de não dar o devido valor a uma pessoa. No caso do texto, refere-se a imaginar que um problema seja menos grave do que realmente é.

Violência pandêmica

Violência que não se limita a uma pequena região, mas que se alastrou de forma desequilibrada, atingindo os mais distantes lugares e os mais longínquos países. Trata-se de uma violência que se espalhou em proporções desastrosas.

LEMBRETES FUNDAMENTAIS PARA SEU PLANO DE TRABALHO

Você escreverá, portanto, para o leitor da *Folha de S.Paulo*, publicará seu texto nesse jornal. Dessa forma, deve considerar quem é esse leitor, que conhecimentos ele teria sobre o tema, que posições apresentaria a respeito. Esses aspectos orientarão sua escolha de argumentos e de linguagem, os exemplos que poderá dar, os dados a utilizar para convencer esse leitor.



Ampliação de informações sobre o tema

Uma vez tendo definido a questão controversa e o contexto de produção, você precisará ampliar seu repertório sobre o assunto, pois isso o ajudará a definir uma posição sobre ele ou a consolidar uma que já possua.

Dessa forma, coloque em um buscador na internet as indicações do tema – como *Pesquisa Ipea violência contra a mulher* – e leia sobre o assunto. Consulte sites das revistas eletrônicas *CartaCapital*, *Istoé*, *Época*, *Problemas Brasileiros*, *Veja*, por exemplo, e de jornais como *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S.Paulo*.




À medida que for lendo, vá marcando nos diferentes textos argumentos que poderão ser utilizados para defender uma ou outra posição. Quando você for planejar o texto, ter um repertório de argumentos certamente facilitará o seu trabalho.


Além disso, observe e anote a maneira como os textos foram escritos, exemplos que foram apresentados, comparações realizadas que você possa empregar. Você poderá utilizar essas anotações quando for organizar o plano do seu texto.

Além dos textos já lidos na Unidade 3 e dos apresentados aqui, os materiais que seguem podem contribuir para a ampliação do seu inventário, para sua coleção de textos.

O artigo a seguir apresenta dados mais completos e detalhados a respeito da amostra e da metodologia da pesquisa realizada pelo Ipea. Pode ampliar suas informações sobre esse aspecto e fornecer a você dados mais abrangentes para utilizar no processo de argumentação do seu artigo.

Texto 3

← →  <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1435862-estudo-do-ipea-que-aponta-apoio-a-ataques->  

FOLHA DE S.PAULO | COTIDIANO 

04/04/2014 15:21 / ATUALIZADO 16:53

Pesquisa do Ipea sobre estupro tem falha em metodologia

**MARCELO LEITE
DE SÃO PAULO**

O Brasil ficou chocado, e com razão, quando viu a pesquisa que aponta que parte de sua população concorda com a ideia de que mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas. Porém, especialistas questionam os resultados obtidos: há problemas com a amostra da pesquisa que produziu o dado.

Na tarde desta sexta-feira, o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), do governo federal, divulgou numa nota que altera de 65,1% para 26% o percentual das pessoas que concordam, total ou parcialmente, com a afirmação “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. Outros 70% discordam total ou parcialmente e 3,4% se dizem neutros.

Além desse erro, reconhecido pelo órgão e atribuído a uma troca de gráficos, especialistas em pesquisas de opinião também contestam a metodologia aplicada.

O levantamento ouviu 3.810 pessoas em 212 municípios de todas as grandes regiões do país de ambos os sexos entre maio e junho do ano passado. Os pesquisadores aplicaram os questionários pessoalmente na casa dos entrevistados.

A lista de municípios onde os pesquisadores colheram os dados inclui todas as capitais, aqueles que a pesquisa define como municípios-polo (com aeroportos e voos comerciais regulares) e outros sorteados entre os que ficam num raio de 120 km dos polos. O instituto afirma que essa amostra é representativa da população brasileira.

Uma pesquisa domiciliar introduz vieses indesejáveis numa pesquisa de opinião. O método aumenta a chance de que o entrevistado seja uma pessoa mais velha e do sexo feminino (só entraram na pesquisa maiores de 16 anos), condições obviamente relevantes para convicções sobre comportamento e violência sexual.

A amostra do Sips abrangiu 66,5% de mulheres, quando na população em geral elas representam 51%. No estudo do Ipea, há 19,1% de idosos (60 anos ou mais), só que no censo de 2010 eles não passam de 10,7%.

Há mais distorções. Entre os entrevistados do Sips, há apenas 5,4% de pessoas com nível superior de ensino. Considerando apenas as pessoas com mais de dez anos, há na população brasileira 8,3% com esse grau de instrução.

Por fim, o Ipea ouviu 29,1% de moradores de regiões metropolitanas, quando há no Brasil mais de 40% nessa condição. Em resumo, a amostra do Sips tem mais mulheres, mais idosos, mais moradores de cidades menores e menos pessoas com nível universitário do que o geral dos brasileiros.

Não chega a ser uma surpresa, portanto, que o Sips **veicule opiniões** mais conservadoras, ou tradicionalistas.

FALTOU PONDERAÇÃO

Para contornar essa deformação, institutos de pesquisa de opinião usam o recurso de ponderar sua base de respostas colhidas. Se há mais mulheres na amostra, a quantidade de respostas dadas por elas sofre uma espécie de desconto, para que no cômputo final ela não pese mais do que o devido em relação aos homens.

Isso não foi feito no caso dessa pesquisa Sips, disse o Ipea à **Folha** (o texto publicado não traz essa informação). A explicação do instituto para essa falta de ponderação não chega a ser esclarecedora.

“A **reponderação da amostra** foi testada em pesquisa anterior e acabou por não alterar significativamente os resultados”, afirmou João Cláudio Garcia, da assessoria de imprensa. “[Os dados] não foram reponderados, pois nossa experiência é que não muda o resultado.”

Em nota à **Folha**, o Ipea deixou outras perguntas sem resposta: se os domicílios e municípios visitados foram os mesmos da pesquisa Sips anterior (sobre serviços de telecomunicações), qual empresa contratada pelo Ipea aplicou os questionários, se houve diferença significativa entre as respostas de homens e mulheres nas questões sobre roupa/ataque e comportamento/estupro (alega-se que o cruzamento não foi feito) e quais foram as duas questões, do total de 27 aplicadas, que não entraram no relatório final.

Folha de S.Paulo, Cotidiano, 4 abr. 2014, 16h53. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1435862-estudo-do-ipea-que-aponta-apoio-a-ataques-a-mulheres-e-contestado.shtml>>. Acesso em: 11 set. 2014.



Glossário

Reponderação da amostra

Ponderar é um procedimento matemático muito utilizado em pesquisa que significa aplicar peso a determinada grandeza para extração de uma média. No caso da pesquisa do Ipea, o texto afirma que não aconteceu e o Instituto informa que não foi feito porque, quando realizado em outras pesquisas, não foi verificada alteração significativa de resultados.




Veicular opiniões


Fazer opiniões circularem, socializar opiniões, divulgar opiniões.

O texto a seguir, de Matheus Pichonelli, apresenta uma discussão muito interessante a respeito da forma de pensar do brasileiro, analisando a questão da violência contra as mulheres desde a época da ditadura. O autor indica os prejuízos que ter vivido sob um regime como esse – de cerceamento de liberdades,

de proibições, de violência real e simbólica – por tanto tempo podem ter acarretado para o brasileiro. Relaciona esse raciocínio com o modo de pensar machista e sexista confirmado na pesquisa, apresentando um posicionamento extremamente crítico sobre a questão, singular e bastante sustentado.

Texto 4

← →  <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-o-pais-dos-calhordas-3923.html>  

CARTACAPITAL | SOCIEDADE 

30/03/2014 12:09 / ATUALIZADO 04/04/2014 16:56

Brasil, o país dos calhordas

MATHEUS PICHONELLI

Em qualquer lugar do mundo haveria ao menos o constrangimento por justificar a tortura ou culpar a mulher pela agressão. Aqui não. É hora de admitir: somos um país de **calhordas**

[...]

Para eles [os calhordas], há roubo nas ruas porque há liberdade nas ruas, e não porque não somos capazes de ressocializar nem a nossa **indigência**, quanto mais nossos presídios. Para eles, há política afirmativa porque a maioria da população quer privilégio, e não porque ela jamais teve acesso a educação básica. Para eles, há corrupção porque existe voto, e não porque votamos mal e o sistema de representação pede aperfeiçoamentos. Para eles, é sempre mais fácil jogar a água suja da banheira com o bebê dentro.

É mais ou menos o raciocínio que leva a sustentar, em pleno 2014, que a vítima do estupro é culpada pelo estupro. Ou que ela merece ser estuprada porque não sabe se comportar. Porque aceitamos a ideia de que nossos instintos são **cláusula pétrea** na formação do nosso caráter, e tudo em volta é tentação ou motivo para o uso da força. E que o crime reside em quem desperta esses instintos, e não em quem é simplesmente incapaz de controlá-lo. A pesquisa do Ipea sobre a percepção da violência contra a mulher escancarou, em números, o que era verbalizado em todos os cantos do Brasil real, seja uma linha de trem à meia-noite, seja em uma mesa de jantar entre pessoas de bem. Se não sabemos votar, melhor cassar o direito ao voto. Se não sabemos nos comportar em um regime de exceção, apaga-se, com brocas e parafusos, o direito à vida do **meliante**. Se não sabemos nos comportar diante de uma mulher de saia, melhor banir a saia. Em todos esses casos, a vítima é sempre a culpada por provocar a fúria do seu agressor.

[...] Passada a **ditadura**, acreditamos que o caminho natural das coisas levaria a esperança a vencer o medo, mas a vitória foi só parcial: não eliminamos a ignorância, não atacamos os discursos **legitimadores** da violência, não nos precavemos contra as formas visíveis e invisíveis de agressão. Hoje todos nós temos o direito ao voto, mas muitos de nós [...] admitimos à boca pequena o nosso desconforto com o sistema representativo que permite ao pobre ou ao morador de outras paragens votarem em quem eles querem, e não em quem nós queremos. Hoje temos uma mulher na Presidência, e muitas em chefias de companhias, mas aí delas se elas não se vestirem adequadamente. Hoje temos institutos capazes de captar o raciocínio naturalizado de um país de calhordas, mas há gente disposta a desconfiar do óbvio e dizer que

uma mulher de saia é tão descuidada como um rico a portar um Rolex em área perigosa. Em um país de calhordas, passa a ser “perfeitamente compreensível” a confusão masculina entre relógios e vaginas: é tudo posse, e não há nada ao redor de um ou de outro. Nada é humano o suficiente a ponto de provocar a mínima indignação, a não ser o que tange ao bolso.

E porque não levamos suficientemente a sério a ideia de que a desigualdade extrema nos levaria a uma indignação extrema [...] agimos como se os avanços obtidos nas últimas décadas fossem suficientes para nos conceder um grau de civilização similar ao grau de investimento aferido anos atrás pelas agências de risco. As decapitações em Pedrinhas, a morte de Claudia da Silva Ferreira, a exposição pública de um jovem amarrado ao poste no Rio e os números sobre a vulnerabilidade feminina mostram que este avanço civilizatório chegou a um limite. O limite da origem, da cor e do sexo.

Após a divulgação da pesquisa, poucas, pouquíssimas pessoas decidiram se mobilizar e tentar começar a mudar a história a partir do discurso. Foram atacadas por hackers e chamadas de **feminazis** pelos mesmos calhordas que sobreviveram impunes a todos os regimes, do monarquista ao republicano, do escravista ao assalariado, do regime de exceção ao regime democrático. Em todos eles uma estrutura elementar ficou de pé: a estrutura da desigualdade que coloca diariamente em risco todos os direitos formalmente adquiridos. Como o de ser livre para ir e vir sem ser agredido. Enquanto esta estrutura continuar em pé, civilização alguma poderá se dizer consolidada, mas apenas tolerada por quem ainda tem o domínio sobre todos os campos, inclusive o do corpo. Caso contrário, a **barbárie** será pura e simplesmente naturalizada. É isso o que governo nenhum até agora conseguiu detonar na base. Ou então não haveria tantos calhordas empregados a negar em público a violência contra a mulher, a exclusão contra os pobres, a **truculência** de uma ditadura que de revolução não teve nem a sombra.

O silêncio sobre todos os abusos engolidos diariamente é o nosso último e mais gritante cartão de visitas em ano de Copa do Mundo. É ele que permite balançar a cabeça e seguir a vida normalmente como se nós não fizéssemos parte desta tragédia pelo discurso, pela ação ou pela indiferença.

Falhamos, como humanos, cada vez que colocamos no tapete a tragédia que fingimos ignorar. A pesquisa do Ipea sobre a percepção da violência contra a mulher era, ou é, uma das raras oportunidades de lavar ao sol esse tapete. Mas as forças do atraso, como sempre, preferem minimizar. O país dos calhordas agradece.

CartaCapital, 4 abr. 2014, 16h56. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-o-pais-dos-calhordas-3923.html>>. Acesso em: 11 set. 2014.



Glossário

Barbárie

Ato considerado desumano por desprezitar os direitos humanos, os valores já conquistados historicamente pela sociedade, em vários campos.

Calhorda

Pessoa desprezível.

Cláusula pétrea

Parte de um contrato ou de um acordo, que não pode ser alterada de modo algum.

Ditadura

Qualquer regime de governo que cerceia ou suprime as liberdades individuais. No Brasil, durou de 1964 a 1985 e foi resultado de um golpe



Glossário

militar que derrubou o governo João Goulart, eleito democraticamente. Terminou com José Sarney como presidente.

Feminazi

Forma depreciativa de chamar quem é feminista de modo extremado, militante feminista radical.

Indigência

Miséria; pobreza extrema.

Legitimar

Tornar legítimo, validar, confirmar.

Meliante

Malandro, patife, velhaco.

Truculência

Crueldade, ferocidade, violência.

O texto a seguir, elaborado por Drauzio Varella, médico conceituado, reconhecido e popular, trata as questões indicadas pela pesquisa do Ipea a partir da perspectiva de homem e de médico, apresentando uma posição bastante clara, direta e simples sobre o assunto.

Texto 5

FOLHA DE S.PAULO | ILUSTRADA

19/04/2014 03:00

Estupradores

Homem nenhum tem direito de atacar uma mulher. Nem que ela esteja nua, num banco de jardim

Drauzio Varella

Anos atrás fui comprar uma luminária na rua da Consolação. A que escolhi, o vendedor disse custar R\$ 250. Achei caro demais. Ele sorriu:

– Na verdade, custa R\$ 85. É a tática que uso para o freguês comprar na hora.

Assim aconteceu com a tal pesquisa do Ipea. No primeiro momento, disseram que 65% dos brasileiros concordavam total ou parcialmente com a frase: “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”.

Uma semana mais tarde, esse número foi corrigido para 26%. A reação foi de alívio e de revolta contra o Ipea, como se em cada quatro brasileiros um estar a favor do ataque fosse pouco.

A mesma pergunta refeita em São Paulo pelo Datafolha encontrou 12% de respostas positivas.

Quando o Datafolha substituiu a palavra atacadas por estupradas, 9% de nossos respeitáveis conterrâneos consideraram o estupro justificável.

19/04/2014 03:00

FOLHA DE S.PAULO | ILUSTRADA

O estupro é prática descrita em orangotangos, gorilas e chimpanzés, nossos parentes mais próximos.

Veja o caso dos orangotangos, **primatas** como nós, que passam a vida em cima das árvores. Os machos chegam a pesar 90 quilos, enquanto alguns não passam de 40, peso igual ao das fêmeas.

A dominância é disputada pelos mais encorpados, que se enfrentam em **lutas renhidas**, mas que jamais acabam em morte; terminam quando o perdedor volta as costas para o adversário e se retira.

Os **etologistas** nunca entenderam como os machos pequenos conseguem se reproduzir, uma vez que são rejeitados pelas fêmeas, sempre interessadas nos grandes, mais aptos a proteger-lhes a prole.

Observações de campo mais recentes encontraram a explicação: os pequenos são estupradores. Atacada por um deles, a fêmea berra e se defende com todas as forças. Ao ouvir-lhe os pedidos de socorro, o macho alfa corre pelos galhos das árvores para ajudá-la.

Mais ágeis, os pequenos fogem. Quando não conseguem, são espancados e atirados lá de cima. Chegam a morrer na queda, incidente que não ocorre entre os machos grandes em luta pela supremacia.

Agressões semelhantes contra estupradores são descritas em gorilas e chimpanzés. Do ponto de vista evolutivo, a explicação é lógica: aqueles incapazes de defender suas fêmeas não transmitiram seus genes à descendência.

Seres humanos não são diferentes.

As agressões mais torpes a que assisti foram **perpetradas** contra estupradores presos. No antigo Carandiru, o mínimo que lhes acontecia era serem esfaqueados pela turba enfurecida. Num deles, contei mais de 40 facadas.

Quando perguntei a um dos detentos que havia carregado o corpo até a enfermaria por que razão respeitavam o assassino de um pai de família, enquanto barbarizavam o estuprador, ele respondeu com voz pausada:

– Quem mata uma pessoa pode passar o resto da vida sem matar mais ninguém. O estuprador vai sair daqui e atacar outra mulher, que pode ser a sua filha ou a minha irmã. Esses caras são anormais.

Não lhe tiro a razão. De fato, aceitamos com mais **condescendência** um assassino do que o estuprador. O estupro é o mais **abjeto** dos crimes.

Vamos falar de homem para homem, prezado leitor. Quem nunca

passou pela experiência de estar a sós com a mulher desejada, ardente, em ambiente acolhedor, e fracassar?

Se nas condições mais favoráveis a impotência pode nos surpreender, imaginar que alguém consiga manter ereção enquanto agarra uma mulher desesperada, que grita, chora, tenta fugir e pede pelo amor de Deus para não ser violentada, está além da compreensão masculina.

Homem nenhum tem direito de atacar uma mulher, sob nenhum pretexto. Nem que ela esteja nua, num banco de jardim. Sexo não consentido é uma brutalidade criminosa que precisa ser punida com rigor.

Partir do princípio de que roupas decotadas justificam agressões sexuais é aceitar que todas as mulheres

possam ser estupradas em nossas praias ou nas cidades com verões escaldantes. Para evitar ataques, o que elas deveriam esconder? As pernas, os ombros, os braços, o colo? Não seria mais prudente andarem de **burca**?

Jogar a culpa na vítima é compactuar com a natureza do crime cometido contra ela. A questão é simples: estupradores são maníacos sexuais que precisam ser afastados do convívio social.

Drauzio Varella é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro *Estação Carandiru* (Companhia das Letras). Escreve aos sábados, a cada duas semanas.

Folha de S.Paulo, 19 abr. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/162016-estupradores.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2014.



Glossário

Abjeto

Desprezível, imundo.

Burca

Veste que mulheres muçulmanas da Ásia costumam usar em público, que cobre todo o corpo, inclusive a cabeça e o rosto, e que, através de um tipo de tela do tecido, permite que elas vejam sem serem vistas.

Condescendência

Ação de quem é condescendente, transigente, tolerante.

Etologista

Especialista que estuda os hábitos dos animais e sua adaptação ao ambiente em que vivem.

Luta renhida

Luta realizada com paixão; luta sangrenta, violenta.

Perpetrar

Realizar, cometer, praticar.

Primata

Espécie de mamífero que inclui o homem, os símios e animais semelhantes.

LEMBRETES FUNDAMENTAIS PARA O SEU PLANO DE TRABALHO

Organize uma pasta com os textos que você ler.

Ao ler os textos, anote o que considerar importante para colocar no seu artigo posteriormente; grife partes que contenham argumentos interessantes para serem utilizados por você; assinala também modos de escrever que o encantaram, pois você poderá replicá-los ao produzir o seu artigo.

ATIVIDADE

1 As primeiras escolhas para o próprio artigo

1 Depois das leituras realizadas, você deve ter condições de responder com certeza às seguintes questões:

a) Qual será a questão controversa a ser discutida no seu artigo?

b) Que posição você defenderá diante dessa questão?

2 Considerando os textos lidos, anote alguns argumentos que você selecionou para utilizar. Não se esqueça: pense naqueles que sejam adequados à posição que assumirá no texto ou à posição contrária à sua e possam convencer seu interlocutor da posição que você defende.

3 Ao ler os textos, você encontrou algum recurso textual, algum jeito de escrever que o encantou e que você gostaria de replicar, quer dizer, utilizar? Registre algum dos trechos no espaço a seguir e resalte o que pretende reproduzir.



Elaborando um plano para o próprio artigo

Elaborar um plano para seu artigo significa planejar o modo como ele vai ser organizado, indicando, parte a parte, o que você incluirá e em que ordem. Significa organizar um “esqueleto” para o seu texto. Um “esqueleto” que será preenchido quando você escrever o texto, quando, de fato, redigi-lo.

Na Unidade 3, foi feito o processo contrário: você elaborou um “esqueleto” dos textos depois de produzidos. Isso foi feito tanto com o artigo *Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso?*, de Mariana Martins, quanto com o artigo *As sinceras mentiras das pesquisas*, de Pedro Burgos. Confira os quadros *Mulheres: de vítimas a algozes, o que a mídia tem a ver com isso? – Esquema geral da progressão das ideias no texto* e *As mentiras sinceras das pesquisas – Organização interna do texto*. Retome também o esquema da orientação argumentativa do texto de Pedro Burgos, que consta do subtópico *Orientação argumentativa do texto*.

Suponha que a questão controversa que você escolheu seja a seguinte: *Por que a divulgação da pesquisa do Ipea incomodou tanto: por causa do erro do Instituto ou do modo de pensar do brasileiro?* Considere também que sua posição seja a seguinte: por causa de ambos, mas diante dos resultados, o mais relevante é o modo de o brasileiro pensar sobre a questão em foco.

A partir disso, observe o exemplo abaixo:

PLANO GERAL DO MEU TEXTO

Título: As pesquisas e o enfrentamento da realidade: o cotidiano bate à sua porta ou Sim, tiremos o gato do recinto!. (Aqui vou pegar emprestada a expressão daquele texto que eu li: quando se quer chamar a atenção de alguém para outra coisa que não o principal, cria-se um problema meio falso para chamar a atenção das pessoas, que é o “gato”. O texto diz que é preciso tirar o “gato” da sala para se prestar a atenção naquilo que é o problema real.)

Aqui, a ideia é aproximar o leitor do tema, fazendo-o encarar a realidade; algo como dizer: “Você acha que os dados da pesquisa são conto de fadas, são histórias pra boi dormir? Não são, não, são realidade!”.

Orientação argumentativa:

Vou defender as seguintes ideias:

– Quando a pesquisa analisa o cotidiano das pessoas, o seu dia a dia, aquilo que é visto por todos diariamente na sua rua, no seu bairro, nos caminhos que as pessoas fazem de casa para o trabalho, ela passa a impressão de que esse cotidiano é mais “científico”, só porque a estatística foi utilizada para estudá-lo e interpretá-lo.

– Isso coloca uma distância entre as pessoas e esse cotidiano, o que permite que ela olhe com mais criticidade para ele.

– Quando a ciência analisa (no caso, a estatística), dá visibilidade ao cotidiano e torna possível vê-lo como não natural, quer dizer, faz com que as pessoas passem a enxergá-lo como aspecto que foi aprendido pelas pessoas. (E pessoas aprendem com outras pessoas...) Isso possibilita que muita gente passe a pensar a respeito pois, já que não se nasce com esse tipo de comportamento cotidiano, já que essas atitudes não são inatas, elas podem ser modificadas, analisadas criteriosamente.

– Para aqueles que não compartilham o mesmo cotidiano e o viam no jornal com distanciamento, quase como se fosse ficção, a pesquisa tira esse cotidiano desse lugar e o coloca no lugar de vida real.

– Talvez isso, mais do que qualquer outra coisa, é que tenha incomodado na divulgação da pesquisa do Ipea. O fato de a pesquisa tornar real e legitimado pela ciência a existência de um comportamento tão vergonhoso em plena época de discussão dos direitos humanos incomoda a todos, ainda que por diferentes razões.

Vou falar também:

– Sim, o Ipea errou. E de muitas maneiras. Na metodologia, sobretudo. E isso impactou profundamente na sociedade, pois deixou a credibilidade do Instituto comprometida.

– Sim, esses erros não devem ser cometidos por um instituto como esse, não apenas porque se trata de estatística, de números, de ciência, mas principalmente por causa da finalidade da pesquisa que esse Instituto realiza, que é orientar políticas públicas. A vida de todo brasileiro está em jogo e depende dessas políticas.

– No processo de divulgação é fundamental selecionar os focos para dar uma ideia mais global e completa dos resultados. E isso vale para a mídia: não se brinca com questões tão sérias.

– É preciso estar atento a esses procedimentos: tanto os que a mídia usa para divulgar acontecimentos como esse quanto os que o Instituto

utilizou para divulgar os resultados, ou os que empregou para realizar a pesquisa.

– É preciso saber que a pesquisa é feita por pessoas e, assim, as escolhas que estas fazem podem não ser adequadas, além de conterem visões diferentes, vieses ideológicos óbvios.

Ainda:

– Vou falar da necessidade de articular os dados das diferentes questões, pois isso pode completar as interpretações.

– No texto de Matheus Pichonelli há um argumento ótimo sobre o nosso não avanço em relação às consequências do período da exceção que vivemos na época da ditadura: o fato de não termos conseguido atacar os discursos legitimadores da violência e não termos aprendido a nos precaver contra as formas visíveis e invisíveis de agressão.

– O principal: vou defender que se “tire o gato do recinto” (gostei disso em outro texto que li, de Andrea Gorenstein)* nesse momento. Ou seja, que se leve em conta, sim, os problemas de realização da pesquisa, mas que se considere que os resultados são palpáveis, reais, pois todo mundo os reconhece, e é esse que deve ser o foco das discussões na sociedade civil como um todo. Mas não mais elucubrar, para delirar a respeito, e sim para decidir o que fazer, que medidas adotar, que providências concretas tomar.

– Vou usar as expressões do dia a dia, as metáforas e as comparações com o cotidiano. O texto de Pedro Burgos vai ser útil quando falar da metodologia, e o do Marcelo Leite também.

– Vou dar o exemplo do Caco Antibes – personagem machista típico do seriado Sai de baixo –, tematizando o sucesso que fez e o que isso pode significar (texto do Pichonelli).

– Outra coisa: vou utilizar dados das outras questões menos comentadas para dar uma ideia da amplitude da pesquisa (outro texto do Pichonelli – CartaCapital; textos do G1 e do UOL também).

– Acho que vou começar com a metáfora do gato e mantê-la “presente” no texto inteiro, quer dizer, começo o texto com ela e termino com ela. Preciso ver um jeito.

– Ou então fazer uma comparação com conto de fadas, usando os típicos finais que a gente encontra nesses contos, por exemplo “Acabou-se a história, morreu a vitória, entrou por uma porta e saiu por outra, quem quiser que conte outra” para remeter à desficcionalização do cotidiano, ou seja, para referir ao fato de que o cotidiano não é historinha de fadas, é de verdade, o que a pesquisa disse acontece.

* Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Ainda-sobre-a-pesquisa-do-IPEA-quem-vai-tirar-o-gato-da-sala-/5/30694>. Acesso em: 13 fev. 2015.



A textualização (escrita) do próprio artigo

Uma vez elaborado o plano geral do seu texto, você deve, finalmente, redigi-lo. Para tanto, é fundamental que recupere o contexto de produção definido, as anotações sobre os argumentos e recursos textuais que você organizou quando leu os textos sobre o assunto e o plano geral que elaborou.

Além disso, recupere o tópico que apresenta os tipos de argumento que podem ser empregados no texto, para não se esquecer das possibilidades que você tem. Os exemplos apresentados podem ser referência de como redigir o texto incluindo os argumentos.

Coloque esse material a seu lado para que possa recorrer a ele a qualquer momento que necessitar, e comece a escrever.

Não pense que você, logo de cara, escreverá a versão final do seu artigo. Ao contrário, considere a primeira versão como um rascunho.

Depois que terminar, volte ao texto, releia-o e altere o que achar necessário. Essa será a primeira versão do seu texto.

Antes de você começar a redigir, leia as orientações a seguir. Elas podem ajudá-lo nesse processo de escrita.

Algumas estratégias argumentativas que podem ser utilizadas

Há várias estratégias que podem ser utilizadas na organização do seu texto para que você consiga convencer seus interlocutores da posição que defende. A seguir são indicadas algumas possibilidades.

- Qualificar-se diante do leitor como alguém de credibilidade para defender seu ponto de vista.

Exemplo:

Eu, como professor de uma escola pública...; Eu, como estudante que trabalha...; Mulher que sou, que tem jornada tripla de trabalho...

- Identificar-se com o interlocutor, aproximando-se dele para criar uma proximidade e provocar uma identificação dele com a sua posição.

Exemplo:

Estudantes trabalhadores como nós...; Mulheres que somos, que trabalhamos fora, cuidamos dos filhos e da casa... sabemos bem como essas coisas funcionam.

- Qualificar o leitor, valorizando-o, criando uma imagem favorável daquele que o texto deseja convencer: sentindo-se reconhecido, respeitado, amplia-se a possibilidade de o interlocutor aproximar-se do texto – e, assim, da posição nele defendida.

Exemplo:

Tenho certeza de que você, como brasileiro responsável, trabalhador, acostumado a sustentar-se na esperança de que essa situação vai se modificar... é capaz de compreender a necessidade de revermos esse tipo de comportamento, tão desrespeitoso.

- Distanciar o leitor do opositor da ideia que você vai defender no texto, criando uma imagem desfavorável dele: essa estratégia acaba por aproximar o leitor do argumentador, o que o avizinha também da posição defendida no texto.

Exemplo:

Um brasileiro como você, que trabalha de dia e estuda à noite, que se sacrifica para ter condições razoáveis de vida, não poderia aliar-se ao tipo de pessoa que só tem a si próprio em perspectiva, ignorando aqueles com quem convive...

Alguns recursos textuais que podem ser empregados

Os modos de redigir um texto são tão variados quanto os estilos de cada escritor. Ler esses textos e prestar atenção nesses modos de escrever pode lhe oferecer um bom repertório. A seguir são apresentados alguns recursos que você pode utilizar. Analise-os, veja se combinam com a maneira de escrever que você aprecia e escolha aqueles que considerar mais condizentes com seu estilo. São eles:

- Começar o texto apresentando várias perguntas a respeito do assunto, as quais terão a função tanto de organizar o contexto da questão controversa a ser discutida quanto de estruturar a apresentação de argumentos.
- Para contextualizar o problema, contar um caso que seja representativo do cotidiano do interlocutor e que se relacione com a questão polêmica.

- Se for coerente com a questão em discussão, organizar acontecimentos em uma linha do tempo sintetizando a evolução do problema a que se refere.
- Citar veículos de comunicação que tenham credibilidade aos olhos do interlocutor quando se referir à posição defendida no texto.
- Anunciar o modo como vai organizar o texto.
- Colocar uma frase de efeito para encerrar o texto – ou para iniciá-lo.

Recursos linguísticos fundamentais dos artigos de opinião

Quando você redigir seu texto, atente-se aos seguintes aspectos:

- Procure organizá-lo na 3ª pessoa do singular (ele ou ela) ou 1ª do plural (nós): *A pesquisa do Ipea (ela)*; *O Ipea ao divulgar os resultados (ele)*; *Acreditamos que esse modo de pensar (nós)*.
- Procure não ser muito imperativo. Use expressões como *é possível que...*; *é provável que...*; *parece que...*; *talvez*; *não necessariamente...*, por exemplo.
- Você vai empregar muitos verbos que expressam opinião como *O Ipea acredita que...*; *Julgamos adequado esclarecer que...*; entre outros. O bom é você estar preparado para diversificar.
- Os artigos de opinião são, em geral, redigidos utilizando-se os seguintes tempos verbais:
 - Presente do indicativo (ou do subjuntivo) na apresentação de argumentos e contra-argumentos: *começemos por apresentar...*; *como sempre acontece...*; *É correto afirmar que...*; *é preciso ter claro que...*; *podemos afirmar que...*
 - Pretérito perfeito e mais-que-perfeito, na apresentação de dados, em relatos para retomada de histórico da questão, por exemplo: *nas pesquisas realizadas foram encontrados os seguintes resultados...*; *a metodologia adotada na pesquisa foi falha...*; *a ideia que fora apresentada não atendia ao que era suficiente para convencê-los na ocasião.*
- Para estabelecer as conexões entre os diferentes segmentos do seu artigo, você precisará utilizar os articuladores textuais. Fique atento para selecionar o articulador adequado ao tipo de relação que você quer estabelecer entre as partes do texto. No quadro a seguir foram selecionados alguns deles, indicando em que ocasião podem ser empregados na escrita de um artigo de opinião.

Articuladores textuais que podem ser empregados em um artigo de opinião	
Quando utilizar	Alguns articuladores
Quando estiver analisando o problema, se quiser apresentar uma condição	<i>caso isso aconteça...; se tal acontecer, é possível supor que...; no caso de acontecer tal coisa...; a menos que isso seja possível/que isso aconteça...</i>
Quando quiser formular objeções	<i>mais importante do que isso é...; outra justificativa absurda...; não se pode permitir que...; seria ingênuo admitir...</i>
Quando quiser apresentar sua posição	<i>do nosso ponto de vista...; pensamos que...; acreditamos que...; dessa perspectiva...; na nossa opinião...; na nossa forma de pensar...</i>
Quando quiser apresentar o ponto de vista de seus opositores para criticá-lo	<i>como dizem seus defensores; para os que apoiam essa posição, no entanto...; os que simpatizam dessa opinião exageram, pois...; para fulano de tal...; para aqueles que defendem o contrário podemos dizer...</i>
Para indicar que você não tem dúvidas sobre determinado aspecto	<i>sem dúvida podemos afirmar que...; não há a menor possibilidade de que...; está absolutamente claro que...; com certeza podemos dizer que...; é indiscutível que...; não resta a menor dúvida de que...</i>
Quando você quiser indicar que algo é possível, que existe a probabilidade de algo realizar-se/acontecer	<i>se o que se disse é correto, é possível supor que...; então, provavelmente...; nos parece que...; ao que tudo indica...; tudo leva a crer que...</i>
Quando quiser acrescentar argumentos (ou contra-argumentos)	<i>além do mais...; além desses aspectos...; a esses aspectos podemos acrescentar...; ademais...; acrescente-se a esse aspecto... tal e tal...</i>
Para ordenar a apresentação dos argumentos e/ou de fatos e dados	<i>inicialmente...; em primeiro lugar... em segundo lugar... para terminar...; por um lado... por outro; tanto... quanto...; tanto no que se refere a... quanto no que tange a...</i>
Quando quiser apresentar uma ideia contrária à do segmento anterior do texto	<i>contrariando essa visão...; em oposição a essa ideia...; ao contrário...; mas; porém; no entanto; contudo; todavia; apesar de; não obstante</i>
Para concluir o texto (ou alguma ideia no meio do texto)	<i>para finalizar...; para concluir...; terminando...; finalizando...; concluindo a discussão colocada...; por fim, o que temos a dizer...; em resumo...; enfim, podemos dizer que...</i>

Agora, mãos à obra! Escreva seu texto! Mas vá devagar e com paciência. Escrever é um exercício e, como tal, requer esforço e persistência.

ATIVIDADE 3 A escrita do artigo

Agora chegou a hora de você escrever seu texto. Recupere as orientações oferecidas no tópico *A textualização (escrita) do próprio artigo*, os textos que você leu e nos quais realizou anotações (eles podem inspirá-lo) e redija seu texto em uma folha à parte: esse será o seu rascunho.

Depois de reler esse rascunho e fazer os ajustes que considerar necessários, passe o texto a limpo em seu caderno.



Atualmente, muitos jornais convidam leitores a enviar artigos de opinião para serem publicados. Na versão *on-line* da seção *Tendências e Debates* do jornal *Folha de S.Paulo*, por exemplo, há um link denominado *Envie seu artigo*, disponível para os leitores. Que tal você, depois dessa experiência, selecionar um tema, uma questão polêmica, redigir outro artigo e encaminhá-lo ao jornal?

HORA DA CHECAGEM

Confira as respostas que deu às questões, levando em conta que as indicações apresentadas devem ser compreendidas como referência para você analisar as suas; não precisam – e não devem – ser consideradas como a única possibilidade nem como a correta. Quando se trata da elaboração de textos e, em especial, dos procedimentos envolvidos nesse processo, é sempre melhor conversar com alguém sobre sua proposta e analisar o que esse outro tem a dizer: se a escolha do argumento parece ser adequada, se o modo de organizar o texto tornou aquele dado um argumento, entre outros aspectos.

Atividade 1 - As primeiras escolhas para o próprio artigo

1

a) e b) As respostas a essas questões são de sua escolha, unicamente. Considere as sugestões já apresentadas, assim como o plano de texto do suposto estudante.

2 O quadro a seguir apresenta algumas possibilidades de respostas a essa questão.

Dados que posso utilizar como argumento

Casos de violência contra mulheres acontecidos no transporte público de São Paulo (SP) logo antes da divulgação da pesquisa mostram que a questão da violência é atual, pública, e não rara.

Se o homem estupra porque a mulher usa pouca roupa (o que pode significar provocação), como pensar os casos de crianças estupradas? E os casos das mulheres que usam burca? Homens afirmam que estupram porque elas usam maquiagem. Ou seja, qualquer comportamento interpretado pelo sujeito como sexual é provocativo e irresistível. Questão: O homem é incapaz de controlar seus instintos, por isso a mulher é culpada?

Os resultados mais apontados são os relativos ao estupro, mas há muitos outros dados na pesquisa que revelam os valores que têm orientado a sociedade na compreensão das relações entre homem e mulher, e que, portanto, têm justificado a violência e a discriminação contra a mulher, naturalizando-a.

Dados que posso utilizar como argumento

O foco da divulgação polarizou discussões em torno de uma questão ressaltada na ocasião. É preciso analisar os dados da pesquisa como um todo para que se compreenda a profundidade do problema, manifestado pelo comportamento machista e sexista orientando situações e percepções das situações mais corriqueiras do cotidiano: isso fomenta a naturalização da violência, cada vez mais frequente e presente nas situações mais improváveis, como no metrô paulistano.

Citar equívocos quanto à amostra da pesquisa pode servir para a discussão de que os índices percentuais das respostas não sejam exatamente esses. No entanto, qualquer que seja o índice, se ele demonstra a existência de violência contra a mulher, deve ser combatido. É essa a questão relativa a “tirar o gato da sala”.

Especificar a origem dos dados considerando região e idade, por exemplo, pode orientar as medidas a serem tomadas para o combate do problema. Mas, se a amostra, de fato, não é representativa, e não considera região, idade, grau de instrução e sexo do entrevistado, pode ficar mais difícil orientar a ação de combate à violência.

3 O quadro a seguir apresenta algumas possibilidades de respostas a essa questão.

Recursos textuais e discursivos que posso empregar no texto

Citar expressões de uso cotidiano como exemplo do machismo e do sexismo, como *mulher de bem fica à disposição do homem a qualquer hora; mulher que conversa de forma simpática em uma festa está “disponível”; um grupo de mulheres que sai à noite sem os seus “homens” está com más intenções; mulher minha só vai à festa comigo do lado; a culpa não é minha, olha como você está vestida; se não queria ficar comigo, por que aceitou “trocar ideia”?*; *ele é homem, ele pode ir à festa sozinho*.

Comparações com situações do cotidiano, para que fique claro que é uma questão que tem nos acompanhado nas situações mais corriqueiras.

Metáforas do tipo “vamos tirar o gato da sala”.

Usar exemplos amplamente reconhecidos, como o personagem Caco Antibes, do seriado *Sai de baixo* (por causa de sua vocação machista típica).

Atividade 2 - A elaboração do plano geral para o texto próprio

Nesta atividade, consulte o quadro *Plano geral do meu texto*, que consta do tópico *Elaborando um plano para o próprio artigo*. Ele apresenta uma referência de como pode ser o seu plano, sobre que elementos ele precisa conter, que tipo de comentário é possível registrar para orientar a redação do seu texto. Você terá, então, uma ideia a respeito de como organizar o plano do seu texto.

Atividade 3 - A escrita do artigo

Aqui, é seu artigo que precisa ser considerado. Para apreciá-lo, compare-o com outros lidos no processo de aprofundamento do tema, analisando sua qualidade, leve-o ao professor para comentá-lo e discuta com ele a necessidade de possíveis ajustes.

Para finalizar o trabalho, pense sobre a revisão final que o seu texto vai precisar e veja a seguir como proceder no processo de releitura, com a identificação de aspectos que precisam ser aprimorados na reescrita desse texto.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Levando em conta tudo o que foi visto até o momento e considerando sua própria experiência como escritor de artigos de opinião, que aspectos você acredita serem os mais importantes para convencer os interlocutores?



O processo de revisão do texto

Você deve se lembrar de que a atividade de escrita é um exercício e, como tal, requer persistência. Isso significa que: é preciso escrever, reler uma vez e identificar o que pode ser melhorado, reescrever considerando essa análise e rever de novo, procedendo da mesma maneira até que o texto possa ser considerado adequado para cumprir sua finalidade, que é convencer os interlocutores definidos.

Em outras palavras, o texto é provisório até que se conclua a última revisão.



ASSISTA!

Língua Portuguesa – Volume 3

Redação: provas e concursos

Nesse vídeo, você terá oportunidade de saber como age um matemático ao descobrir que foi reprovado em um concurso por causa da redação: ele vai procurar saber tudo o que está envolvido no processo de elaboração de um texto para poder estudar, exercitar sua escrita e se aprimorar. Ao longo do vídeo, especialistas vão comentar passo a passo o processo de escrita, oferecendo a você dicas interessantes, que podem ajudá-lo a revisar seus textos.

ATIVIDADE 1 A revisão e a reescrita do próprio artigo

Agora você está no momento de revisão. Já deve ter relido seu artigo uma primeira vez, assim que terminou de reescrevê-lo. Você vai, então, realizar uma nova leitura. Para orientá-lo, foi elaborado o quadro a seguir, que apresenta aspectos fundamentais para que seu artigo cumpra a sua finalidade, que é convencer o leitor da posição que você defende. Leia o artigo que você escreveu com esse quadro do lado e anote os aspectos que precisam ser revistos. Depois, retome seu artigo e reescreva-o, ajustando-o a partir das anotações. Para terminar, passe-o a limpo em seu caderno.

Orientações para revisão do artigo de opinião	
Aspectos a serem focalizados	Anotações
Você escreveu seu artigo a partir da questão polêmica selecionada?	
Deixou a questão clara para o interlocutor?	
Você contextualizou a questão na discussão da atualidade, referindo-se aos acontecimentos recentes em relação a ela?	
Escreveu empregando uma linguagem que parece clara para o interlocutor?	
Essa linguagem está adequada para a seção e o jornal no qual será publicado o artigo?	
Você escreveu de modo polido e educado, respeitando os leitores?	
Você apresentou argumentos que possam convencer seus interlocutores?	
Acrescentou dados que confirmem seus argumentos?	
Introduziu os argumentos utilizando expressões adequadas, como as indicadas no quadro <i>Articuladores textuais que podem ser empregados em um artigo de opinião</i> ?	
Você levou em consideração posições contrárias à que defende no processo de argumentação?	
Você utilizou os articuladores adequados para introduzir essas posições, como as indicadas no quadro <i>Articuladores textuais que podem ser empregados em um artigo de opinião</i> ?	
Você reforçou sua posição no final do texto, para não deixar dúvidas quanto a ela?	
Utilizou expressões que dessem indicações ao interlocutor de que estava finalizando o texto?	

Orientações para revisão do artigo de opinião	
Aspectos a serem focalizados	Anotações
Ao reler seu texto, teve dificuldade para compreender algum trecho? (Se teve, anote qual foi para revisá-lo com mais cuidado.)	
Considera que os recursos de pontuação que utilizou garantem que o leitor compreenda o que você quis dizer? (Se houver trechos que precisam de ajustes em uma segunda lida, marque-os para corrigi-los em seguida.)	
E quanto à paragrafação? Há outros parágrafos que poderia marcar? (Se houver, anote o trecho e corrija depois.)	
O texto foi escrito na primeira pessoa do plural ou na terceira pessoa?	
Empregou os tempos verbais adequados, considerando orientação do subtópico <i>Recursos linguísticos fundamentais dos artigos de opinião</i> ?	
As palavras foram escritas corretamente do ponto de vista ortográfico (incluindo-se a acentuação e a translineação)?	



Nesta Unidade, você exercitou a tarefa de elaborar um artigo de opinião. Por trás de um artigo de opinião está o processo de argumentação, que requer posicionamento do escritor a respeito de determinada questão e um conhecimento não superficial do assunto em jogo.

Conhecer os temas que afetam o cotidiano, posicionar-se diante deles, conhecer a opinião de diferentes pessoas sobre esses temas, rever – ou não – a sua posição sobre o assunto é processo fundamental na vida de cada um. E essas são as condições de participação qualificada no processo de avanço da construção de um modo de pensar mais humano e na constituição de uma sociedade mais igualitária.

Pensando nisso, que tal você fazer uma lista dos temas que afetam seu cotidiano, que preocupam você e sua família? Você poderia também elencar possibilidades de resolver esses problemas, discutir essas propostas com sua família e, depois, levar os resultados dessa discussão ao GEEJA. Além disso, você, os professores, coordenador, diretor e os demais estudantes poderiam até organizar uma mesa-redonda na qual fosse possível compartilhar as reflexões de todos e debater as propostas de solução.

O que você acha?

TEMAS

1. Conto fantástico: um tipo muito especial de literatura
2. Paralelismo: um recurso linguístico para sequenciar as ideias no texto

Introdução

Esta Unidade oferecerá a você, estudante, algumas referências a respeito da literatura fantástica no Brasil e no exterior, apresentando-lhe escritores relevantes na área. Para isso, você lerá um conto e analisará suas características específicas, pontuando semelhanças e diferenças em relação a outros tipos de conto, com vistas a ampliar seu repertório relativo à arte literária. Além disso, esta Unidade tem também como objetivo lhe propor a revisão de aspectos tratados ao longo do Volume, como algumas estratégias textuais e os efeitos de sentido que criam, e, especialmente, os recursos relativos ao paralelismo.

TEMA 1

Conto fantástico:
um tipo muito especial de literatura

O que é a literatura fantástica? Qual é a sua especificidade? De que maneira os contos fantásticos se diferenciam dos demais? Quem representa essa literatura no Brasil? E no exterior? O que esperar quando o texto a ser lido é um conto fantástico? Essas são algumas das perguntas a serem respondidas ao longo dos estudos deste tema, de modo que seu repertório literário seja, mais uma vez, ampliado e que sua proficiência leitora seja aprofundada.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- O que você pensa que pode encontrar em um conto denominado *fantástico*? Explique.

- Você já leu algum conto ou romance desse tipo? Qual? Lembra-se do autor?

- Você gostou do que leu? Explique.



ASSISTA!

Língua Portuguesa – Volume 3

Contos fantásticos

Antes de iniciar o estudo do tema, veja esse vídeo. Nele você conhecerá o conto *Propriedades de um sofá*, de Julio Cortázar, também autor do conto *Casa tomada*, que você lerá nesta Unidade.

Preste atenção no conto e procure ver o que a trama tem de diferente em relação a contos como *O homem da favela*, que você leu na Unidade 2. Além disso, esteja atento para os comentários dos especialistas apresentados no vídeo: eles discutem o que é literatura fantástica, caracterizando-a, contando sua história e também analisando as características de obras apresentadas.



Os contos fantásticos entre os demais contos

A literatura fantástica tem sido foco de muitos estudos. A tentativa de defini-la passa por diferentes perspectivas. Uma delas corresponde a uma caracterização bastante ampla, que inclui todos os contos que possuem uma trama que cria um universo não correspondente à realidade vivida pelas pessoas, sendo orientado por regras diferentes. Essa perspectiva inclui na categoria de literatura fantástica os contos de fadas, os contos maravilhosos, os contos de terror com elementos sobrenaturais e até mesmo contos de ficção científica. Isso porque a lógica de suas histórias pode depender de elementos diversos que não são condizentes com a lógica da realidade, como seres mágicos e sua magia (presentes nos contos de fadas); como elementos sobrenaturais, do tipo assombrações, fantasmas, mundos pós-morte (presentes em contos de terror); como elementos típicos de planetas inexplorados e desconhecidos, assim como de uma tecnologia sonhada, como máquinas do tempo, por exemplo, e formas de vida explicadas por uma lógica diferente da que rege a existência tal como é conhecida (elementos que constam de contos de ficção científica).

Mas essa caracterização é muito geral e está longe de oferecer referências claras acerca de um tipo de literatura que não diz respeito à ideia de nenhum desses tipos de conto citados, ao mesmo tempo que não tem o perfil de um conto literário clássico, como *O homem da favela*, que você leu na Unidade 2.

Certamente, os contos fantásticos rompem com a lógica das ações e da vida real. Mas de que natureza seria esse rompimento? Que elementos seriam responsáveis por essa ruptura em contos como esse? Enfim, de que tipo de literatura se fala quando se trata de **contos fantásticos**?

Nas próximas atividades, você se dedicará a responder essas questões. Lerá um conto fantástico exemplar do gênero e o analisará comparando-o com outro tipo de conto na tentativa de caracterizá-lo e de compreender suas características mais importantes.

ATIVIDADE**1** Afinal, por que se chama conto fantástico?

Você vai ler, a seguir, o conto intitulado *Casa tomada*, de Julio Cortázar, escritor argentino de grande expressão mundial.

Esse conto foi escrito por Julio Cortázar em 1946 e publicado inicialmente na revista *Anales de Buenos Aires*. Só depois, em 1951, foi incluído em uma coletânea de contos do autor intitulada *Bestiário*.

Há quem diga que ele foi inspirado em outro conto, de Edgar Allan Poe, denominado *A queda da casa de Usher*. Alguns estudiosos afirmam que *A casa de Asterión*, de Jorge Luis Borges, escrito em 1949, tem uma relação estreita com o conto de Cortázar; no entanto, enquanto neste o invasor é invisível, no texto de Borges ele possui uma face monstruosa. O certo é que *Casa tomada* é considerado um modelo da literatura fantástica.

**FICA A DICA!**

Procure os contos citados digitando o título em um buscador de informações na internet.

Além disso, você também pode conhecer um pouco de Jorge Luis Borges. Vai valer a pena!

1 Considerando que se trata de um conto fantástico, ou seja, de um conto que deve romper com a lógica normal da vida real, qual você acha que será a história? O que poderia tomar uma casa? Teria esse fato alguma relação com o elemento fantástico do conto? Explique.

2 Agora, leia o conto. Anote as palavras que você não compreender e as que não conseguir deduzir o sentido. Se for o caso, consulte um dicionário. Há, inclusive, alguns dicionários eletrônicos disponíveis na internet que são bastante acessíveis.

Depois, responda às questões propostas.

Casa tomada

Julio Cortázar

Nós gostávamos da casa porque além de espaçosa e antiga (hoje que as casas antigas sucumbem ante a proveitosa venda dos seus materiais) guardava as lembranças dos nossos bisavós, do avô paterno, dos nossos pais e de toda a infância.

Irene e eu nos acostumamos a persistir nela sozinhos, o que era uma loucura porque nessa casa podiam morar oito pessoas sem se estorvar. Nós fazíamos a limpeza de manhã, acordando às sete, e por volta das onze eu deixava para Irene os últimos aposentos que faltavam arrumar e ia para a cozinha. Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; nada mais a fazer além de uns poucos pratos sujos. Era agradável almoçarmos pensando na casa profunda e silenciosa e em como éramos capazes de mantê-la limpa sozinhos. Algumas vezes chegamos a pensar que foi a casa que não nos deixou casar. Irene recusou dois pretendentes sem qualquer motivo, no meu caso María Esther morreu antes que chegássemos a ficar noivos. Entramos nos quarenta com a ideia não formulada de que o nosso simples e silencioso casal de irmãos era o encerramento necessário da **genealogia** assentada na nossa casa pelos bisavós. Algum dia morreríamos ali, primos vagos e esquivos ficariam com a casa e a botariam abaixo para enriquecer com o terreno e os tijolos; ou melhor, nós mesmos a derrubaríamos justiceiramente antes que fosse tarde.

Irene era uma garota que tinha nascido para não incomodar ninguém. Tirando a sua atividade matinal ela passava o dia todo fazendo tricô no sofá do seu quarto. Não sei por que tecia tanto, acho que as mulheres tricotam quando encontram nesse trabalho um grande pretexto para não fazer nada. Irene não era assim, só fazia coisas necessárias, pulôveres para o inverno, meias para mim, cabeções e coletes para ela. Às vezes fazia um colete e logo depois o desmanchava num segundo porque alguma coisa não tinha lhe agradado; era engraçado ver um monte de lã crespa no cestinho resistindo a perder sua forma de algumas horas. Aos sábados eu ia comprar lã no centro; Irene confiava no meu gosto, apreciava as cores e nunca tive que devolver um novelo. Eu aproveitava essas saídas para dar uma volta pelas livrarias e perguntar inutilmente se havia novidades de literatura francesa. Desde 1939 não chegava nada de valioso à Argentina.

Mas é da casa que me interessa falar, da casa e de Irene, porque eu não tenho importância. Fico me perguntando o que Irene faria se não pudesse tricotar. Você pode reler um livro, mas quando um pulôver está pronto não dá para repeti-lo sem

causar escândalo. Um dia encontrei a gaveta de baixo da cômoda de alcanforeira cheia de lenços brancos, verdes, lilás. Estavam com naftalina, empilhados como num armarinho; não tive coragem de perguntar a Irene o que pretendia fazer com eles. Nós não precisávamos ganhar a vida, todo mês chegava a renda dos campos, e o dinheiro aumentava. Mas Irene só se distraía com o tricô, tinha uma destreza maravilhosa e eu passava horas olhando suas mãos que pareciam ouriços prateados, agulhas indo e vindo e uma ou duas cestinhas no chão com os novelos se agitando constantemente. Era lindo.

Não dá para esquecer como era a distribuição da casa. A sala de jantar, um salão com **gobelinos**, a biblioteca e três quartos grandes ficavam na parte mais retirada, a que dá para a Rodríguez Pena. Só um corredor com sua porta de carvalho maciço separava essa parte da ala da frente, onde havia um banheiro, a cozinha, os nossos quartos e a sala central, comunicada com os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um saguão com **maiólica** e a porta dupla que conduzia à sala. De maneira que você entrava pelo saguão, abria a porta dupla e estava na sala; aos lados ficavam as portas dos nossos quartos e, à frente o corredor que levava à parte mais retirada; avançando pelo corredor você cruzava a porta de carvalho e ali começava o outro lado da casa, ou então podia virar à esquerda logo antes da porta e avançar por um corredor mais estreito que dava na cozinha e no banheiro. Quando a porta estava aberta, via-se que a casa era muito grande; senão, dava a impressão de um apartamento desses que se constroem agora, que mal dão para a gente se mexer; Irene e eu sempre estávamos nesta parte da casa, quase nunca passávamos da porta de carvalho, só para fazer a faxina, porque é incrível como se junta poeira nos móveis. Buenos Aires pode até ser uma cidade limpa; mas deve isto aos seus habitantes e não a qualquer outra coisa. Tem poeira demais no ar, basta uma lufada de vento e já se sente o pó nos mármore dos consoles e entre os losangos dos paninhos de **macramê**; dá trabalho limpar bem com o espanador, o pó voa e fica suspenso no ar, e logo depois se deposita de novo nos móveis e nos pianos.

Sempre vou me lembrar disso com clareza porque foi simples e sem circunstâncias inúteis. Irene estava tricotando no quarto dela, eram oito da noite e de repente decidi colocar o bule de chimarrão no fogo. Fui pelo corredor até me deparar com a porta de carvalho entreaberta, e já estava na virada que leva à cozinha quando ouvi alguma coisa na sala de jantar ou na biblioteca. O som chegava impreciso e surdo, como uma cadeira caindo sobre o tapete ou um sussurro abafado de conversa. Também o ouvi, ao mesmo tempo ou um segundo depois, no fundo do corredor que vinha daqueles aposentos até a porta. Então me joguei contra a porta antes que fosse tarde demais, fechei-a bruscamente com o peso do corpo; felizmente a chave estava do nosso lado e também puxei o grande ferrolho para dar mais segurança.

Fui até a cozinha, esquentei a água e quando voltei com a bandeja do mate disse a Irene:

– Tive que fechar a porta do corredor. Tomaram a parte do fundo.

Ela deixou cair o tricô e me olhou com seus graves olhos cansados.

– Tem certeza?

Confirmei.

– Então – disse ela apanhando as agulhas – vamos ter que viver deste lado.

Eu servia o mate com muito cuidado, mas ela demorou um pouco até recomeçar sua tarefa. Lembro que estava fazendo um colete cinza; eu gostava desse colete.

Nos primeiros dias achamos penoso, porque ambos tínhamos deixado na parte tomada muitas coisas que queríamos. Meus livros de literatura francesa, por exemplo, estavam todos na biblioteca. Irene sentia falta de umas pastas, um par de pantufas que a protegiam tanto no inverno. Eu, do meu cachimbo de zimbro e acho que Irene se lembrou de uma garrafa de **Hesperidina** de muitos anos. Frequentemente (mas isto só aconteceu nos primeiros dias) fechávamos alguma gaveta das cômodas e nos olhávamos com tristeza.

– Não está aqui.

E era mais uma coisa de tudo o que havíamos perdido do outro lado da casa.

Mas também tivemos vantagens. A limpeza se simplificou tanto que mesmo nos levantando tardíssimo, às nove e meia por exemplo, antes das onze já estávamos de braços cruzados. Irene se acostumou a ir para a cozinha comigo e me ajudar a fazer o almoço. Pensamos bem e decidimos o seguinte: enquanto eu preparava o almoço, Irene fazia pratos frios para comer à noite. Ficamos contentes porque é sempre desagradável ter que sair dos quartos ao entardecer para ir cozinhar. Agora bastava a mesa no quarto de Irene e as travessas de pratos frios.

Irene estava feliz porque lhe sobrava mais tempo para tricotar. Eu andava meio perdido por causa dos livros, mas, para não afligir minha irmã, comecei a examinar a coleção de selos do papai, e isso me servia para matar o tempo. Nós nos divertíamos muito, cada qual com suas coisas, quase sempre juntos no quarto de Irene que era o mais confortável. Às vezes Irene dizia:

– Olhe este ponto que inventei. Não forma um desenho de trevo?

Um pouco depois era eu quem colocava um quadradinho de papel diante dos seus olhos para que ela visse os méritos de algum selo de Eupen e Malmédy. Estávamos bem, e pouco a pouco começamos a não pensar. Pode-se viver sem pensar.

(Quando Irene sonhava em voz alta eu logo perdia o sono. Nunca consegui me acostumar com aquela voz de estátua ou de papagaio, uma voz que vem dos sonhos e não da garganta. Irene dizia que os meus sonhos consistiam em grandes sacudidas que às vezes faziam o cobertor cair. Nossos quartos tinham a sala entre eles, mas de noite se ouvia tudo na casa. Nós nos escutávamos respirar, tossir, pressentíamos o gesto em direção ao interruptor do abajur, as mútuas e frequentes insônias.

Tirando isso, tudo estava calado na casa. De dia eram os rumores domésticos, o roçar metálico das agulhas de tricô, um rangido das folhas do **álbum filatélico** sendo viradas. A porta de carvalho, acho que já disse, era maciça. Na cozinha e no banheiro, adjacentes à parte tomada, passamos a falar em voz mais alta ou então Irene cantava canções de ninar. Numa cozinha há barulho da louça e de vidros suficiente para impedir que outros sons irrompam nela. Pouquíssimas vezes permitíamos que houvesse silêncio, mas quando voltávamos para os quartos e para a sala, a casa ficava calada e a meia-luz, até pisávamos mais de leve para não incomodar. Acho que era por isto que de noite, quando Irene começava a sonhar em voz alta, eu logo perdia o sono.)

É quase repetir o mesmo, exceto as consequências. Eu sinto sede à noite, e antes de ir para a cama disse a Irene que ia buscar um copo d'água na cozinha. Na porta do quarto (ela estava tricotando) ouvi um ruído na cozinha; talvez no banheiro porque a virada do corredor abafava o som. Minha forma brusca de parar chamou a atenção de Irene, que veio para o meu lado sem dizer uma palavra. Ficamos ouvindo os ruídos, percebendo claramente que eram deste lado da porta de carvalho, na cozinha e no banheiro, ou no próprio corredor com a virada quase ao nosso lado.

Nem sequer nos olhamos. Apertei o braço de Irene e puxei-a correndo até a porta dupla, sem olhar para trás. Os sons se ouviam com mais força mas sempre abafados, às nossas costas. Bati a porta com força e ficamos no saguão. Agora não se ouvia mais nada.

– Tomaram esta parte – disse Irene. O tricô pendia das suas mãos e os fios iam até a porta dupla e desapareciam lá embaixo. Quando viu que os novelos tinham ficado do outro lado ela soltou o tricô sem olhar.

– Você teve tempo de trazer alguma coisa? – perguntei inutilmente.

– Não, nada.

Estávamos com a roupa do corpo. Lembrei-me dos quinze mil **pesos** no armário do meu quarto. Agora era tarde.

Como ainda tinha o relógio no pulso, vi que eram onze da noite. Rodeei com o braço a cintura de Irene (acho que ela estava chorando) e fomos para a rua. Antes de partir dali senti pena, fechei bem a porta da entrada e joguei a chave num bueiro. Sabe-se lá se algum pobre diabo não cismava de roubar e se metia dentro da casa, a essa hora e com a casa tomada.

CORTÁZAR, Julio. Casa tomada. In: _____. *Bestiário*. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 9-16.



Glossário

Álbum filatélico

Álbum de selos.

Genealogia

Conjunto dos antepassados de uma pessoa.

Gobelino

Tipo de tapeçaria no qual cenas minuciosas e variadas da vida francesa são bordadas em tela para compor tapetes. O nome vem de Paris, no século XVIII, dos fundadores da casa que fabricava esses tapetes, os irmãos Gobelins.

Hesperidina

Bebida alcoólica feita com ervas diversas e laranja.

Macramê

Artesanato feito com fios trançados e com nós.

Maiólica

Nome dado a um tipo de cerâmica italiana do Renascentismo.

Peso

Moeda argentina.

a) Quem conta essa história? Explique, citando trechos do conto.

b) Quando se lê o conto, é possível dizer que há duas histórias sendo contadas, paralelamente, ao longo do texto. Uma delas é a da casa, que vai sendo tomada. E a outra, que história seria? Explique.

c) Que elemento presente na história é responsável pela ruptura da lógica da realidade tal como é conhecida pelas pessoas? Explique.

d) Assinale as alternativas que você considerar que refletem o modo como Irene é apresentada ao leitor.

De modo isento, pelo narrador, descrevendo suas características fundamentais de personalidade.

Da perspectiva do narrador, que filtra os aspectos que quer ressaltar da personalidade da irmã.

Da perspectiva de um narrador onisciente – que sabe tudo sobre a história – que conhece a personagem com profundidade.

3 Leia o excerto a seguir e responda às questões propostas:

Era agradável almoçarmos pensando na casa profunda e silenciosa e em como éramos capazes de mantê-la limpa sozinhos. Algumas vezes chegamos a pensar que foi a casa que não nos deixou casar. Irene recusou dois pretendentes sem qualquer motivo, no meu caso María Esther morreu antes que chégássemos a ficar noivos. Entramos nos quarenta com a ideia não formulada de que o nosso simples e silencioso casal de irmãos era o encerramento necessário da genealogia assentada na nossa casa pelos bisavós.

a) Os irmãos pareciam pensar que a casa não os havia deixado se casar. Você diria que isso coloca a casa quase como um personagem da história? Explique.

b) O narrador afirma que os irmãos chegaram aos 40 anos unidos um com o outro, de uma maneira silenciosa e simples. Que união parece ser essa?

4 Leia o trecho a seguir.

Penélope foi uma heroína da mitologia, casada com Ulisses. Enquanto o marido estava na Guerra de Troia, o pai de Penélope queria que ela se casasse com outro homem, supondo que Ulisses estivesse morto.

Penélope, para esperar o marido voltar, disse a seu pai que se casaria tão logo terminasse a tela que estava tecendo. Estrategicamente, ela desmanchava de noite todo o trabalho que realizava de dia e, assim, ia enganando seu pai. Até que Ulisses voltou.

A figura de Penélope é reconhecida como a representação mítica do amor que não se cansa de esperar.

A partir da reflexão realizada no exercício 3, que relação pode ser estabelecida entre Penélope e Irene, considerando o fato de que tricotava peças que ela mesma desfazia? Explique.

5 Na Argentina, na década de 1940, época em que o conto *Casa tomada* foi escrito e publicado, estava em ascensão o peronismo, movimento político liderado por Juan Domingo Perón que, em 1946, foi eleito presidente da República. Esse movimento tinha um caráter populista e a simpatia da população trabalhadora da Argentina. Perón simpatizava com o fascismo e mantinha relações com os nazistas, recebendo-os cordialmente. No período que antecedeu a sua eleição, incentivou políticas migratórias internas, de modo que os trabalhadores de todo o país passaram a ocupar espaços antes apenas frequentados pela classe média e por trabalhadores sindicalizados. Dizia-se, na época, que a classe média estava em pânico diante dessa ocupação massiva do espaço público urbano pelos pobres, legitimada pelo peronismo em ascensão.

A produção de Cortázar, assim como a de Jorge Luis Borges, outro escritor argentino de renome, registra esse fato nos contos e romances.

Cortázar, inclusive, não simpatizava com o peronismo e assumia essa posição claramente, a ponto de decidir morar em Paris antes mesmo da eleição de Perón em 1946.

Considerando essas informações e as reflexões provocadas pelas questões desta atividade, que relação você pode estabelecer entre o conto *Casa tomada* e a situação da Argentina na época em que ele foi escrito? O que a casa representaria? Quem seriam as presenças estranhas que estariam tomando a casa?

ATIVIDADE**2****O texto e o gênero:
definindo características do conto fantástico**

1 Retome o conto *O homem da favela* (de Manoel Lobato), estudado na Unidade 2 (Tema 2, Atividade 1), e compare-o com *Casa tomada* (de Julio Cortázar), que você acabou de ler. Para ajudá-lo, utilize o quadro a seguir.

Quadro comparativo dos dois contos

Aspecto em análise	Conto 1 <i>O homem da favela</i>	Conto 2 <i>Casa tomada</i>	Comparação	
			Aspectos comuns	Aspectos diferentes
Características gerais do contexto de produção do texto				
Quem é o autor do texto?				
Em que época foi publicado?				
Em que tipo de portador (jornal, livro, revista, blog, fôlder...) esse conto foi publicado?				
Em que tipo de espaço e lugar textos como esse costumam circular para que as pessoas os leiam?				
De modo geral, textos como esse costumam ser escritos com qual finalidade de leitura?				
Quem costuma ler textos como esse?				
Características do texto				
Em que tipo de espaço (local) a história se desenrola?				
Em que época a história se desenrola?				
Há semelhança entre a época em que o texto foi publicado e a época em que se passa a história? Qual?				
Quais seriam as possíveis intenções do conto, se a história que ele narra for considerada? Que “mensagem” existe por trás dessa história?				
Há personagens na trama do conto que não existiriam na realidade em que vivemos? Explique.				
Esse conto respeita a mesma lógica da realidade em que vivemos? Explique.				
Quem narra o conto lido?				

2 Considerando a análise do quadro, responda: Que aspecto torna o segundo conto – *Casa tomada* – fundamentalmente diferente do primeiro? Explique.



Dois contos em estudo: organizando a análise

Os aspectos indicados para análise no quadro proposto pontuam tanto aspectos gerais relacionados ao *contexto de produção* dos textos lidos quanto relativos às *características do texto* em si, especialmente as que dizem respeito à arquitetura da trama e ao tema.

Ao analisar os dois contos, é possível perceber semelhanças e diferenças entre eles.

Nota-se que, em relação às características gerais do contexto no qual os contos foram produzidos, há muitas semelhanças. Ambos os textos são literários, foram publicados em livros e circulam em escolas, universidades, bibliotecas, lares dos leitores e livrarias. A finalidade geral dos textos, em função da esfera da qual são produto típico – a esfera literária –, é o entretenimento dos leitores, a fruição, pois literatura é arte; além disso, há sempre a tentativa de provocar a reflexão dos leitores a respeito de alguns aspectos da sua contemporaneidade. O leitor também é o mesmo: o amante da literatura, em especial, do tipo de literatura que os textos representam; os especialistas em literatura; críticos literários.

As diferenças – nesse tópico – relacionam-se à década e à região em que foram escritos: o conto de Lobato, na década de 1980, no Brasil; o conto de Cortázar, na década de 1940, na Argentina.

As diferenças estão marcadas de modo significativo no que se refere à trama e ao tema de cada conto, aspectos que compõem o tópico *características do texto*. E aqui vale a pena retomar o quadro de comparação, apresentado a seguir com a análise.

Quadro comparativo dos dois contos				
Aspecto em análise	Conto 1	Conto 2	Comparação	
	<i>O homem da favela</i>	<i>Casa tomada</i>	Aspectos comuns	Aspectos diferentes
Características gerais do contexto de produção do texto				
Quem é o autor do texto?	Manoel Lobato	Julio Cortázar		X
Em que época e região foi publicado?	Século XX, 1989. Brasil.	Século XX; escrito em 1946 e publicado em 1951. Argentina.	X (mesmo século)	X (décadas e regiões distintas)
Em que tipo de portador (jornal, livro, revista, blog, folder...) esse conto foi publicado?	Livro	Livro	X	
Em que tipo de espaço e lugar textos como esse costumam circular para que as pessoas os leiam?	Livrarias, casas das pessoas, escolas, universidades, bibliotecas.	Livrarias, casas das pessoas, escolas, universidades, bibliotecas.	X	
De modo geral, textos como esse costumam ser escritos com qual finalidade de leitura?	Para entretenimento das pessoas. Para fazê-las refletir sobre algum aspecto da realidade vivida pelas pessoas.	Para entretenimento das pessoas. Para fazê-las refletir sobre algum aspecto da realidade vivida pelas pessoas.	X	
Quem costuma ler textos como esse?	Pessoas comuns que se interessam por literatura; estudiosos de literatura; críticos literários; jornalistas.	Pessoas comuns que se interessam por literatura; estudiosos de literatura; críticos literários; jornalistas.	X	
Características do texto				
Em que tipo de espaço (local) a história se desenrola?	Espaço urbano; favela; rua; Brasil.	Espaço urbano; casa residencial; Argentina.	X (espaço urbano)	X (país, espaço público e privado)
Em que época a história se desenrola?	Não está definida explicitamente no texto, mas é possível supor que seja contemporâneo à época de sua publicação.	Não está definida explicitamente no texto, mas é possível supor que seja contemporâneo à época de sua publicação.	X	
Há semelhança entre a época em que o texto foi publicado e a época em que se passa a história? Qual?	Sim. A época da história parece corresponder à época em que foi escrito.	Sim. A época da história parece corresponder à época em que foi escrito.	X	

Quadro comparativo dos dois contos				
Aspecto em análise	Conto 1 <i>O homem da favela</i>	Conto 2 <i>Casa tomada</i>	Comparação	
			Aspectos comuns	Aspectos diferentes
Quais seriam as possíveis intenções do conto, se a história que ele narra for considerada? Que “mensagem” existe por trás dessa história?	Muito provavelmente, fazer os leitores pensarem na realidade em que eles mesmos estavam vivendo na época da publicação do conto: nos efeitos que a violência urbana estava provocando na relação que as pessoas estabeleciam umas com as outras; na indiferença pelo outro que o medo provocava; no preconceito orientando a percepção que se tinha do outro. Todas questões válidas hoje, ainda.	É possível estabelecer uma relação entre a casa tomada e a situação da Argentina no período em que o conto foi escrito, por conta das mudanças que a política de Perón estava provocando naquela sociedade na época. A partir desse contexto, pode-se comparar os dois personagens da história com os cidadãos típicos desse país; a invasão da casa e a tomada da Argentina pelas ideias populistas que Perón fazia circular.		X
Há personagens na trama do conto que não existiriam na realidade em que vivemos? Explique.	Não há. Apesar das características específicas de cada um, com suas histórias pessoais, todos os personagens parecem ser pessoas que viveriam no mundo real em que vivemos.	Não há. Apesar das características específicas de cada um, com suas histórias pessoais específicas, todos os personagens parecem ser pessoas que viveriam no mundo real em que vivemos.	X	
Esse conto respeita a mesma lógica da realidade em que vivemos? Explique.	Sim, respeita.	Aparentemente respeitaria. No entanto, em determinado momento da trama, elementos estranhos não identificados e percebidos como naturais pelos dois personagens, provocam reações estranhas nas pessoas, reações não normais para o mundo real: deixar a casa ser ocupada por elementos estranhos, como se fosse normal; deixar de frequentar cômodos da casa por causa desses elementos, como se fosse natural; deixar-se expulsar de casa por esses elementos, como se fosse natural.		X
Quem narra o conto lido?	Um narrador onisciente, ou seja, que conhece tudo de todos os personagens e de toda a história.	Um narrador que é personagem da história, ou seja, que conta essa história da sua perspectiva, com os conhecimentos que possui – que não pode ser total –, focalizando o que considera mais relevante do seu ponto de vista.		X

Ao analisar as características gerais de cada um dos textos no quadro, é possível perceber que há *semelhanças* relativas a vários aspectos:

- Ainda que um conto se desenrole em espaço aberto (rua próxima ao morro da favela) e o outro, predominantemente em espaço fechado (interior da casa onde moram os personagens), o espaço das duas tramas é o urbano.
- Nos dois textos, o tempo em que a história acontece não é explicitado, ficando para o leitor a tarefa de deduzi-lo. Como a trama – sobretudo do primeiro conto – é urbana e contemporânea, pode ser que o leitor a identifique com o seu cotidiano, já que é possível haver a identificação entre tempo da história e tempo em que foi escrita e publicada.
- Os personagens de cada história parecem ser pessoas comuns, que até poderiam ser nossos contemporâneos, dadas as suas características, sua história pessoal e o tipo de circunstâncias e situações que já viveram.

As *diferenças* identificadas entre os contos relacionam-se com os seguintes aspectos apontados:

- As prováveis intenções específicas de cada texto. No conto de Lobato, pode-se identificar a intenção de problematizar a indiferença a que a pessoa é levada em função da banalização da violência, assim como o medo, que pode ativar preconceitos constituídos. No conto de Cortázar, do ponto de vista histórico, a intenção parece ser explicitar as mudanças que a política de Perón estava provocando na relação das pessoas com os espaços, mostrando a posição do autor a respeito disso: a invasão dos espaços, antes utilizados por uma classe social específica, por cidadãos de outra classe social.
- No primeiro conto, a trama é totalmente semelhante ao mundo real, incluindo o espaço, as relações estabelecidas entre as pessoas e entre as pessoas e o espaço. O médico trabalha em uma associação de cegos, localizada no morro; já foi assaltado várias vezes; surge, de fato, a possibilidade de novo assalto; as condições do tempo e a hora do dia, assim como o preconceito do médico, determinam o engano que acontece na história. No segundo conto, de Cortázar, essa semelhança também acontece do ponto de vista global: dois irmãos solteiros morando na mesma casa, ela já foi noiva, gosta de tricotar, ele gosta de ler, os dois fazem o serviço doméstico, conversam. De acordo com a descrição, a casa parece corresponder ao lar de uma família de verdade, de classe média: os mesmos cômodos, decoração similar (com gobelinos, artesanato em macramê, por exemplo), as mesmas necessidades de limpeza, organização e manutenção. Só que, no meio

da trama aparece um elemento estranho que rompe com essa normalidade, mas que é encarado como natural pelos dois personagens. Esse elemento é a possibilidade de a casa ser invadida por seres não identificados e os irmãos não poderem fazer nada, a não ser esquivarem-se, deixando de conviver com eles, isolando-os nos cômodos que frequentam. Esse processo de invasão é considerado normal na história, o que destoa da lógica da vida real, embora todos os demais aspectos sejam coerentes com essa lógica.

- O narrador de cada texto não é do mesmo tipo. No texto de Lobato, trata-se de narrador onisciente, aquele que sabe tudo da história, o que implica uma narração em 3ª pessoa. Já no texto de Cortázar, o narrador é personagem, o que, por um lado, limita as informações que possui sobre a trama; por outro, determina que a história seja contada da perspectiva desse personagem, de acordo com o que ele considera relevante.

A análise realizada coloca em evidência uma diferença fundamental entre os dois textos lidos: no segundo conto há a organização da trama em um mundo aparentemente idêntico ao mundo real, mas que contém um elemento estranho, que rompe com a lógica regular do mundo. Na trama, esse elemento é encarado como natural, e absorvido pelos personagens como se fosse normal naquela realidade.

É essa diferença que caracteriza o segundo conto, *Casa tomada*, como sendo organizado em um gênero distinto do texto *O homem da favela*. Este último é um exemplar de um **conto literário clássico**; já o outro texto é um **conto fantástico**.

O que caracteriza, então, um conto fantástico?

O que caracteriza, fundamentalmente, um conto fantástico é o aspecto apontado na análise acima: a presença de um elemento estranho à lógica do mundo real, que é reproduzido na trama, sendo que esse elemento é considerado normal pelos personagens e absorvido com naturalidade por eles na história.

Quando você assistiu ao vídeo *Contos fantásticos*, pôde conhecer o conto *Propriedades de um sofá*, também de Julio Cortázar. Você pode ter percebido que ele é o mesmo tipo do conto *Casa tomada*, ou seja, um conto fantástico. Também nesse texto há a presença de um elemento estranho: o sofá da casa de Jacinto, para o qual as pessoas são convidadas a sentar para morrer. A família desse homem convive normalmente com esse elemento estranho, como se fosse natural. Eles até cuidam para que os vizinhos não saibam dessa propriedade do sofá para não o pedirem emprestado.

O mesmo acontece em outros contos fantásticos, ainda que esse elemento estranho possa ser de tipos muito diferentes nos diversos textos escritos. Em *A metamorfose* (romance de Franz Kafka comentado no vídeo *Contos fantásticos*), por exemplo, a obra começa com a história de um homem que se transformara em inseto enquanto dormia. Mesmo mudado, o personagem convive com sua família naturalmente, como se esse fato fizesse parte da normalidade, e nada houvesse de irregular. Os personagens não estranham a transformação, apenas tentam ajustar o cotidiano das pessoas ao novo fato, às novas necessidades do personagem, agora inseto.

Em *O nariz* (do escritor russo Nikolai Gógol), um nariz desaparece do rosto de seu dono, sendo encontrado no meio do pão de um barbeiro e visto, ao longo do conto, na face de várias pessoas até reencontrar o seu lugar. E tudo isso como se fosse natural um nariz poder “agir” dessa maneira.

No conto *O mistério da árvore* (de Raul Brandão), uma árvore que viveu a vida seca e estéril por ser usada no enforcamento das pessoas no reino de repente floresce de maneira intensa e absurda por ter suportado o enforcamento de um casal de mendigos apaixonados. E esses fatos são encarados como naturais, constituindo a lógica daquele mundo, ou seja, como se uma árvore pudesse ser mais ou menos viçosa por servir de forca, e não da qualidade da terra onde está plantada, do adubo colocado nessa terra, da rega.

Em *Teleco, o coelhinho* (de Murilo Rubião), o personagem-título é um ser que se metamorfoseia nos mais diversos animais quando bem entende e que, num dado momento, pensa em se transformar permanentemente em homem. Os demais personagens convivem com essa habilidade como se fosse natural.

Por fim, no conto *O homem que odiava a segunda-feira* (de Ignácio de Loyola Brandão), existe um homem que tem alergia às segundas-feiras e efetivamente adoce quando chega esse dia. Como os tratamentos médicos não funcionam, resolve abolir esse dia do calendário, organizando abaixo-assinados, distribuindo panfletos, realizando manifestações; tudo com o apoio da esposa. O conto termina quando encontra outro homem que tem alergia às terças-feiras. Ou seja, esse tipo de doença é natural no universo do conto, constituindo a sua lógica.

Dessa análise pode-se concluir que um **conto fantástico** é elaborado a partir da criação de um mundo que imita o mundo real e as relações que existem entre seus elementos típicos, como pessoas, coisas, lugares, outros seres animados, a

sociedade criada. Um elemento estranho, porém, é introduzido nesse mundo, rompendo com a realidade que todos conhecem, mas as pessoas desse mundo não estranham esse elemento. Ao contrário, compreendem-no como normal, absorvendo-o com naturalidade e convivendo com ele como se nada de incoerente houvesse na sua presença.



Considerando que os contos fantásticos, como você estudou, rompem com a lógica da vida real, distanciando-se da realidade, reflita sobre os motivos pelos quais eles atraem tanto o interesse dos leitores.

HORA DA CHECAGEM

Chegou a hora de você conferir as respostas.

Leia a reflexão apresentada nesses trechos e, caso tenha dúvidas, anote-as no espaço da seção *Registro de dúvidas e comentários* para conversar com o professor do CEEJA. Lembre-se de que também é sempre bom conversar com outros estudantes a respeito da reflexão proposta nas atividades. Afinal, como dizem, duas cabeças pensam melhor que uma.

Atividade 1 - Afinal, por que se chama conto fantástico?

1 Levando em conta as informações que se tem, é possível levantar hipóteses de que a casa será tomada: por algum elemento sobrenatural que seja normal no mundo criado no texto; por um personagem que vai crescendo assustadoramente sem controle, porque é natural daquela classe de indivíduos naquele mundo; pelos objetos insubordinados, numa atitude de revolta em relação à opressão que sofrem pelos patrões; pela colônia de formigas que nela habita, cansadas de serem bombardeadas cotidianamente pela faxineira... Enfim, muitas são as possibilidades, desde que se considere que esses elementos devem ser vistos como normais no mundo criado pelo conto.

É importante pensar que, quanto mais se souber sobre a obra do autor, mais aproximadas serão suas temáticas regulares. Assim, se você quiser, pode ler alguns contos do autor Julio Cortázar na internet, por exemplo.

De qualquer forma, esta resposta depende do seu repertório pessoal de ideias.

2

a) Essa história é contada por um dos irmãos que são os personagens principais do conto. O trecho a seguir, por exemplo, indica isso: “Mas é da casa que me interessa falar, da casa e de Irene, porque eu não tenho nenhuma importância”.

b) A outra história seria a dos próprios personagens, de como foram parar na casa, por que e de que maneira se mantêm nela, como são, o que gostam de fazer, o que têm em comum, de que modo compartilham seu cotidiano, como se relacionam com a família, quais são seus hábitos.

c) A ruptura com a lógica do mundo real acontece quando se percebe que os personagens consideram normal ouvir ruídos dentro da casa não produzidos por eles e que indicam claramente alguma

presença estranha, sem se preocuparem em investigá-los. Acontece também quando os personagens consideram normal a invasão da casa pelas presenças estranhas – ainda que se incomodem com o fato e que passem a trancar as partes invadidas, separando-as do restante. E, ainda, quando saem da casa, deixando-a livre para a habitação das presenças estranhas não identificadas, indo para a rua, sem perspectiva de outra moradia.

d) Você deve ter assinalado a alternativa que diz que “Da perspectiva do narrador, que filtra os aspectos que quer ressaltar da personalidade da irmã”.

3

a) Sim, é até possível afirmar que a casa é um personagem da história, já que, nesse caso, ela teria poder de decidir a vida de personagens; requereria a presença de quem dela cuidasse, ainda mais se fosse levantada a hipótese de que as presenças estranhas poderiam ser nada mais do que a própria casa expulsando os moradores. Se a casa tivesse personalidade e se manifestasse de modo inteligente e emocional, ela poderia estar expressando a sua desaprovação aos irmãos, pelo fato de estarem encerrando a sua linhagem, por exemplo, por não terem se casado. A casa talvez representasse os ancestrais da família e o seu ultraje com o comportamento dos irmãos. Nesse caso, se diria que a casa estaria tomada pela indignação.

b) Considerando que o irmão narrador perdeu a namorada antes de ficarem noivos e que a irmã “dispensou dois pretendentes sem motivo”, o resultado seria a não continuidade da família, já que não haviam se casado. Assim, essa união seria uma espécie de acordo tácito, aquele do qual não se fala, mas que todos os envolvidos sabem que existe: eles viveriam juntos, com a renda que vinha dos campos, supostamente para cuidar da casa.

4 Uma possibilidade de interpretar a atitude de Irene seria a seguinte: ela estaria, como Penélope, esperando a volta do amado. Ou seja, Irene estaria assumindo romanticamente o mito do amor que não se cansa de esperar.

5 Levando em conta as informações apresentadas, pode-se afirmar que a invasão da casa estaria sendo feita pela massa invisível de trabalhadores argentinos, deslocando a classe média de seus espaços.

Também é possível interpretar, como colocado no item a do exercício 3, que a casa representaria a manifestação da indignação com a vida dos irmãos, que não dariam continuidade à família, e, personificada, quer dizer, como um personagem, os expulsaria.

Só para você saber: os estudiosos desse conto apresentam para ele variadas interpretações, das psicanalíticas às sociais e políticas comentadas anteriormente. Entre as psicanalíticas estariam as que defendem que a invasão da casa representaria as vozes do inconsciente dos personagens, tentando manifestar-se, e os desejos recalcados de ambos, pois entre eles poderia haver uma relação incestuosa. É significativo o trecho em que o narrador foge com a irmã sem olhar para trás e, ainda, conclui que é possível viver sem pensar, ou seja, sem considerar a memória, os valores constituídos ao longo da vida.

Atividade 2 - O texto e o gênero: definindo características do conto fantástico

1 A resposta a essa proposta está no *Quadro comparativo dos dois contos* apresentado no item *Dois contos em estudo: organizando a análise*. Neste quadro você encontrará as informações relativas a cada um dos tópicos apontados para análise.

2 O aspecto que torna o conto fantástico fundamentalmente diferente de outros contos (em especial do conto literário clássico *O homem da favela*) é o rompimento com a lógica do mundo real por meio de elementos estranhos a ele, mas pertencentes ao mundo criado dentro do texto.

As ideias de um texto – qualquer que seja o gênero no qual se organize – precisam ser sequenciadas de modo a não provocar contradições e incoerências. O paralelismo é um recurso empregado com essa finalidade nos textos, sendo muito frequente, inclusive em artigos de opinião.

É ao estudo desse recurso que este tema será dedicado.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Você já leu algum texto que, em algum momento, apresentasse as expressões *primeiro.../depois.../para terminar...*; ou *em primeiro lugar.../em segundo.../*; ou, ainda, *por um lado.../por outro...*?

- Você se lembra do trecho lido e em que texto você o encontrou?

- Que função você acha que essas expressões cumpriram no trecho do texto que você leu, ou seja, para que serviram nesse trecho?

- Ao ler o trecho a seguir, você percebe algum problema nele? Qual seria esse problema? Explique.

A preservação do meio ambiente representa tanto um dever de cidadania como serve para garantir a sobrevivência do planeta.



O que é paralelismo?

O paralelismo é um recurso linguístico utilizado para sequenciar as ideias no texto, mas não é uma articulação como outra qualquer. Você vai estudar a sua especificidade neste tema. Veja o enunciado a seguir.

Exemplo 1

Elas trouxeram o piano para casa; eles, o violoncelo.

Você pode observar que o enunciado é composto de duas orações, que são as seguintes:

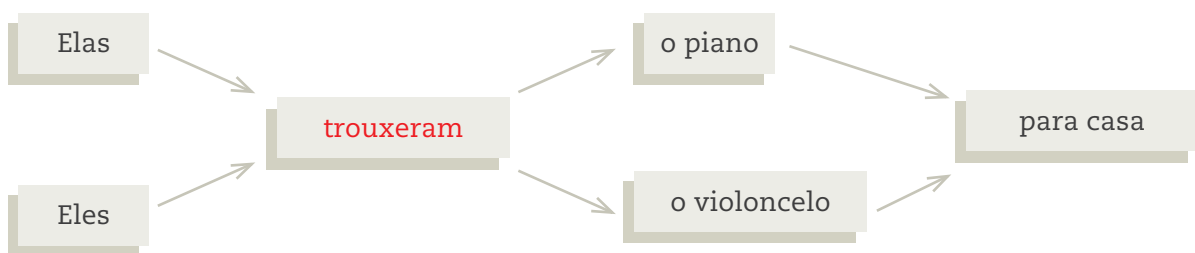
- Elas trouxeram o piano para casa.
- Eles trouxeram o violoncelo para casa.

As duas frases possuem uma estrutura idêntica. Veja:

frase	Estrutura			
	Alguém	trouxe	o instrumento musical	para casa
1ª	Elas	trouxeram	o piano	para casa
2ª	Eles	trouxeram	o violoncelo	para casa

Quando as duas foram articuladas no enunciado, na *segunda frase* aconteceu a omissão (elipse) tanto do verbo *trouxeram* quanto do complemento *para casa*. Isso foi possível porque ambas as expressões já haviam sido explicitadas na primeira parte.

Pode-se dizer que o esquema do enunciado seria o seguinte:

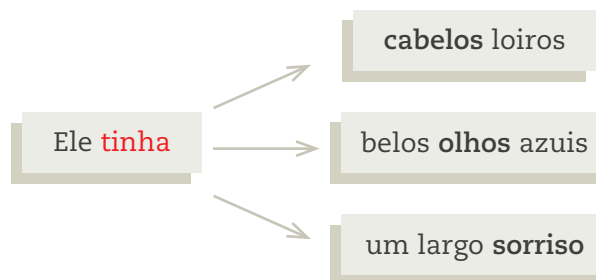


Análise, agora, o segundo exemplo. Ele representa mais uma maneira pela qual o paralelismo acontece.

Exemplo 2

Ele tinha cabelos loiros, belos olhos azuis e um largo sorriso.

Nesse caso, o esquema da frase seria o seguinte:



É como se houvesse uma oração composta por três outras de idêntica estrutura:

Ele tinha cabelos loiros.
 Ele tinha belos olhos azuis.
 Ele tinha um largo sorriso.

Quando as três frases são articuladas, acontece a omissão da expressão “ele tinha”, que é substituída pela vírgula. Veja:

Ele tinha cabelos loiros, [ele tinha] belos olhos azuis e [ele tinha] um largo sorriso.

E se fosse o enunciado a seguir, que diferença haveria?

Exemplo 3

Ele tinha cabelos loiros, belos olhos azuis e um grande senso de humor.

O terceiro atributo do sujeito, “um grande senso de humor”, não é da mesma natureza que os dois anteriores. Os dois primeiros são características físicas de *ele*, o sujeito de que se fala, e o terceiro, é aspecto da personalidade dele.

Ao contrário do exemplo 1, quando todos os elementos eram da mesma natureza – instrumentos musicais são objetos e enquadram-se na categoria gramatical *substantivos* –, e do exemplo 2, quando todas as características eram físicas, no exemplo 3 isso não acontece. Nele, os termos são da mesma categoria gramatical, mas não da mesma natureza **semântica**.

Quando acontece algo desse tipo na organização de um enunciado, o paralelismo é rompido, pois há um elemento que não é da mesma natureza que os demais.

Semântico

Aspecto relativo ao sentido e ao significado das palavras e dos enunciados.

O curioso é que esse rompimento pode provocar efeitos de sentido interessantes, como na clássica frase do escritor Machado de Assis. Dê uma olhada:

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000167.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

Ao ler esse trecho, você deve ter percebido que há, nele, uma ironia criada pelo seguinte rompimento: na primeira parte, o enunciado afirma que Marcela amou o homem durante “quinze meses” e, na segunda, *durante* “onze contos de réis”. Ora, todos sabem que “contos de réis” não são medidas de tempo (como ano, mês, dia, hora, minuto, segundo...), mas quantidade de dinheiro. Então, não é possível alguém amar uma pessoa *durante* onze contos de réis. Que efeito de sentido é criado, então, quando, pelo uso dessa expressão, a lógica é rompida?

Como você pode ter percebido, o texto acaba passando a ideia de que Marcela amou o homem *enquanto duraram os onze contos de réis* que ele, provavelmente, possuía, ou seja, quando o dinheiro acabou, ela se desapaixonou, o que a apresenta para o leitor como uma mulher interesseira.

Pode-se dizer que o rompimento do paralelismo, pelo encadeamento de dois elementos de natureza distintas, provocou o efeito de ironia. Disso pode-se concluir que a quebra do paralelismo pode provocar efeitos de sentido interessantes, podendo ser praticada intencionalmente, como o fez Machado de Assis.

No entanto, é importante focalizar a seguinte ideia: é preciso ter cuidado na organização dos enunciados quando se utiliza o paralelismo, pois o rompimento dele pode provocar efeitos indesejados e, até mesmo, incoerências que podem comprometer a compreensão do texto.

Veja mais um exemplo:

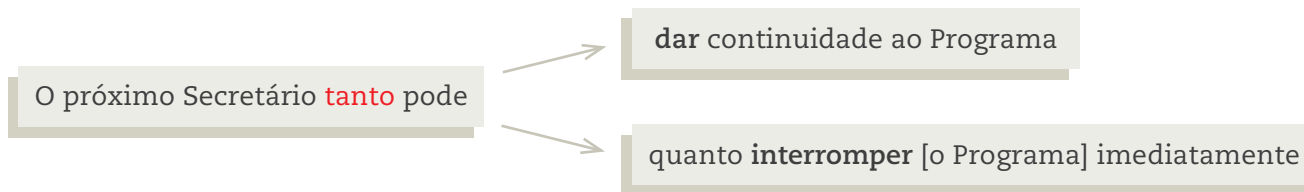
Exemplo 4

O próximo Secretário tanto pode dar continuidade ao Programa quanto interrompê-lo imediatamente.

Quando se analisa a frase, é como se ela tivesse sido composta por duas frases idênticas articuladas. Veja:

- O próximo Secretário pode dar continuidade ao Programa.
- O próximo Secretário pode interromper o Programa imediatamente.

Pode-se dizer que o esquema da frase seria o seguinte:



Observe que são duas frases com a mesma estrutura: a ação realizada (*pode*) e o realizador dessa ação (*o próximo Secretário*) são os mesmos; o que muda são os complementos (*dar continuidade ao Programa* e *interromper o Programa*).

Nesse caso, o paralelismo permitiu que duas frases distintas fossem transformadas em uma só por meio da utilização dos articuladores *tanto* e *quanto*, que possibilitaram a repetição implícita da estrutura *o próximo Secretário pode*. Veja:

- O próximo Secretário *tanto* pode dar continuidade ao Programa *quanto* [o próximo Secretário pode] interrompê-lo imediatamente.

Analise, agora, o que acontece no enunciado a seguir.

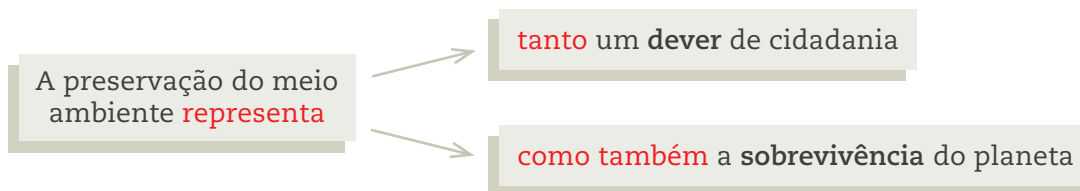
Exemplo 5

A preservação do meio ambiente representa **tanto** um dever de cidadania **como também** a sobrevivência do planeta.

Ao analisar esse enunciado, pode-se perceber que duas frases estruturalmente idênticas o compõem:

- A preservação do meio ambiente representa um dever de cidadania.
- A preservação do meio ambiente representa a sobrevivência do planeta.

O esquema a seguir sintetiza a relação entre ambas.



Pode-se afirmar que esse enunciado estabelece que a preservação do meio ambiente representa *dever* e *sobrevivência* – duas palavras que são da mesma

categoria gramatical, os substantivos; e que, além disso, são da mesma natureza semântica. Os termos *tanto* e *como também* – que são articuladores textuais – conectam as duas frases do enunciado na sua composição.

É possível afirmar, assim, que o paralelismo está realizado de maneira correta, tanto do ponto de vista sintático (estrutura, organização, relações gramaticais) quanto semântico (sentido).

Agora, suponha que esse enunciado fosse organizado da seguinte maneira:

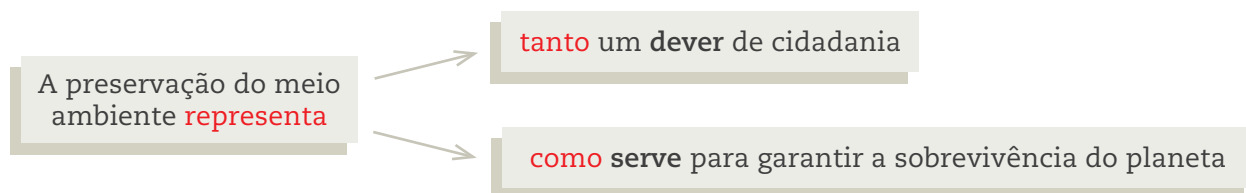
Exemplo 6

A preservação do meio ambiente representa **tanto** um dever de cidadania **como** serve para garantir a sobrevivência do planeta.

O que acontece? Que modificações são essas e o que representam? A análise mostra que duas frases integram sua composição:

- A preservação do meio ambiente representa um dever de cidadania.
- A preservação do meio ambiente serve para garantir a sobrevivência do planeta.

Esquemáticamente, a organização do trecho poderia ser a seguinte:



Quando esse enunciado é analisado, observa-se que a preservação do meio ambiente representa *dever* (...) e *serve para* (...), ou seja, são dois termos de natureza gramatical distinta – o primeiro é substantivo, e o segundo, verbo. O verbo *representa*, na verdade, não se articula com a segunda parte, pois nele a ação é *servir para*, e não *representar*. O paralelismo sintático não foi mantido com o uso dos articuladores *tanto* e *como*. Estes não podem ser empregados do modo como foram, pois rompem a cadeia de sentido.

Para que a articulação fosse feita por meio do paralelismo sintático, o enunciado deveria ser redigido da seguinte maneira:

A preservação do meio ambiente **tanto** representa um dever de cidadania **como** serve para garantir a sobrevivência do planeta.

Observe que o articulador *tanto* foi colocado antes do verbo. Nesse caso, as duas frases seguintes comporiam o enunciado:

- A preservação do meio ambiente representa um dever de cidadania.
- A preservação do meio ambiente serve para garantir a sobrevivência do planeta.

Dessa forma, o paralelismo seria realizado apenas no nível semântico, já que, das duas frases que originalmente constituiriam o enunciado, apenas a parte que se refere a quem pratica a ação (*a preservação do meio ambiente*) é conservada, não havendo uma retomada implícita da estrutura.

Para finalizar, é importante ressaltar que a utilização do paralelismo é uma escolha de quem escreve, não sendo a única possibilidade de encadeamento das ideias no texto. Esse mesmo período, por exemplo, poderia ser organizado de outros modos distintos, como os apresentados a seguir, que são alternativas também válidas.

- A preservação do meio ambiente representa um dever de cidadania, **pois** é preciso garantir a sobrevivência do planeta.
- A preservação do meio ambiente representa um dever de cidadania **quando se sabe que** é preciso garantir a sobrevivência do planeta.

Uma observação importante e uma dica fundamental

No estudo acima, havia exemplos nos quais foram utilizados diferentes articuladores que apareceram nos enunciados aos pares, como *tanto/quanto*; *tanto/como também*; *tanto/como*.

Exatamente por essa sua característica – a de serem empregados sempre aos pares –, são denominados de **pares correlativos**: eles criam no leitor uma expectativa de que a correspondência (simetria) entre os elementos de determinado enunciado seja mantida. Essa informação é importante por duas razões: *primeiro*, porque você mesmo pode ficar atento na leitura e, se conseguir antecipar o segundo elemento do par, vai ler com mais fluência, precisão e facilidade. *Segundo*, porque,

quando você escrever um texto, ficar atento para as escolhas feitas enquanto o organiza pode ajudá-lo a estabelecer as conexões adequadas, a articular corretamente as partes dele. Assim, se você utilizar um *tanto*, já sabe que mais à frente deve vir um *quanto* ou um *como*.

O quadro a seguir apresenta alguns exemplos de pares correlativos.

Quadro de pares correlativos de articuladores	
Pares correlativos	Exemplos
<i>tanto/quanto</i>	Ela gostava <i>tanto</i> de samba <i>quanto</i> de <i>reggae</i> . Ter cuidado ao dirigir é bom <i>tanto</i> para o motorista <i>quanto</i> para o pedestre.
<i>quanto mais/(tanto) mais</i>	<i>Quanto mais</i> ela chorava, <i>mais</i> ele se desesperava.
<i>não só/mas (como) também</i>	Ela é tão aplicada que <i>não só</i> estuda, <i>como também</i> trabalha.
<i>seja/seja; quer/quer; ora/ora</i>	Não importa, porque ela vai chegar a tempo, <i>seja</i> indo de ônibus, <i>seja</i> indo de carro.
<i>primeiro/segundo</i>	A atitude foi muito indelicada: <i>primeiro</i> , porque estava em ambiente de trabalho; <i>segundo</i> , porque criou um constrangimento enorme para os convidados.
<i>por um lado/por outro</i>	A decisão foi complicada, <i>por um lado</i> , porque não incluiu a todos na discussão e, <i>por outro</i> , porque não resolveu o problema.
<i>não/nem</i>	Não foi possível comprar na loja física <i>nem</i> pela internet.

ATIVIDADE

1

O paralelismo sintático e semântico na organização dos enunciados

Identifique os problemas dos enunciados e, a seguir, reescreva-os, de modo a corrigi-los. Apresente duas alternativas: uma mantendo o paralelismo e outra, não.

- A circular enviada ontem recomendou aos ministérios economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.

- Na entrevista de emprego mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.

- O novo diretor da escola é uma liderança nata, e que tem sólida formação acadêmica e muito envolvido com a comunidade escolar.

- Obedecer às leis de trânsito é necessário, importante e traz benefícios à segurança de todo motorista.



DESAFIO

Realize o exercício a seguir, presente em um exame de vestibular.

Amantes dos antigos bolachões penam não só para encontrar os discos, que ficam a cada dia mais raros. A dificuldade aparece também na hora de trocar a agulha, ou de levar o toca-discos para o concerto.

(Jornal da Tarde, 22/10/98, p. 1C)

- Tendo em vista que no texto acima falta paralelismo sintático, reescreva-o em um só período, mantendo o mesmo sentido e fazendo as alterações necessárias para que o paralelismo se estabeleça.
- Justifique as alterações efetuadas.

Fuvest 1999, 2ª fase. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest1999/provas/2fase/por992f.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Organizar textos é uma atividade para a qual não existe uma única solução, e sim um conjunto de possibilidades de respostas. Assim, é com esse olhar que você deve conferir o que escreveu. Procure compreender a ideia, o conceito envolvido para analisar a resposta que você deu e compará-la com as que foram apresentadas aqui. Na dúvida, recorra ao professor.

Atividade 1 - O paralelismo sintático e semântico na organização dos enunciados

1 No quadro a seguir você encontra formas possíveis de se reescrever o enunciado:

Com paralelismo	Sem paralelismo
<p>A circular enviada ontem recomendou aos ministérios economizar energia e elaborar planos de redução de despesas.</p> <p>A circular enviada ontem recomendou aos ministérios que economizassem energia e que elaborassem planos de redução de despesas.</p>	<p>A circular enviada ontem recomendou aos ministérios economizar energia; além disso, solicitou que elaborassem planos de redução de despesas.</p>
<p>Na entrevista de emprego mostrou determinação, inteligência, ambição e segurança.</p> <p>Na entrevista de emprego mostrou ser determinado, inteligente, ambicioso e seguro.</p>	<p>Na entrevista de emprego mostrou determinação, inteligência, ambição. Mas, o mais importante, foi demonstrar que não é inseguro.</p>
<p>O novo diretor da escola é uma liderança nata, dono de uma sólida formação acadêmica e um profissional muito envolvido com a comunidade escolar.</p>	<p>O novo diretor da escola é uma liderança nata. Além disso, possui uma sólida formação acadêmica e um grande envolvimento com a comunidade escolar.</p>
<p>Obedecer às leis de trânsito é necessário, importante e benéfico à segurança de todo motorista.</p>	<p>Obedecer às leis de trânsito é necessário e importante, pois traz benefícios à segurança de todo motorista.</p>

Desafio

a) “Amantes dos antigos bolachões penam não só para encontrar os discos, que ficam a cada dia mais raros, mas também pela dificuldade que aparece na hora de trocar a agulha dos toca-discos ou de levá-los para o concerto.”

b) O emprego da expressão articuladora *mas também* justifica-se pelo fato de que, além de indicar a noção de adição entre os elementos, confere destaque para alguns deles, como, por exemplo, para a manifestação da dificuldade que existe tanto para encontrar a agulha do toca-discos quanto para levá-los ao concerto.



Registro de dúvidas e comentários
